

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA**

RAMIRO FARIA DE MELO E SOUZA

O USO DA LETRA NA ESCRITA DO INCONSCIENTE

Rio de Janeiro - RJ

2019

RAMIRO FARIA DE MELO E SOUZA

O USO DA LETRA NA ESCRITA DO INCONSCIENTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, sob orientação da Prof. Dr. Amandio de Jesus Gomes

Rio de Janeiro - RJ

2019

CIP - Catalogação na Publicação

FS719o Faria de Melo e Souza, Ramiro
u O uso da letra na escrita do inconsciente /
Ramiro Faria de Melo e Souza. -- Rio de Janeiro,
2019.
108 f.

Orientador: Amandio de Jesus Gomes.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa
de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, 2019.

1. psicanálise. 2. escrita. 3. letra. 4.
significante. 5. sujeito. I. de Jesus Gomes,
Amandio , orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro para obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

RAMIRO FARIA DE MELO E SOUZA

Dissertação apresentada em ____/____/____

Orientador Prof. Dr. Amandio de Jesus Gomes
Universidade Federal do Rio de Janeiro

1ª Examinadora Profª. Drª. Angélica Bastos de Freitas Rachid Grimberg
Universidade Federal do Rio de Janeiro

2ª Examinadora Profª. Drª. Doris Luz Rinaldi
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais por tornarem possível meu caminho, sempre com carinho, ternura e acolhimento.

À Maria, parceira em todos os níveis, por estar comigo nos momentos felizes e tristes, fáceis e difíceis – e por torna-los sempre intensos.

À família, sempre em primeiro lugar.

A todos os professores da Teoria Psicanalítica da UFRJ, pelo trabalho sério e rigoroso com a psicanálise, que sempre suscita novas questões. Ao Amandio, supervisor ético e interlocutor fundamental para a confecção do presente trabalho.

À banca que, gentilmente, aceitou orientar-me neste percurso. À Angélica Bastos, pelo rigor da leitura, e à Doris Rinaldi, por aceitar participar deste percurso com suas pontuações precisas.

Ao CNPq e à FAPERJ, pelo apoio financeiro provido.

RESUMO

SOUZA, Ramiro Faria de Melo e. **O uso da letra na escrita do inconsciente**. Rio de Janeiro, 2019. 108f. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O presente trabalho teve por objetivo investigar primeiramente as relações que existem entre letra e significante para, em um segundo momento, investigar a relação da letra com a escrita do inconsciente, ou seja, a formalização da estrutura (dos discursos, do toro, da cadeia significante, enfim, do inconsciente). Para chegarmos lá, foi necessário primeiramente investigar a especificidade do significante e da letra no que diz respeito particularmente à identidade. Depois, propusemos uma relação entre significante e letra a partir da figura do toro e da noção de escrita no “Seminário XIX”. A intenção aqui foi mostrar que letra e significante se relacionam de uma maneira muito íntima. A letra, como demonstramos, desempenha o papel de resto estruturante, de significante recalcado. Finalmente chegamos à relação da letra com a formalização da estrutura pela via da impossibilidade, ou seja, do real. Vimos que a letra é sobretudo formal e se escreve desde os limites do simbólico. Chegamos ao fim deste percurso com maior desenvoltura em relação ao tema da letra e da escrita em psicanálise, assim como aos termos que o rodeiam: gozo, real, impossível, estrutura, significante, sujeito.

Palavras-chave: escrita; letra; significante; formalização; real

RÉSUMÉ

SOUZA, Ramiro Faria de Melo e. **L'utilisation de la lettre dans l'écriture de l'inconscient** Rio de Janeiro, 2019. 108f. Dissertation. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Le présent travail visait à étudier d'abord les relations entre la lettre et le signifiant, afin d'enquêter sur la relation entre la lettre et l'écriture de l'inconscient, c'est-à-dire la formalisation de la structure (des discours, du tore, de la chaîne signifiant, en bref, de l'inconscient). Pour y arriver, il fallait d'abord examiner la spécificité du signifiant et de la lettre en ce qui concerne l'identité. Ensuite, nous avons proposé une relation entre le signifiant et la lettre par la figure du tore et la notion d'écriture dans "Séminaire XIX". L'intention ici était de montrer que la lettre et le signifiant sont liés d'une manière très intime. Comme nous l'avons montré, la lettre joue le rôle de déchet structurant, de signifiant refoulé. Nous arrivons enfin à la relation de la lettre avec la formalisation de la structure par le biais de l'impossibilité, c'est-à-dire du réel. Nous avons vu que la lettre est principalement formelle et est écrite à partir des limites du symbolique. Nous arrivons à la fin de ce parcours avec plus de facilité en ce qui concerne le thème de l'écriture et de l'écriture psychanalytique, ainsi que les termes qui l'entourent: jouissance, réel, impossible, structure, signifiant, sujet.

Mots-clés: écriture; lettre; signifiant; formalisation; réel.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - A letra e o significante	
I.1.a. O significante enquanto $x \neq x$	13
I.1.b. Significante, letra e ruptura do signo	17
I.2. A letra enquanto $x=x$: passagem ao real	18
CAPÍTULO II - A relação entre letra e significante: resto estruturante e significante recalcado	
II.1. O resto estruturante: letra, significante e toro	23
II.1.a. Demanda, desejo: apresentação da figura do toro	23
II.1.b. O objeto (a) e o nada	34
II.1.c. Significante e letra: o resto estruturante	41
II.2. A escrita e a letra como significante recalcado	52
II.2.a. Letra: significante recalcado, borda do vazio	53
CAPÍTULO III - A formalização discursiva	
III.1. "A Carta Roubada": o <i>caput mortuum</i> do significante	59
III.2. A escrita dos discursos e a formalização do impossível	70
III.2.a. A relação entre fala e escrita na formalização	71
III.2.b. A estrutura dos discursos	74
III.2.c. O avesso da psicanálise	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106

INTRODUÇÃO

As conceituações ao redor da letra e da escrita são abundantes no trabalho de Lacan. Desde o seminário sobre "A carta roubada" (1955), de Poe, essas conceituações começam a ser tecidas. Daí em diante, proliferam referências no ensino lacaniano. Por conta disso, há inúmeras relações que podemos estabelecer a partir desses termos: pode-se falar sobre letra e sua relação com o gozo (fálico, do Outro), o real, o nó, etc.; sobre a escrita e sua relação com os ideogramas, a caligrafia, o traço, por aí adiante. Desta forma, torna-se impraticável propor um percurso de trabalho que abarque todas as diversas relações multifacetadas que ambos os termos mantêm: tanto por conta da impossibilidade de sustentarmos um edifício teórico coeso mediante tantas referências que, por vezes, parecem contradizer umas às outras, quanto pelo risco que correríamos, ao tentar dar conta das múltiplas referências, de propor um caminho por demais confuso e sinuoso. Nosso esforço, então, é tentar delimitar, a partir de algumas referências fundamentais de Lacan, três eixos de pesquisa que correspondem a três apostas que fazemos.

O primeiro eixo abordará o significante e a letra em suas particularidades. Ainda que, no eixo subsequente, o objetivo seja pensar a relação entre eles, em um primeiro momento precisaremos situar de maneira adequada tanto a letra quanto o significante em suas propriedades únicas. Partimos da aposta, portanto, que ambos os termos não se confundem ao longo do ensino lacaniano: há características próprias a um que não se confundem com o outro. Ainda que certa mistura possa prestar-se à confusão no próprio texto de Lacan, colocaremos em evidência suas exclusividades até para conseguirmos dar mais ênfase em suas interseções.

Primeiramente colocaremos o significante em evidência, colocando relevo em sua propriedade diferencial, ou seja, sua não identidade consigo mesmo, escrito como " $x \neq x$ ". Trataremos esta propriedade como fundamental à definição de significante - como no "Seminário IX - A identificação". Outra propriedade fundamental - e axiomática, segundo o próprio Lacan - é a incapacidade do significante de significar a si mesmo. Ambas as características serão expostas para pensarmos, enfim, na ruptura do signo que o significante impõe.

Em um segundo momento a letra será protagonista. Em oposição ao significante, a letra pode ser escrita como idêntica a si mesma ($x=x$). Veremos que, apesar disso, a letra não significa a si mesma, ou seja: sua identidade não é significativa, mas puramente sem sentido, refratária ao referente externo ou a qualquer coisa palpável ou concreta. A

letra de que se trata é a da fórmula matemática, como as letras que compõem a equação da gravidade. Em suma: a letra é um lugar vazio, uma função algébrica. Cabe ressaltar, entretanto, que a identidade radicada em $(x=x)$ é extremamente problemática e paradoxal. A figura do paradoxo nos é cara neste trabalho: é por ela que situaremos a relação entre o significante e a letra. De passagem, é necessário aproximar a noção de paradoxo àquela do impossível em Lacan: ambos apontam para um limite do próprio simbólico. Lacan chama de "real" a este limite. É precisamente a letra que é convocada para circunscrever este limite: é por conta disso, portanto, que ela é chamada precisamente nesse lugar paradoxal da identidade, lugar impossível ao simbólico. Será necessário, portanto, abordar a relação da letra com o real.

O segundo eixo procura investigar a relação entre significante e letra. Tentaremos sustentar que a letra ocupa uma função paradoxal em relação ao significante: ao mesmo tempo que, em alguns momentos do ensino de Lacan, ela vem demonstrar a essência do significante como seu suporte material, é também por um efeito da cadeia significante que a letra se produz. Decerto, em diversos momentos do ensino lacaniano, a letra vem demonstrar a essência do significante, como no "Seminário IX - A identificação" (1961-2), em "A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud" (1957) ou em uma de suas palestras nos Estados Unidos, de 1975, quando ele afirma que o significante é a letra. Contudo, as divergências entre ambos também se mostram com grande frequência na obra de Lacan: "Seminário XVIII - De um discurso que não fosse do semblante" (1971) - especialmente a sétima lição, "Lituraterra", "Seminário XX - Mais, ainda" (1972-3), "A Terceira" (1974). Em todos esses textos, Lacan sustenta que há uma diferença entre significante e letra, ainda que não haja oposição (eles não são mutuamente exclusivos). A problemática que se coloca sobre a relação entre significante e letra - que se resume em a letra ser ora estrutura, ora produto - começará a ser dissolvida quando considerarmos esta relação a partir de uma via topológica. Será necessário explicitarmos o longo percurso de Lacan no "Seminário IX" para apresentar a figura do toro. Central na elaboração de Lacan sobre o movimento pelo qual o sujeito desejante se produz em análise, a figura do toro será detalhadamente trabalhada neste trabalho, sempre tendo em vista que é para pensarmos a relação entre letra e significante que a procuramos. Situaremos também a emergência do objeto (a) como a borda de um mesmo, de um "x", que, em última instância, é a própria emergência da letra a partir do significante. O toro é a própria escrita da dinâmica entre significante e letra. Tentaremos mostrar que, por ser idêntica a si mesma, a letra enoda um real que é produzido como resto da insistência

significante. Um resto que, contudo, é estruturante em relação à cadeia significante e ao sujeito: *caput mortuum* do significante, como em "A carta roubada": em última instância, trata-se do objeto (a) e da repetição de que é efeito. A letra, fortemente associada à escrita, se apresenta como absolutamente sem sentido e sem significação. Se, ao significante, a significação apenas advinha a partir da cadeia, à letra ela é vetada inteiramente. Fruto da insistência da cadeia simbólica, a letra como resto estruturante. Não é à toa que, como veremos, a letra está intimamente associada à compulsão à repetição e às ordenações da cadeia. Veremos, ao fim desse eixo, que podemos pensar a escrita como a maneira privilegiada de pensarmos a relação entre significante e letra. Se, no início deste eixo, nos debruçamos sobre a escrita do toro como exemplo da relação entre ambos os termos, concluiremos o capítulo com a proposta de que a escrita sempre entra em jogo quando se trata dessa relação. Segundo Lacan, algo opera uma transmutação do significante à letra. Apostamos que a escrita é responsável por essa transmutação, uma vez que, a partir dela, a letra vem representar o significante recalcado. Apontamos logo de início que, para a letra vir a ocupar a posição de significante recalcado, é sobretudo por sua relação com a cadeia simbólica. A letra, neste sentido, não se apresenta como exclusivamente real, alijada do significante.

Em nosso terceiro eixo, iremos nos deter especificamente na formalização do inconsciente pela escrita. Propomos que, para Lacan, sempre que a escrita entra em jogo, trata-se de uma "escrita do inconsciente". O que está em jogo para Lacan é a tentativa de formalização do inconsciente, de seu funcionamento e suas impossibilidades. Neste sentido, o uso das letras e a referência à matemática se direcionam a uma tentativa de pensar a clínica, o inconsciente e o sujeito que lhe é correlato. Desde as primeiras tentativas de formalização - o que Lacan chama de um retorno à "experiência freudiana" em 1953¹ - o que está em jogo é a elaboração do funcionamento do inconsciente através da lógica. Para chegar aí, Lacan se utiliza da letra. É claro que a escrita e a letra mantêm uma estreita relação: no "Seminário IX" fica evidente quando Lacan fala sobre letra, traço e a escrita que daí advém. Desde que a escrita entra em jogo, é sobretudo a partir de um trabalho lógico-matemático, sustentado em "pequenas letrinhas", que ela se desenvolve. Uma vez que a letra é a via privilegiada de ex-sistência do real, não surpreende que ela seja tomada de forma matemática e lógica. Em "Talvez em Vincennes..." (1975/2003b), Lacan deixa claro: a ciência do real é a lógica. Neste sentido, destacaremos logo de início

¹ Cf. "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise".

que o trabalho com a escrita se faz desde um viés matemático². É a matemática que produz a operação radical da mudança de um mundo aristotélico para um mundo moderno. A ciência que daí adveio só foi possível a partir da formalização matemática (KOYRÉ, 2011). Lacan, que mais de uma vez coloca Koyré como "nosso guia", não estava desatento a isso: a escrita é instrumental uma vez que lhe permite formalizar a psicanálise. Destacaremos então dois momentos fundamentais dessa estruturação que a escrita possibilita: o primeiro dirá respeito à tentativa de formalização da cadeia significante no "Seminário sobre 'A Carta Roubada'" (1955). Veremos qual papel desempenha a letra nesta formalização a partir da noção introduzida por Lacan de *caput mortuum*. O segundo momento que gostaríamos de destacar diz respeito à estrutura do discurso. No "Seminário XVII - o avesso da psicanálise", Lacan declara de modo muito direto que procura "um discurso sem palavras", ou seja, um discurso que conseguisse escapar à fala e à significação para se mostrar em sua estrutura. Avançaremos, ainda que apenas um pouco, no debate entre fala e escrita para Lacan. Como a fala é sempre produção incessante de significação, é a partir do trabalho com a escrita que torna-se possível ir além das palavras, até o mais estrutural do discurso. Veremos que os quatro discursos fundamentais (histórica, mestre, universitário e analista) se relacionam com a formalização matemática - novamente a partir do uso de letras - que só a escrita possibilita. Neste momento, ficará nítido o papel estrutural que a escrita sempre desempenhou no ensino de Lacan: a letra, dependente da escrita, vem demonstrar a estrutura do significante a partir de seu resto (*caput mortuum*); a escrita, tomada em sua perspectiva lógico-matemática, demonstra as quatro estruturas discursivas. Veremos, por fim, que é por esta característica estrutural que uma impossibilidade é colocada em jogo e, por conseguinte, a ex-sistência do real. Neste sentido, o real depende de uma operação lógica que opera nos limites da própria cadeia simbólica. Enquanto impasse na formalização, é dependente das letras e da escrita que operam colocando o próprio significante como ponto limítrofe. Veremos que mais uma vez a letra se apresenta com características semelhantes às que já terão sido elencadas no segundo eixo: figura da repetição, marca de um vazio, contorno de uma ausência, passagem ao real.

² Vale ressaltar, ainda que apenas de passagem, que a lógica nem sempre foi alinhada ao campo da matemática. A lógica proposicional, por exemplo, não se aproxima da matemática de modo tão próximo quanto a lógica a partir do século XIX. É esta última, mais próxima da matemática, que interessa a Lacan.

CAPÍTULO I - O significante e a letra

A polêmica gerada pela relação entre significante e letra na obra de Lacan é enorme. Por vezes, parece que a letra é exclusivamente real e o significante exclusivamente simbólico. Em outros momentos, que a letra e o significante se confundem, mas depois se distanciam significativamente. A própria leitura de Lacan corrobora a polêmica: se, em 1961-2, quando do "Seminário IX - A identificação", a letra era justamente "essa essência do significante por onde ele se distingue do signo" (LACAN, 1961-2, p.22), em 1972-3, no "Seminário XX - Mais, ainda", a letra e o significante parecem dizer respeito a coisas diferentes. Neste momento a escrita, que por excelência tem relação com a letra, "não é de modo algum do mesmo registro, da mesma cepa, se vocês me permitem esta expressão, que o significante" (*id.*, 1985c, p.41). A ideia de que há uma evolução no pensamento de Lacan é desfeita tão logo nos damos conta que, em 1975, em uma de suas palestras nos Estados Unidos, ele afirma que "o significante, é a letra." (*id.*, 2016, p.95). Ao invés de tentarmos dissolver as aparentes contradições entre significante e letra, tentaremos trabalhar cada um dos termos no que pensamos ser suas características principais para na sequência propormos uma relação entre ambos.

I.1.a. O significante enquanto $x \neq x$

Há duas características fundamentais que procuramos ressaltar em relação ao significante. A primeira é a destacada no subtítulo, ou seja: a propriedade do significante de não ser idêntico a si mesmo. Sua segunda característica principal é não possuir qualquer tipo de significado ou referente externo. Esta característica é apontada por Lacan inúmeras vezes ao longo de seu ensino: o significante, enquanto tal, não significa nada (LACAN, 1985b). As duas características têm relação, contudo não são idênticas. Dizer que o significante não significa nada não implica em sua não identidade para consigo mesmo. É claro que ambas as características atuam em um mesmo sentido, mas não são equivalentes: propor que "a" é "a" pode ser uma identidade, mas não quer dizer que isso signifique alguma coisa. É necessário haver uma relação para que um significado se produza. Iremos abordar esquematicamente cada uma dessas características, para enfim tecer comentários acerca da produção de significação implicada pela fala.

No "Seminário IX - A identificação", a equação que pretendemos estabelecer ($x \neq x$) se apresenta com clareza em relação ao significante. Este seminário, como o próprio título indica, gira em torno primordialmente da questão da identificação do sujeito. Apesar desse tema não ter lugar no escopo de nosso objetivo nesse momento, a elaboração que Lacan fará ao longo deste ano toca em questões fundamentais para pensarmos o significante e sua não identidade. Deste modo, ainda que a exposição que vá se seguir agora não aborde o problema central do seminário em questão, podemos extrair, nas laterais do propósito lacaniano deste momento, consequências esclarecedoras para nosso objetivo. Cabe ressaltar ainda assim que, embora neste momento iremos passar à margem das relações específicas do sujeito com o significante, esta temática será fundamental para nosso segundo capítulo, quando retornaremos ao "Seminário IX" para pensarmos as relações entre letra, significante e sujeito.

Lacan abre o seminário indicando que a identificação é, antes de tudo, uma relação primordial do sujeito com o significante: "que isso de que se trata deva ser, propriamente, na identificação, a relação do sujeito ao significante"³⁴ (LACAN, 1961-2, p.4). O que está em questão, neste momento, é pensar a relação de unidade que o significante instaura. Mais especificamente, Lacan pensa o étimo da palavra "identificação": identidade, idêntico, *idem*. Pode-se dizer que o que está em jogo neste primeiro momento de relação significante é a relação com o *idem*, com o mesmo? Mais especificamente: pode-se dizer, como Lacan investiga, que "A é A"?

"A é A" não é uma proposição trivial, pois toca exatamente na questão da estrutura do significante. Lacan mostra como que esse problema, desde "Parmênides" de Platão, acossa a filosofia, a lógica e os matemáticos. Russel, Wittgenstein, Frege e outros se debruçaram sobre a questão da unidade e da identidade que esta equação evoca. O interesse de Lacan é mostrar como que ela demonstra a função significante a partir do problema da unidade. Desde o início, é categórico ao dizer que a proposição "A é A" não é verdadeira:

essa fecundidade, esse tipo de determinação que é suspensa a esse significado do "A é A" não poderia repousar sobre sua verdade pois ela não é verdadeira, esta afirmação (...) que A não pode ser A, é isto que eu gostaria de início colocar em evidência para vocês, justamente para fazer vocês compreenderem que é de alguma coisa que tem relação com este fato objetivo [no sentido cartesiano] que se trata, e até nesse falso

³ Livre tradução. Trecho original: "*que ce dont il s'agit doit être proprement dans l'identification le rapport du sujet au signifiant.*"

⁴ Todas os trechos do presente trabalho que não constam em publicações brasileiras oficiais foram traduzidos livremente do site www.staferla.free.fr

efeito de significado que não é aí senão sombra e consequência que nos deixa preso a esse tipo de primeiro impulso que há em "A é A". Que o significante seja fecundo por não poder ser em nenhum caso idêntico a si mesmo, entendam bem o que eu quero dizer aí: é totalmente claro que eu não estou querendo que vocês percebam que não há tautologia em dizer que "a guerra é a guerra"⁵ (*ibid.*, p.21-2)

Apresenta-se de maneira evidente uma das características fundamentais do significante que queremos destacar. Como Lacan afirma, não se trata de dizer apenas que não há tautologia na proposição "a guerra é a guerra". Não há, uma vez que se trata da marcação de dois lugares discursivos diferentes determinados por todos os efeitos de ambiguidade que o significante impõe: pode-se se dizer, por exemplo, que esta frase significa "está-se em estado de guerra", o que desencadeia inúmeras outras ambiguidades sobre o que seria o estado de guerra. De toda forma, Lacan deixa claro que não há tautologia em "A é A", ou seja, já está marcada uma diferença em relação aos dois lugares. Contudo, o que o interessa mais detidamente não é simplesmente o fato de que não haja tautologia e sim, como ele mesmo diz, que no próprio "A" está inscrito que ele não pode ser idêntico a si mesmo. Podemos observar, então, duas diferenças que o significante impõe neste exemplo: uma que diz respeito à tautologia e que poderemos pensar como relacional ("a guerra é a guerra", como vimos) e outra, mais fundamental para Lacan neste momento, que poderíamos chamar de propriamente diferencial e diz respeito ao que será tratado em relação à unidade do significante:

não porque o primeiro A e o segundo A querem dizer coisas diferentes que eu digo que não há tautologia: é no estatuto mesmo do A que está inscrito que A não pode ser A (...) A como significante não pode de nenhuma maneira se definir, senão como não sendo o que são os outros significantes (...) que ele não possa se definir como não sendo todos os outros significantes, disso depende a dimensão de que é igualmente verdadeiro que ele não poderia ser si mesmo⁶ (*ibid.*, p.22)

É justamente por esse motivo que não pode ser verdadeiro que A seja A: a unidade significante é sempre diferencial, sustentada numa alteridade radical. O significante não

⁵ Livre tradução. Trecho original: "*Cette fécondité, cette sorte de détermination qui est suspendue à ce signifié du « A est A » ne saurait reposer sur sa vérité puisqu'elle n'est pas vraie, cette affirmation. (...) que A ne peut pas être A, c'est cela que je voudrais d'abord mettre pour vous en évidence, justement pour vous faire comprendre que c'est de quelque chose qui a rapport avec ce fait objectif qu'il s'agit, et jusque dans ce faux effet de signifié qui n'est là qu'ombre et conséquence qui nous laisse attaché à cette sorte de primesaut qu'il y a dans le « A est A ». Que le signifiant soit fécond de ne pouvoir être en aucun cas identique à lui-même entendez bien là ce que je veux dire : il est tout à fait clair que je ne suis pas en train - quoique cela vaille la peine au passage pour l'en distinguer - de vous faire remarquer qu'il n'y a pas de tautologie dans le fait de dire que « la guerre est la guerre ».*"

⁶ Livre tradução. Trecho original: "*Si je pose qu'il n'y a pas de tautologie possible, ce n'est pas en tant que A premier et A second veulent dire des choses différentes que je dis qu'il n'y a pas de tautologie: c'est dans le statut même de A qu'il y a inscrit que A ne peut pas être A. (...) A comme signifiant ne peut d'aucune façon se définir, sinon que comme n'étant pas ce que sont les autres signifiants. (...) qu'il ne puisse se définir que de ceci justement de n'être pas tous les autres signifiants, de ceci dépend cette dimension qu'il est également vrai qu'il ne saurait être lui-même.*"

é nada senão o suporte de uma diferença em relação a si mesmo: $x \neq x$. Mesmo ao tentar repetir-se como idêntico, como veremos no próximo capítulo, o significante está fadado estruturalmente a repetir-se diferencialmente. Esta relação, como Lacan aponta, está inscrita na própria natureza do significante. Neste sentido, não há possibilidade de se instaurar uma relação unívoca ou totalizante a partir do uso do significante. Quando ele entra em jogo, já está marcado por duas diferenças: dele com todos os outros significantes e dele consigo mesmo.

No "Seminário XIV - A lógica do fantasma", Lacan dá continuidade ao seu trabalho. Neste momento, ele precisa uma definição axiomática do que seria o significante:

Axioma que é aquele que coloquei na última vez: que o significante, este significante que até aqui defini por sua função de representar um sujeito para um outro significante - esse significante, o que representa diante de si mesmo, em sua repetição de unidade significante? Isto é definido pelo axioma: que nenhum significante, fosse ele - e muito precisamente quando o é - reduzido à sua forma mínima, aquela que nós chamamos a letra, poderia significar-se a si mesmo. (...) toda enunciação correta de um uso qualquer de letras (...) necessitará de todo professor - e é isso que fazia, ele mesmo, Markov -, a etapa de qualquer maneira propedêutica para bem fazer sentir o que há de impasse, de arbitrário, de absolutamente injustificável, neste emprego, na segunda vez, do A (totalmente verossímil, aliás) para representar o primeiro A como se fosse sempre o mesmo⁷ (LACAN, 1966-7, p.14)

Reverbera a definição anterior: o segundo emprego do "A" nunca pode ser considerado como se fosse o mesmo do primeiro. O significante não é idêntico a si mesmo, podendo apenas se remeter a uma cadeia de significantes para estabelecer uma relação. Neste momento, entretanto, Lacan define como axiomático o fato de que o significante jamais poderia significar a si mesmo. Cabe ressaltar a importância do termo "axiomático" para esta definição: trata-se de um fundamento do significante, sem o qual este não poderia existir. Havendo significado, o significante não é enquanto tal. É precisamente isto que estava em questão em 1957, quando Lacan se esforça por manter a autonomia do significante em sua subversão do algoritmo saussuriano. Pode-se dizer que em Saussure o significante significa. Há um acoplamento, na teoria linguística, de um

⁷ Livre tradução. Trecho original: "Axiome qui est celui que j'ai avancé la dernière fois: que le signifiant... ce signifiant que nous avons jusqu'ici défini de sa fonction de représenter un sujet pour un autre signifiant... ce signifiant, que représente-t-il en face de lui-même, de sa répétition d'unité signifiante ? Ceci est défini par l'« axiome »: qu'aucun signifiant... fut-il - et très précisément quand il l'est - réduit à sa forme minimale, celle que nous appelons la lettre... ne saurait se signifier lui-même (...) toute énonciation correcte d'un usage quelconque des lettres (...) nécessitera de tout enseignant, et c'est ce que faisait MARKOV lui-même, l'étape en quelque sorte propédeutique de bien faire sentir ce qu'il y a d'impasse, d'arbitraire, d'absolument injustifiable, dans cet emploi, la seconde fois, du A (toute apparente d'ailleurs) pour représenter le premier A comme si c'était toujours le même."

significante a um significado: o signo. Deste modo, o significante não ganha uma autonomia própria. Ainda que ele seja arbitrário, ligado a um significado por mero acaso, ele é pensado a partir do significado que lhe foi atribuído na história. O que interessa a Lacan é sobretudo romper com este pensamento. Para tanto, Lacan subverte a barra imposta por Saussure: o significante não só não representa um significado, como, de fato, não significa por si só. Uma vez a operação da barra subvertida, o significante se mostra em sua independência: autônomo em relação a qualquer referencial externo, absolutamente desprovido de significação. Este é o ponto crucial da subversão da linguística operada por Lacan: não só o significante é independente em relação a qualquer significado, como sequer é idêntico a si mesmo. A produção de significação, contudo, lhe é coextensiva pela fala, onde há sempre uma remissão incessante de significantes a outros significantes. Para extrairmos todas as consequências do significante para Lacan, precisaremos dar mais ênfase à ruptura do signo que está em jogo.

I.1.b. Significante, letra e ruptura do signo

A proposição de Lacan, em última instância, é fazer o significante tornar-se independente em relação ao signo. Podemos propor que ambas as características elucidadas aqui - a não identidade consigo mesmo e a incapacidade de produzir sua própria significação - são centrais para que o significante seja pensado independentemente em relação ao signo. Ao passo que este é pensado sobretudo como um feixe de significações, como um referencial estável para um certo número de situações, o significante não comporta significações necessárias nem serve de referencial. Segundo Goldenberg, é justamente pelo tratamento do significante em sua materialidade de letra que conseguimos extirpar o que de signo pode insistir nele:

posso aceitar a definição de analisar um sintoma como esvaziá-lo de gozo, desde que se entenda por isso sintetizar as suas significações numa fórmula mínima. O que deve reduzir-se é a proliferação de significados que ele gera enquanto funciona como signo. Reduzir o signo a uma letra significa localizar seu valor de significante. Interpretar um ato falho, um sonho ou um sintoma é precisamente esvaziá-los de sentido, reduzindo-os a um significante que, ao estar separado dos outros, em sua condição de letra já não possui sentido algum (GOLDENBERG, 2018, p.161)

Goldenberg toca em um ponto crucial para o nosso trabalho que diz respeito justamente à relação entre significante e letra: é pela redução do que se apresenta como signo - determinado por uma série de significações, determinante de uma série de

condutas - a uma letra que podemos localizar o valor significante. Neste aspecto, não se trata de confundir as duas instâncias - letra e significante -, mas de mostrar como que elas operam em uma relação íntima. Veremos adiante que uma das características do significante é oposta ao que podemos falar de letra em relação à identidade consigo mesmo. O significante jamais repete-se como mesmo, mas como diferença. Contudo, a outra característica - não significar-se a si mesmo - está em jogo na letra também, justamente porque esta é absolutamente sem sentido e significado. Será necessário destacar que é justamente pela escrita - matemática, topológica - que a letra comparece demonstrando a impossibilidade do significante, em última instância, de significar-se a si mesmo. Ainda que este esteja sempre fadado à significação pela fala, a escrita vem demonstrar o advento da letra que, por sua vez, localiza a função do significante de jamais significar a si mesmo. As consequências desta operação dizem respeito, por um lado, à própria emergência do sujeito e do real e, por outro, ao limite entre significante e letra.

I.2. A letra enquanto $x=x$: passagem ao real

A letra, como dissemos, é inteiramente resistente à significação. Desde que Lacan começa a utilizá-la, o que interessa é seu caráter completamente desprovido de significação. O significante, como vimos anteriormente, também o é em sua estrutura. Porém, quando articulado em um discurso através da fala a significação é inevitável. A letra, em contrapartida, pode ser tomada em sua especificidade. Não é à toa que a formalização do discurso, como veremos no último capítulo deste trabalho, se dá através do manejo de letras pela escrita: o que está em jogo é a capacidade de encontrar um "discurso sem palavras", como Lacan comenta no "Seminário XVI - De um Outro ao outro" (LACAN, 2008). A formalização se torna possível precisamente por ir além da fala e em direção a uma escrita. Ao invés da incessante produção de significado que está em jogo na cadeia significante e na fala, a letra permite que algo se circunscreva estruturalmente. Vale ressaltar que a letra com a qual Lacan trabalha é sobretudo articulada por um viés lógico-matemático. Trata-se, como dissemos, da possibilidade de uma formalização do significante e de sua estrutura. É a matemática, símbolo da transição do mundo aristotélico para o moderno, que entra em cena para Lacan:

Naturalmente, é evidente que a linguagem é utilizada para ensinar ciência, mas as fórmulas científicas são expressas sempre por meio de pequenas letras. $1/2 mv^2$, como relação entre a massa e a aceleração da velocidade, não pode ser explicada pela linguagem senão pelos mais

longos desvios. Sua significação precisa ser estritamente limitada e, ainda assim, não é perfeitamente satisfatória. Por exemplo, quando tratamos com elétrons, nós já não sabemos o que entendemos realmente por massa ou velocidade, porque somos incapazes de mensurá-los. (LACAN, 2016, p.39).

Havíamos dito que o significante enquanto tal, assim como a letra, é absolutamente desprovido de significado. Isto quer dizer, afinal, que letra e significante são sinônimos? Poderíamos pensar que sim - ainda mais pela relação que eles mantêm entre si em alguns momentos da teoria lacaniana. Contudo, há divergências que devem ser abordadas e que podem ser resumidos sob esta fórmula: ao passo que o significante pode ser escrito como $x \neq x$ (não idêntico a si mesmo), a letra pode ser escrita como $x = x$ (idêntica a si mesma). Ainda que a letra apresente a mesma qualidade do significante em relação ao significado e ao referente, é pelo fato dela ser escrita que ela adquire suas características próprias.

Vimos, no "Seminário IX - A identificação", Lacan às voltas com a problemática em torno da proposição "A é A" ou, como podemos modificar para nosso propósito, " $x = x$ ". Ao longo de todo o seminário, Lacan sustenta que "A é A" não é verdadeira, uma vez que, em relação ao significante, A é sempre diferente de A. Está inscrito no próprio significante a não identidade. Uma citação enigmática de Lacan, contudo, parece apontar para uma solução diferente para esta problemática no que diz respeito à letra escrita:

porque - se nós ilustramos isso em aplicação de que tínhamos dito que não se trata de nada além do uso sistemático de uma letra - de reduzir, de reservar à letra sua função significante para fazer sobre ela, e somente sobre ela, repousar todo o edifício lógico, nós chegamos a essa coisa muito simples, que é totalmente e simplesmente que isso retorne ao que acontece quando nós encarregamos a letra (a) por exemplo - se nós especularmos sobre o alfabeto - de representar como letra (a) todas as outras letras do alfabeto. Das duas uma: ou nós enumeramos as outras letras do alfabeto de b a z, em que a letra (a) as representará sem ambiguidade sem, no entanto, se compreender ela mesma, mas está claro, por outro lado, que, representando essas letras do alfabeto enquanto letra, ela vem naturalmente, não diria de modo algum enriquecer, mas completar o lugar do qual nós a havíamos retirado, excluído, a série das letras, e simplesmente nisso, que, se nós partimos de que a fundamentalmente não é de modo algum a, não há nenhuma dificuldade: a letra a, no interior do parêntese onde estão orientadas todas as letras que ela vem simbolicamente subsumir, não é o mesmo e ao mesmo tempo é o mesmo⁸ (LACAN, 1961-2, p.64)

⁸ Livre tradução. Trecho original: "*Car - si nous illustrons ceci en application de ce que nous avons dit qu'il ne s'agit de rien d'autre que de l'usage systématique d'une lettre - de réduire, de réserver à la lettre sa fonction signifiante pour faire sur elle, et sur elle seulement, reposer tout l'édifice logique, nous arrivons à ce quelque chose de très simple, que c'est tout à fait et tout simplement, que cela revient à ce qui se passe quand nous chargeons la lettre (a) par exemple - si nous nous mettons à spéculer sur l'alphabet - de représenter comme lettre (a) toutes les autres lettres de l'alphabet. De deux choses l'une: ou les autres lettres de l'alphabet, nous les énumérons de b à z en quoi la lettre (a) les*

A parte enigmática se coloca especialmente no final. A letra "a", enquanto subsunção de um conjunto, ao mesmo tempo não é e é ela mesma. Não é, pois ela não consegue compreender a si mesma como parte do conjunto que ela compreende, porém Lacan diz que ao mesmo tempo ela é - sem muitas explicações. Como haveríamos de entender essa passagem? Por qual artifício algo poderia ser e não ser ao mesmo tempo? Aqui ressoa uma passagem do seminário sobre "A Carta Roubada", no qual essa problemática, de modo ainda mais rudimentar, se anuncia. Neste texto, Lacan diz que uma carta/letra⁹ sempre chega ao seu destino. Outra frase que pode parecer enigmática. Contudo, o desenvolvimento que ele dá no texto nos ajuda a pensar esta questão. Ao discorrer sobre o caráter unitário do significante, Lacan diz que uma carta/letra - de modo parelho, ainda que não idêntico, ao "Seminário IX - sempre está e não está ali: "não podemos dizer da carta/letra roubada que, à semelhança de outros objetos, ela deva estar *ou* não estar em algum lugar, mas sim que, diferentemente deles, ela estará *e* não estará onde estiver, onde quer que vá." (LACAN, 1998a, p.27). Isto porque a carta/letra não é um objeto como outro qualquer: não é um livro na estante, segundo o exemplo do próprio Lacan. A carta/letra é um objeto extremamente particular. A ideia segundo a qual os objetos que existem devem estar ao alcance das mãos é uma "imbecilidade realista", segundo Lacan. Imbecilidade que acoisa o departamento policial, pois a busca deles escarafuncha até o osso o espaço físico onde a carta/letra deveria estar. Essa busca de nada adianta. A carta/letra não é encontrada na realidade pois é um objeto que não se encontra no mundo fenomênico, e sim, como Lacan diz, numa passagem ao real:

só se pode dizer que algo falta em seu lugar, à letra, daquilo que pode mudar de lugar, isto é, do simbólico. Pois, quanto ao real, não importa que perturbação se possa introduzir nele, ele está sempre e de qualquer modo em seu lugar, o real o leva colado na sola, sem conhecer nada que possa exilá-lo disso (*ibid.*, p.28)

A carta/letra chega sempre ao seu destino pois ela está sempre colada ao seu destino. Ela está e não está lá onde esteja pois o lugar que ela instaura é outro que o lugar fenomênico da realidade imediata. Da mesma forma, no "Seminário IX", "a" é e não é "a"

représentera sans ambiguïté sans pour autant se comprendre elle-même, mais il est clair d'autre part que, représentant ces lettres de l'alphabet en tant que lettre, elle vient tout naturellement, je ne dirai même point enrichir, mais compléter à la place dont nous l'avons tirée, exclue, la série des lettres, et simplement en ceci que, si nous partons de ce que a (...) foncièrement n'est point a, il n'y a là aucune difficulté : la lettre a, à l'intérieur de la parenthèse où sont orientées toutes les lettres qu'elle vient symboliquement subsumer, n'est pas le même a et est en même temps le même."

⁹ Ressaltamos que a palavra francesa *lettre* é usada para designar tanto uma carta quanto a letra. Usaremos carta/letra pois acreditamos que algumas elaborações neste texto auxiliam para pensarmos a letra.

lá onde ela opera como conjunto das letras do alfabeto. A letra seria, então, idêntica a si mesma precisamente por colocar o real em jogo, já que ele "é o que se reencontra sempre no mesmo lugar" (LACAN, 1988, p.90)?

As respostas mais definitivas a essas perguntas apresentam-se em "A Terceira". É neste texto que Lacan pensa novamente a questão da identidade, desta vez localizada em relação ao real e à letra. Uma vez que a letra e o real têm estreita relação, como veremos ao longo deste trabalho, podemos aproximar ambas as citações à questão da identidade da letra: "o real não é o mundo. Não há nenhuma esperança de atingir o real pela representação (...) O real não é universal, o que quer dizer que ele só é 'todo' no senso estrito de que cada um de seus elementos seja idêntico a si mesmo"¹⁰ (LACAN, 1974, p.5). O real não é representável, tampouco universal. Resta a ele poder ser todo - mas nunca tudo, nunca *pantès* - com a condição de que seus elementos sejam idênticos a si mesmos. Contudo, essa relação de identidade só pode ser alcançada pelo uso rigoroso da letra na lógica:

é apenas a partir do momento em que alguma coisa se descortina que podemos encontrar um princípio de identidade de si a si mesmo, e não por alguma coisa que se produza no nível do Outro, mas alguma coisa que pode se produzir ao nível da lógica. É na medida em que chegamos a reduzir todo tipo de sentido que chegamos a essa sublime fórmula matemática da identidade de si a si mesmo que se escreve $x=x$. No que diz respeito ao gozo do Outro, há apenas uma única maneira de preenchê-lo, e é, propriamente falando, o campo onde nasce a ciência, onde nasce a ciência, bem entendido, a partir do momento em que Galileu fez relações de letra a letra com uma barra no intervalo, onde ele definiu a velocidade como a diferença, como a proporção de espaço e tempo¹¹ (*ibid.*, p.14)

É a partir do momento em que a letra é usada rigorosamente a partir de uma lógica, e não a nível do Outro (ou, podemos dizer, ao nível do campo do saber, do significante) que ela pode ser considerada como idêntica a si mesma. É por esse viés que procuramos entender a qualidade propriamente fixadora da letra. Ela fixa um real, como Lacan diz, precisamente porque ele produz essa amarração onde se pode dizer que $x = x$. É neste sentido, também, que a letra representa um caroço do sintoma. Procuramos assinalar,

¹⁰ Livre tradução. Trecho original: "*Le réel n'est pas le monde. Il n'y a aucun espoir d'atteindre le réel par la représentation. (...) Le réel (...) n'est pas universel, ce qui veut dire qu'il n'est « tout » qu'au sens strict de ce que chacun de ses éléments soit identique à soi-même*"

¹¹ Livre tradução. Trecho original: "*Ce n'est qu'à partir du moment où quelque chose s'en décape qu'on peut trouver un principe d'identité de soi à soi, et c'est non pas quelque chose qui se produit au niveau de l'Autre, mais quelque chose qui peut se produire au niveau de la logique. C'est en tant qu'on arrive à réduire toute espèce de sens qu'on arrive à cette sublime formule mathématique de l'identité de soi à soi qui s'écrit $x = x$. Pour ce qui est de la jouissance de l'Autre, y'a qu'une seule façon de la remplir, et c'est à proprement parler le champ où naît la science, où la science naît pour autant, pour autant que bien entendu, comme tout le monde le sait, c'est uniquement à partir du moment où GALILÉE a fait des petits rapports de lettre à lettre avec une barre dans l'intervalle, où il a défini la vitesse comme la différence, comme la proportion d'espace et de temps*"

portanto, que a letra comporta essas qualidades de amarração e enodamento precisamente porque ela é idêntica a si mesma. Ao invés da produção incessante de significação pela fala, a letra representa, para a Lacan, a possibilidade de se escrever um limite - ainda que impossível. A letra aparece propriamente pelo paradoxo, pela impossibilidade na estrutura. Veremos como isso se dá no próximo capítulo, quando trabalharmos especificamente a escrita. Podemos propor, por ora, que a identidade da letra a si mesma é um efeito do significante sobre ele mesmo, ou seja: ainda que a letra possua uma identidade que é diferente daquela do significante, é por este que aquela se apresenta.

É justamente por estar radicada neste relação emblemática da identidade consigo mesma que a letra, segundo Lacan, possui íntima relação com o real. Como vimos, a relação significante implica sempre em diferença: quando o significante procura repetir-se idêntico, produz diferença em relação a si mesmo (A não é A). A letra, contudo, permite que essa proposição seja escrita sem equívoco. Trata-se da escrita da lógica, como vimos acima com Lacan. Neste sentido, o que interessa-nos destacar, é que esta escrita permite a inauguração, nas frinchas do significante, do próprio real. Veremos como que esse real depende inteiramente da emergência da letra que, por sua vez, inaugura-se pela relação do significante consigo mesmo. Apenas anunciamos esta relação entre letra e real: os próximos dois capítulos serão precisamente sobre ela. Por ora, procuramos somente assinalar que é a letra que permite essa passagem ao real justamente porque ela produz uma relação de identidade consigo mesma. Não se trata de uma relação de significado, senão da produção de um lugar vazio, de um "mesmo" que se apresenta como limite, limiar de significação. Não se trata, portanto, de qualquer letra em psicanálise. Trata-se da letra como função de real, produzida como um resto pela própria operação simbólica. Trata-se, em suma, de letra que Lacan retira da álgebra e que depende inteiramente da lógica matemática: absolutamente desprovida de sentido e significação e, por isso mesmo, considerada por Lacan como a passagem para o real:

essa ciência do real, a lógica, só pode se trilhar a partir do momento em que se conseguiu esvaziar bastante as palavras de seus sentidos para as letras as substituírem. A letra é de alguma forma inerente a essa passagem ao real.¹² (LACAN, 1974-5, p.78)

¹² Livre tradução. Trecho original: "*Cette science du Réel, la logique, s'est frayée, n'a pu se frayer qu'à partir du moment où on a pu assez vider des mots de leur sens pour leur substituer des lettres purement et simplement. La lettre est en quelque sorte inhérente à ce passage au Réel.*"

CAPÍTULO II - A relação entre letra e significante: resto estruturante e significante recalcado

No capítulo passado, nos debruçamos sobre as especificidades do significante e da letra. Vimos que o significante não é idêntico a si mesmo ($x \neq x$). A letra, por se tratar de uma escrita lógica, pode ser idêntica a si mesma ($x = x$). Quanto à significação, vimos que o significante não pode significar a si mesmo, mas esse caráter estrutural vem ser demonstrado pela própria letra. Na articulação da fala os significantes se encadeiam e produzem significações. Na escrita, contudo, a letra, idêntica a si mesma, vem marcar a impossibilidade de significação que já está inscrita na própria natureza do significante. O que se anunciou neste momento foi uma primeira aproximação na relação entre letra e significante. Ao passo que ambos não são idênticos entre si, entram em relação íntima. Neste capítulo, procuraremos nos deter precisamente na relação que ambos estes termos estabelecem entre si. Partiremos da escrita matemática da figura do toro ("Seminário IX") para chegarmos às considerações que podemos tecer sobre a escrita para Lacan no "Seminário XIX - ...ou pior". Ao final deste capítulo, portanto, objetivamos elaborar com mais precisão qual relação que podemos tecer entre letra e significante. Como veremos, trata-se de situar a letra como um resto estruturante, como a marca, na estrutura, do significante recalcado.

II.1. O resto estruturante: letra, significante e toro

II.1.a. Demanda, desejo: apresentação da figura do toro

No "Seminário IX - A identificação", como o próprio título indica, Lacan procura elaborar, partindo de sua leitura de Freud, a questão da identificação do sujeito. Uma vez que este é aquilo que um significante representa para outro, cabe ressaltar logo de início que tal identificação não será ligada a um objeto externo, a uma pessoa física ou entidade substancial. Trata-se fundamentalmente, como vimos, da identificação do sujeito ao significante. No ponto "2.1.a. O significante enquanto $x \neq x$ " elucidamos a qualidade diferencial do significante. Neste sentido, a identificação do sujeito de que Lacan fala é sempre precária, arraigada em uma identidade constituída a partir de sua própria ruína - ou, lacanianamente, pelo seu próprio furo. Uma vez que o significante é sempre equívoco, o sujeito necessariamente "se engana", como diz Lacan. "Erra", no sentido dúbio do termo: resta-lhe percorrer sempre novamente a borda da ausência que lhe escapa; é

resultado de um erro de conta: "só se pode tratar, se esta palavra 'erro' tem um sentido para o sujeito, de um erro em sua conta"¹³ (LACAN, 1961-2, p.80)

O engano ao qual o sujeito se presta em sua submissão ao significante, portanto, é um erro matemático, um erro na conta. Não se trata da contagem consciente ou racional, mas de uma atividade que, segundo Lacan, começa muito cedo para o sujeito (LACAN, 1961-2). Antes, portanto, de possuir capacidade intelectual e cognitiva que lhe permitam contar seja lá o que for, o sujeito emerge precisamente de um erro de conta. É neste ponto que o traço unário entra em jogo para Lacan: "trata-se do cálculo, e da base, e do fundamento do cálculo para o sujeito: o traço unário"¹⁴ (*ibid.*, p.81).

O traço unário, enquanto tal, é a marca da diferença absoluta. Lacan lança mão dele em diversos momentos do "Seminário IX" justamente para sublinhar esta característica fundamental que o aproxima da função propriamente significante. O traço na parede de uma caverna, feito pelo caçador, indica não a adição de um número "x" de caças, mas a diferença que jaz em cada uma delas. Trata-se do fato de que todo traço se apresenta como absolutamente diferente do outro, ainda que pareça igual:

eu demonstrei a vocês, designei na última vez neste traço unário, nesta função do bastão como figura do 1 à medida em que ele é apenas traço distintivo, traço justamente mais distintivo à medida em que é apagado quase tudo que o distingue, com a exceção de ser um traço, acentuando o fato que quanto mais ele é parecido, mais ele funciona, não digo de modo algum como signo, mas como suporte da diferença¹⁵ (*ibid.*, p.31)

O traço é suporte do "Um irredutivelmente diferente". Neste sentido, se é sobre ele que recai a função da conta, podemos supor que não se trata de uma adição de números, e sim da repetição sempre frustrada de uma diferença. A identificação do sujeito ao significante, portanto, está fadada a nunca se fazer de maneira absoluta e necessitar de uma repetição: trata-se da repetição da unicidade. Esta repetição da unicidade é propriamente falando o movimento de identificação do sujeito ao significante: há sempre elisão do sujeito ao se identificar, o percurso de borda de um vazio, de um significante que não está mais lá - um significante desde e para sempre perdido? A conta, portanto, não é aditiva. Trata-se, antes, de um percurso, ou melhor, de uma volta, de um *tour*, como

¹³ Livre tradução. Trecho original: "*il ne peut s'agir, si ce mot d'erreur a un sens pour le sujet, que d'une erreur dans son compte.*"

¹⁴ Livre tradução. Trecho original: "*il s'agit de calcul, et de la base, et du fondement du calcul pour le sujet: le trait unaire.*"

¹⁵ Livre tradução. Trecho original: "*Je vous l'ai démontrée, désignée la dernière fois dans ce trait unaire, dans cette fonction du « bâton » comme figure de l'1 en tant qu'il n'est que trait distinctif, trait justement d'autant plus distinctif qu'en est effacé presque tout ce qui le distingue, sauf d'être un trait, en accentuant ce fait que plus il est semblable, plus il fonctionne, je ne dis point comme signe, mais comme support de la différence.*"

veremos com o toro: "se o traço unário é isso que eu digo a vocês, a saber, a diferença, e a diferença não somente que dá suporte, mas que supõe a subsistência ao lado dele de $1 + 1 + 1$, o + só está aí para marcar bem a subsistência radical desta diferença"¹⁶ (*ibid.*, p.81)

Uma vez que esta subsistência radical é garantida pelo próprio traço, podemos propor que a conta de que Lacan fala é aquela da repetição. Não necessariamente que $1 + 1$ dê 2, mas que repitamos "um, um, um..." em um ciclo sempre renovável. Tratar-se-ia de um ciclo natural, da repetição de um comportamento ou de uma experiência? Não, o que está em jogo é a tentativa de fazer ressurgir um significante perdido - sempre fracassada - que tem por consequência a própria emergência do sujeito enquanto desejante:

penso ter marcado suficientemente para vocês que a noção da função da repetição no inconsciente se distingue absolutamente de todo ciclo natural no sentido que o que é acentuado não é o seu retorno, é que o que é buscado pelo sujeito é sua unicidade significante - e na medida que um dos *tours* da repetição, se podemos dizer, marcou o sujeito que se coloca a repetir o que ele não poderia senão repetir, pois isto será sempre apenas uma repetição, mas com a finalidade, com o desígnio de fazer ressurgir o unário primitivo de uma de suas voltas.¹⁷ (*ibid.*, p.82)

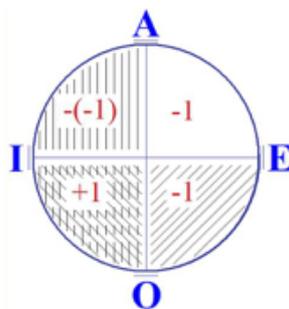
A noção de *tours* ou de voltas será primordial para nosso propósito. Em um primeiro momento, contudo, contentemo-nos em abordar simplesmente a noção de repetição que está enraizada aí. Lacan abre o "Seminário IX" para pensar a identificação do sujeito ao significante. O que está em jogo - e muito bem indicado no próprio percurso que ele faz - é a emergência, a partir da dependência em relação ao significante, de um sujeito desejante - ou do sujeito enquanto desejo. O traço unário entra em cena justamente por dar suporte à alteridade radical que opera em qualquer relação com o significante. Esta alteridade é o que se coloca como obstáculo à possibilidade do sujeito se encerrar em uma unidade. Em sua busca, cabe-lhe repetir as voltas significantes - sempre errantes - em busca da unidade - sempre interdita. É neste ponto que a repetição emerge como função absolutamente primária da relação do sujeito com o significante e com o desejo.

¹⁶ Livre tradução. Trecho original: "*si le trait unaire est ce que je vous dis, à savoir la différence, et la différence non seulement qui supporte, mais qui suppose la subsistance à côté de lui de $1 + 1 + 1$, le + n'est en fait là que pour bien marquer la subsistance radicale de cette différence*"

¹⁷ Livre tradução. Trecho original: "*Je pense avoir suffisamment marqué pour vous que la notion de la fonction de la répétition dans l'inconscient se distingue absolument de tout cycle naturel en ce sens que ce qui est accentué ça n'est pas son retour, c'est que ce qui est recherché par le sujet, c'est son unicité signifiante. Et en tant qu'un des tours de la répétition, si l'on peut dire, a marqué le sujet qui se met à répéter ce qu'il ne saurait bien sûr que répéter, puisque cela ne sera jamais qu'une répétition, mais dans le but, mais au dessein, de faire ressurgir l'unair primitif d'un de ses tours.*"

Trocando por miúdos: a própria emergência do sujeito depende da repetição: "a repetição está enraizada neste unário original, que como tal - este unário - é estreitamente colado e coextensivo à própria estrutura do sujeito enquanto ele é pensado como repetindo no sentido freudiano"¹⁸ (*ibid.*, p.82). Novamente: a noção de conta, neste momento, se aproxima mais do sentido da repetição de uma volta do que de qualquer outra operação. Trata-se da emergência do sujeito a partir de uma volta, de um *tour* que borda sua própria ausência, ausência de traço.

Em determinado momento da lição do dia 7 de março Lacan trabalha a noção de classe. Como podemos pensar a classificação? Procurando se situar à margem da tradição que pensa a classe a partir da oposição entre compreensão e extensão, radica-lhe precisamente a noção de traço unário como decisiva: "o fato primitivo é que o traço unário pode faltar, que há de início ausência de mama, e que se diz: aí não pode ser que a mama falte. Eis o que constitui a classe 'mamíferos'"¹⁹ (*ibid.*, p.83). O que procuramos sublinhar é este caráter negativo de constituição da classe. Esta mesma operação negativa, na qual se subtrai o traço unário, está em jogo na constituição do sujeito. De modo análogo ao mamífero, o sujeito se constitui primordialmente, em sua relação de identificação com o significante, como ausência de traço ou, como diz Lacan, -1.



É por partir de uma negatividade fundamental, de uma exclusão, que o sujeito pode ser cernido:

o sujeito, de início, constitui a ausência de tal traço [horizontal, no caso]. Como tal, ele próprio é o quadrante no alto à direita. O zoologista, se vocês me permitem ir tão longe, não talha a classe dos mamíferos na totalidade assumida da mama materna - é porque ele destaca a mama que pode identificar a ausência de mama. O sujeito como tal na ocasião é -1. É a partir daí, do traço unário enquanto excluído, que ele decreta

¹⁸ Tradução livre. Trecho original: "la répétition est enraciné sur cet unaire originel, que comme tel cet unaire est étroitement accolé et coextensif à la structure même du sujet en tant qu'il est pensé comme répétant au sens freudien."

¹⁹ Tradução livre. Trecho original: "le fait primitif est que le trait unaire peut manquer, qu'il y a d'abord absence de mamme, et qu'on dit : là il ne peut se faire que la mamme manque. Voilà ce qui constitue la classe «mammifères»"

que há uma classe onde universalmente não pode haver falta de mama [quadrante superior à esquerda]: $-(-1)$.²⁰ (*ibid.*, p.83)

Lacan sublinha, com este exemplo, a própria operação de emergência de um sujeito. É porque partimos da ausência de traço - unário, no caso - que podemos cernir o sujeito. Neste sentido, é necessária uma operação para que um sujeito venha à tona a partir de sua exclusão inicial. Operação que, como vimos, conta necessariamente com a repetição para se dar. Cabe uma pequena inflexão neste momento: pontuar que o sujeito não está lá desde o início, mas que sua exclusão é que o constitui em primeiro momento guarda consequências enormes para a clínica. Lacan chama atenção para uma operação na qual um sujeito pode emergir. Neste sentido, o analista há de ficar atento para que esta operação se dê através de suas intervenções e pontuações. O que está em jogo é o advento do sujeito na clínica, ou melhor: está em jogo o fato de que este advento depende da clínica para ocorrer enquanto tal. O analista aposta que um sujeito vá advir em algum momento. Podemos dizer que esta é uma das operações fundamentais da clínica: fazer surgir um sujeito ali onde ele está foracluído, onde seus efeitos ainda não foram contabilizados por um analista. Dentre os passos que já demos, podemos afirmar desde já que esta operação depende em grande parte das voltas e repetições às quais o sujeito está assujeitado em relação ao significante. Cabe, ainda, investigarmos precisamente como se dá esta operação e qual lugar o analista ocupa aí.

Retomemos: o sujeito é o -1 . Lacan vai um passo além. Além de colocar o sujeito como excluído, radica-lhe a noção de rejeição ou foraclusão:

dizer que o sujeito se constitui de início como -1 é alguma coisa onde vocês podem ver que efetivamente, como podíamos esperar, é como *verworfen* [rejeitado/foracluído] que nós iremos o reencontrar, mas para perceber que isto é verdade, será necessário uma volta tremenda²¹ (*ibid.*, p.84).

A "volta tremenda" (*sacré tour*) à qual faz alusão é precisamente a volta (*tour*) do toro (*tore*). O que Lacan inicia neste momento é a elaboração da figura topológica do toro que lhe permitirá justamente cernir o sujeito como foracluído e tornar mais evidente sua

²⁰ Livre tradução. Trecho original: "*Le sujet, d'abord constitue l'absence de tel trait. Comme tel, il est lui-même le quart en haut à droite. Le zoologiste, si vous me permettez d'aller aussi loin, ne taille pas la classe des mammifères dans la totalité assumée de la mamme maternelle, c'est parce qu'il se détache de la mamme qu'il peut identifier l'absence de mamme. Le sujet comme tel en l'occasion est -1 . C'est à partir de là, du trait unaire en tant qu'exclu, qu'il décrète qu'il y a une classe où universellement il ne peut y avoir absence de mamme : $-(-1)$* "

²¹ Livre tradução. Trecho original: "*Dire que le sujet se constitue d'abord comme -1 , c'est bien quelque chose où vous pouvez voir qu'effectivement, comme on peut s'y attendre, c'est comme *verworfen* que nous allons le retrouver, mais pour s'apercevoir que ceci est vrai, il va falloir faire un sacré tour.*"

afirmação do sujeito como "erro de conta". É pela figura do toro que Lacan consegue formalizar a relação do sujeito com o significante, desde o momento em que ele está foracluído para o momento em que ele emerge como desejo (LACAN, 1961-2). Este recurso também dá estofa ao projeto antifilosófico de Lacan: trata-se de uma figura cuja existência é meramente bidimensional e, portanto, completamente refratária à existência concreta ou palpável dos objetos fenomênicos. A figura do toro será central para nós pois permite formalizar também a relação entre significante e letra: do diferencial do significante ($x \neq x$) ao que podemos chamar de "mesmo" da letra ($x = x$), advento do real.

Em um primeiro momento da formulação acerca do toro, este é comparado à esfera. Lacan rejeita a figura da esfera exatamente por ela ser um objeto cosmológico (LACAN, 1961-2), afeito à intuição da unidade absoluta metafísica. Ressoa, em sua cosmologia, todos os aspectos criticados por Lacan em relação à totalidade de uma cosmovisão. Podemos dizer, grosso modo, que a esfera é um objeto afeito ao todo, à unidade ou ao sistema prometidos por uma *Weltaanschauung*. Ressoa também, na função da esfera, uma analogia muito marcante ao organismo:

Esta nostalgia da esfera que nos faz (...) carregar dentro da biologia ela mesma esta metáfora do *Welt* [mundo], *innen* [dentro] e *um* [ao redor], eis o que constituiria o organismo. Será que é totalmente satisfatório pensar que no organismo, para defini-lo, temos que satisfazer-nos com a correspondência, com a cooptação deste *innen* e deste *um*? Sem dúvidas há aí uma visada profunda, pois está aí, com efeito, o problema - e já somente no nível em que estamos, que não é aquele do biológico mas do analista - do sujeito. O que é que constitui o *Welt* lá dentro?²² (*ibid.*, p.84)

A nostalgia da esfera - ainda que seja uma boa forma, quão tola! - busca a constituição da unidade a partir da conjugação de um dentro (*Innen*) e de um fora - ou ao redor (*um*). Haveria, pela sua "anatomia sedutora", uma ilusão de totalidade que Lacan procura rechaçar. Ao invés de deixar-se seduzir pela metafísica que a esfera engendra, Lacan procura o toro justamente por ser de difícil intuição e embaralhar completamente o "dentro" e o "fora" aparentemente tão delimitados pela esfera. Interessa-o por ser um objeto composto fundamentalmente por um furo e operacionalizado através de cortes. Trata-se de um objeto não-todo, não cosmológico. Sai de cena a ingênua ideia do todo ou

²² Livre tradução. Trecho original: "*Cette nostalgie de la sphère qui nous fait (...) trimballer dans la biologie elle-même cette métaphore du Welt [monde], innen [à l'intérieur] et um [autour], voilà ce qui constituerait l'organisme. Est-ce qu'il est tout à fait satisfaisant de penser que dans l'organisme, pour le définir, nous ayons à nous satisfaire de la correspondance, de la cooptation de cet innen [à l'intérieur] et de cet um [autour] ? Sans doute il y a là une vue profonde, car c'est bien là en effet le problème - et déjà seulement au niveau où nous sommes qui n'est pas celui du biologique mais de l'analyste - du sujet. Qu'est-ce que fait le Welt [monde] là-dedans?*"

da profundidade - das três dimensões - para a entrada de um objeto de superfície - de duas dimensões - e operacionalizado a partir do furo.

A escolha do toro, portanto, não é feita ao acaso. Trata-se de uma afinidade com o tema. Mais precisamente: segundo Lacan, a estrutura do toro é a mesma estrutura do sujeito de que se trata na psicanálise: tal qual no toro, "para o sujeito duas [dimensões] bastam, acreditem em mim"²³ (*ibid.*, p.85). O sujeito de que se trata na análise, portanto, só pode se constituir em oposição ao organismo convocado pela nostalgia da esfera. Trata-se, em psicanálise, de um sujeito que emerge, como efeito de fala, de sua relação significante. Neste sentido, deriva de uma superfície - discursiva - que prescindir de qualquer referência às profundezas ou à materialidade de um organismo: o sujeito de que Lacan trata está radicalmente eclipsado ao espaço tridimensional. Em contraposição à esfera, em que qualquer círculo pode ser progressivamente reduzido até se tornar um ponto, o toro - esta demonstração é o interesse de Lacan - pode ser pensado como uma figura de laços (*lacs*): "coloca-se que há uma estrutura topológica da qual se tratará de demonstrar em que ela é necessariamente aquela do sujeito, estrutura que comporta que haja alguns de seus laços (*lacs*) que não podem ser reduzidos"²⁴ (*ibid.*, p.85). O toro é uma estrutura pensada a partir do seu furo - ou lacuna (*lacs*, segundo Lacan, é a versão reduzida de *lacune* [lacuna]). Neste sentido, é o próprio que garante a irredutibilidade dos laços que ele garante. Em oposição à esfera, total e redutível, o toro, operacionalizado pelo furo, seria irredutível: ao invés da *Welt*, a lacuna. É precisamente a partir da lacuna - do furo - que emerge o sujeito em psicanálise. Cabe investigarmos, entretanto, como isso se dá.



Acima temos o modelo fundamental a partir do qual Lacan fundamenta as questões relativas ao toro na mesma lição do dia 7 de março. É a partir dessa imagem que Lacan elabora sobre os laços irredutíveis do toro. Como podemos ver, trata-se de dois

²³ Tradução livre. Trecho original: "pour le sujet deux suffisent, croyez-moi."

²⁴ Tradução livre. Trecho original: "on pose qu'il y a une structure topologique dont il va s'agir de démontrer en quoi elle est nécessairement celle du sujet, laquelle comporte qu'il y ait certains de ses lacs qui ne puissent pas être réduits."

laços - que Lacan chama de círculos. Denominado como 1 é o *círculo pleno*. Pleno de que, não importa minimamente para Lacan. Não se trata de um preenchimento. Como vimos, a prioridade em *lacs* é lacuna, furo, não enchimento: "nenhuma hipótese sobre o que está em seu interior: é um simples etiqueta que acredito, meu Deus, não ser pior que outra qualquer, levando tudo em conta"²⁵ (*ibid.*, p.86). Ao círculo pleno Lacan radica a noção de enunciação sintética - fazendo com isso alusão à Kant: "suponhamos então que toda enunciação sintética (...) se desenrola segundo um desses círculos, chamado círculo pleno, e que isso é o que melhor exemplifica o que, no *looping* deste enunciação, é cernido de forma irreduzível"²⁶ (*ibid.*, p.86). Denominado como 2 é o círculo vazio. Irreduzíveis, tal qual os círculos plenos, os círculos vazios fazem o tour do furo (*tour de ce trou*), segundo Lacan. Ambos os círculos entram em íntima relação. O que está em jogo é a própria operação de emergência do sujeito desejante como erro de conta pois, como veremos, ao fazer uma volta pelo toro, faz-se duas. Por enquanto, cabe apenas ressaltar que ao longo do "Seminário IX" Lacan associa o círculo pleno à insistência significativa (demanda) e o círculo vazio à operação de produção do desejo.



Em nosso trabalho, interessa-nos associar a demanda às voltas significantes e a produção do desejo, nomeadamente, a do objeto (a), à produção da letra. Tal qual letra e significativa para nós, aqui, no "Seminário IX", Lacan coloca em relação íntima a demanda e o desejo:

eu lhes falei da significação que podíamos dar por convenção, artifício, a esses dois tipos de laços (*lacs*) circulares, na medida que eles são aqui privilegiados: este que faz a volta (*tour*) do que podemos chamar o círculo gerador do toro, se ele é um "toro de revolução", na medida em que é suscetível de repetir-se indefinidamente, de certa maneira o mesmo e sempre diferente. Ele é feito para representar para nós a insistência significativa, e especialmente a insistência da demanda [D] repetitiva do neurótico. Por outra parte, o que está implicado nesta sucessão de voltas (*tours*), a saber uma circularidade completa [d] embora inteiramente despercebida pelo sujeito, e que sucede nos

²⁵ Livre tradução. Trecho original: "*Aucune hypothèse sur ce qui est de son intérieur: c'est une simple étiquette que je crois, mon Dieu, pas plus mauvaise qu'une autre, tout étant bien considéré*"

²⁶ Livre tradução. Trecho original: "*supposons donc que toute énonciation synthétique (...) se déroule selon un de ces cercles, dit cercle plein, et que c'est cela qui nous image le mieux ce qui, dans la boucle de cette énonciation, est serré d'irréductible.*"

oferecer uma simbolização fácil, evidente e de alguma forma máxima quanto à sensibilidade intuitiva do que está implicado nos termos mesmos de desejo inconsciente, na medida que o sujeito segue suas vias e seus caminhos sem o saber. Através de todas estas demandas é, de alguma forma, esse desejo mesmo [d] a metonímia de todas essas demandas²⁷ (*ibid.*, p.106)

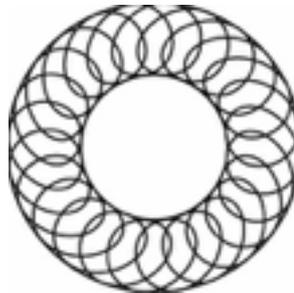
Este longo parágrafo aborda três pontos fundamentais que vínhamos destacando e continuaremos fazendo ao longo deste ponto.

Em primeiro lugar, pontua de modo fundamental a relação que existe entre demanda e desejo ("a metonímia das demandas"). Ainda que ambos os termos não sejam idênticos, eles tampouco são mutuamente excludentes, ou seja: a demanda não exclui o desejo ou vice-versa. Eles se imbricam **estruturalmente** - o que está manifesto na própria estrutura do toro. Como vimos na citação, o desejo está articulado pelas sucessivas voltas da demanda [D]. Não que o desejo esteja nas diversas voltas de demanda, mas que ele é suposto como efeito delas, como algo que se supõe aí mesmo onde o significante faz voltas, voltas, e insiste. Enxergamos aqui, também, uma maneira possível de fundamentar a relação entre significante e letra de maneira análoga ao desejo e à demanda: ainda que não se confundam, letra e significante tampouco se excluem, mas estão imbricados em uma relação estruturada pela própria imagem do toro. Operada pelo resto da insistência significante (demanda), surge a letra como esta repetição mesma, como a produção da volta, da borda. Veremos este ponto mais detidamente em breve.

O movimento pelo qual a sucessão de voltas perfaz uma circularidade completa (fechando o circuito do desejo [d]) necessita fundamentalmente da repetição. Este é o segundo ponto que nos interessa destacar da citação. Para que haja esta circularidade completa, é necessário que concebamos a repetição não como um acaso, mas como o próprio mecanismo estruturante do toro. Sem as voltas (*tours*) da demanda - sem a insistência significante, portanto - não haveria toro: não haveria a emergência do sujeito desejanste. Veremos no próximo ponto, no qual abordaremos a emergência do objeto de desejo a partir das voltas da demanda, como que a repetição desempenha aí o papel mais

²⁷ Tradução livre. Trecho original: "*je vous ai dit la signification que nous pouvions donner par convention, artifice, à deux types de lacs circulaires, pour autant qu'ils y sont privilégiés: celui qui fait le tour de ce qu'on peut appeler le cercle générateur du tore, s'il est « un tore de révolution », pour autant que susceptible de se répéter indéfiniment, en quelque sorte le même et toujours différent, il est bien fait pour représenter pour nous l'insistance signifiante, et spécialement l'insistance de la demande [D] répétitive du névrosé. – D'autre part, ce qui est impliqué dans cette succession de tours, à savoir une circularité accomplie [d] tout en étant inaperçue par le sujet, qui se trouve pour nous offrir une symbolisation facile, évidente et en quelque sorte maxima quant à la sensibilité intuitive de ce qui est impliqué dans les termes mêmes de désir inconscient, pour autant que le sujet en suit les voies et les chemins sans le savoir. À travers toutes ces demandes, il est en quelque sorte à lui seul - ce désir inconscient - la métonymie de toutes ces demandes.*"

crucial, uma vez que é apenas pela repetição que a circularidade fica completa. Cabe ressaltar, ainda, que a repetição em voga aqui é aquela que elaboramos acerca do traço unário, ou seja: o toro vem demonstrar a estrutura da repetição significativa na da radical alteridade do significante consigo mesmo, ou seja, na relação de perda de identidade estabelecida pelo traço unário.



Esta bobina, como Lacan a chama, representa a repetição de que se trata. As voltas não correspondem a reiterações de um mesmo, mas sempre atualizações diferenciais da repetição: "eis então a série das voltas que fazem, na repetição unária, que o que volta seja isso que caracteriza o sujeito primário em sua relação significativa de automatismo de repetição. (...) O que acontece ao final deste circuito? Ele se fecha."²⁸ (*ibid.*, p.87). É isto que o toro evidencia, a saber, o fechamento do círculo ao mesmo tempo de sua completa e irredutível alteridade. Suas voltas são sempre distintas para consigo mesmas. Ainda que o círculo se feche, ainda que a volta do "Um" - do unário - sempre esteja em jogo, as voltas, por serem heterogêneas em relação a si mesmas e entre si, nunca chegam a reparar a perda deste "Um":

O que nos levou à construção do toro no ponto em que estamos é a necessidade de definir cada um destas voltas como um "1" irredutivelmente diferente. Para que isto seja real, a saber que esta verdade simbólica - pois ela supõe o cômputo, a contagem - seja fundada, se introduza no mundo, é necessário e basta que alguma coisa tenha aparecido no real, que é o traço unário²⁹ (*ibid.*, p.92)

O "1" irredutivelmente diferente depende então da aparição do traço unário no real. Contudo, o que quer dizer isso? Ainda que, como Lacan diz, o traço esteja

²⁸ Livre tradução. Trecho original: "*Voilà donc la série des tours qui font dans la répétition unaire que, ce qui revient est ce qui caractérise le sujet primaire dans son rapport signifiant d'automatisme de répétition. (...) Qu'est-ce qui se passe au bout de ce circuit ? Cela se ferme.*"

²⁹ Livre tradução. Trecho original: "*Ce qui nous a menés à la construction du tore au point où nous en sommes, c'est la nécessité de définir chacun des tours comme un « 1 » irréductiblement différent. Pour que ceci soit réel, à savoir que cette vérité symbolique - puisqu'elle suppose le comput, le comptage - soit fondée, s'introduise dans le monde, il faut et il suffit que quelque chose soit apparu dans ce réel, qui est le trait unaire.*"

sustentado, em última instância, apenas em um bastão estúpido, é necessário que o universo discursivo já esteja presente para que o traço possa aparecer enquanto tal:

O 1 da volta única, o 1 que distingue cada repetição em sua diferença absoluta (...) vem de uma experiência constituída, para o sujeito do qual nos ocupamos, pela existência, antes que ele tenha nascido, do universo do discurso; pela necessidade que esta experiência supõe, do lugar do Outro³⁰ (*ibid.*, p.93)

O lugar do Outro, portanto, é central para a constituição deste 1 do qual o sujeito depende para se constituir. No próximo ponto daremos mais espaço à atuação decisiva do Outro na constituição do sujeito. É sobretudo quando Lacan opera com os dois toros que o objeto de desejo e sua dependência com o Outro torna-se evidente. Tomado aqui como este 1 suposto pelo campo discursivo, ele e a impossibilidade de sua resposta garantem o campo do "nada" onde Lacan radica o desejo. Por ora, contudo, procuramos apenas ressaltar a noção fundamental de repetição que perpassa as elaborações lacanianas sobre o toro. O "1" de que se trata, portanto, depende desta insistência significativa - da demanda -, da compulsão à repetição demonstrada na figura que colocamos acima. Veremos adiante (ponto 4.1) como o automatismo é estreitamente associado à letra no ensino lacaniano: ela, portanto, poderia ser cernida pelo próprio mecanismo da repetição. Mais uma vez verifica-se que o toro ajuda a estruturar a relação entre significante e letra.

Ainda há um último ponto a ser abordado daquela longa citação. Trata-se da parte final, em que Lacan sublinha o completo desconhecimento que o sujeito tem de sua volta completa. Diz que este desconhecimento nos dá oferece uma "simbolização fácil, evidente e de alguma forma máxima" do papel que a sensibilidade intuitiva desempenha quando se trata dos caminhos do desejo. Esta passagem é crucial para entendermos a emergência do sujeito desejante pois aponta para a dimensão de "erro de conta" pela qual ele emerge, assim como para o estatuto foracluído desta emergência. Como vimos no início deste ponto, contar é uma atividade extremamente primordial para o sujeito e independe da consciência de seu ato: desaparecido, o sujeito conta. Conta a partir da emergência do traço unário, conta a partir da repetição (1...1...1...), não da adição (1+1=2). É justamente por essa conta passar despercebida pelo sujeito que ele emerge como um erro nela. O sujeito enquanto -1 é primeiramente subtraído (foracluído) em relação a seu próprio desejo precisamente pela volta que ele não conta - percorre sem

³⁰ Livre tradução. Trecho original: "*Le 1 du tour unique, le 1 qui distingue chaque répétition dans sa différence absolue (...) il vient d'une expérience constituée, pour le sujet auquel nous avons affaire: par l'existence, avant qu'il ne soit né, de l'univers du discours; par la nécessité que cette expérience suppose, du lieu de l'Autre*"

saber. O que Lacan procura pontuar é que o sujeito, ao fazer as voltas de sua demanda, se subtrai ao próprio desejo, ou seja, se vê privado de sua própria condição desejante:

na medida em que o sujeito percorre a sucessão das voltas de sua demanda, ele necessariamente se enganou por 1 na sua conta, e nós vemos aqui reaparecer o -1 inconsciente em sua função constitutiva. Isso pela simples razão que a volta que ele não pode contar é aquela que ele fez ao fazer a volta do toro (...) Porque, em relação a essas voltas que se sucedem - sucessão dos círculos plenos - vocês devem se dar conta que os círculos vazios, que são de alguma maneira tomados nos anéis desses giros e que unem entre eles todos os círculos da demanda, deve ter aí alguma coisa que tem relação com o pequeno (a), objeto da metonímia, na medida em que ele [o sujeito] é este objeto³¹ (*ibid.*, p.87)

Essa é a dimensão estrutural do toro que é homóloga à do sujeito: ao mesmo tempo em que apenas uma volta é percorrida, duas já são. A partir da repetição da demanda frustrada - sempre frustrada - o desejo está, de alguma forma, colocado em jogo. O que Lacan procura sublinhar, contudo, é que em primeiro momento o sujeito, enquanto -1, está foracluído do campo de seu próprio desejo. Isso porque o campo do desejo lhe é completamente opaco, desconhecido, *altero*. O próprio sujeito, como no fim da citação anterior, é este objeto que possibilita seu desejo. O que garante sua condição objetal é a dependência que o sujeito possui, para sua constituição desejante, ao campo do Outro. Veremos a seguir por qual motivo o objeto de desejo do sujeito, segundo Lacan, é a demanda do Outro.

II.1.b. O objeto (a) e o nada

Voltemos à figura inicial:



³¹ Livre tradução. Trecho original: "pour autant que le sujet parcourt la succession des tours de sa demande, il s'est nécessairement trompé de 1 dans son compte, et nous voyons ici reparaitre le -1 inconscient dans sa fonction constitutive. Ceci pour la simple raison que le tour qu'il ne peut pas compter (ao qual ele se subtrai na conta), c'est celui qu'il a fait en faisant le tour du tore (...) Car, par rapport à ces tours qui se succèdent - succession des cercles pleins - vous devez vous apercevoir que les cercles vides, qui sont en quelque sorte pris dans les anneaux de ces boucles et qui unissent entre eux tous les cercles de la demande, il doit bien y avoir quelque chose qui a rapport avec le petit(a), objet de la métonymie, en tant qu'il est cet objet."

Em nossa primeira utilização, seguindo os passos de Lacan, associamos D às voltas da demanda (círculo pleno ou geratriz) e d ao desejo (círculo vazio) como metonímia de todas as demandas. No final do ponto anterior, discutimos a posição objetual do sujeito enquanto desejo, assim como sua dependência em relação ao Outro para constituir o objeto de seu desejo. Como dissemos, este desejo é a tomada da demanda do Outro [D(A)] como objeto. Cabe agora expormos o percurso de Lacan para chegar aí. Precisamos distinguir, também, o que Lacan chama de objeto (a) do objeto metonímico para chegarmos em um ponto onde conseguiremos propor uma definição do que é o (a) para Lacan e como ele emerge no tecido discursivo.

Podemos supor, como tudo indica, que o (a) possui íntima relação com o desejo. Vimos anteriormente que desejo e demanda também se relacionam de maneira extremamente imbricada. O círculo vazio, marcado pelo d , depende, para sua existência como segunda volta, de cada um (1...1...1..., como vimos) que as voltas da demanda (D) implicam. Parece, portanto, que o desejo se apresentaria pura e simplesmente uma vez que as voltas da demanda completassem seu giro. Ele necessitaria apenas do percurso pelas demandas para se apresentar enquanto tal, transparente em sua determinação do sujeito. Para Lacan, contudo, o percurso é mais complicado: "não disse que é o desejo que é simbolizado por esses círculos [plenos], mas o objeto como tal que se propõe ao desejo"³² (*ibid.*, p.87). Podemos supor, a partir desta passagem, que o desejo em si seria de impossível simbolização, mas que o objeto do desejo, enquanto tal, se apresentaria no tecido discursivo. Sua simbolização, contudo, é também uma simbolização precária, uma vez que parte da impossibilidade do Outro de responder ao sujeito que se lhe endereça: "objeto ele mesmo, como tal, enquanto que objeto de desejo, é o efeito da impossibilidade do Outro de responder à demanda"³³ (*ibid.*, p.95).

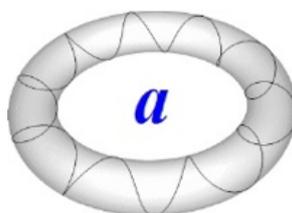
Ora, qual é a condição deste objeto? Constatamos que o desejo, enquanto tal, jamais é simbolizado pela insistência da demanda, apenas o objeto que se apresenta como objeto de desejo. Contudo, este próprio objeto eleito se constitui pela impossibilidade advinda do campo do Outro. Apresenta-se, portanto, sob uma forma muito peculiar de simbolização - se é que podemos falar que é simbolizável: emerge a partir da própria condição do Outro enquanto barrado, de sua impossibilidade - dado que não é consistente, não é Deus - em responder o que quer que seja. Trata-se da formalização, para Lacan, da

³² Livre tradução. Trecho original: "je n'ai pas dit que c'est le désir qui est symbolisé par ces cercles, mais l'objet comme tel qui se propose au désir"

³³ Livre tradução. Trecho original: "objet lui-même comme tel, en tant qu'objet du désir, est l'effet de l'impossibilité de l'Autre de répondre à la demande."

impossibilidade da linguagem, ou melhor, de sua impotência. O Outro não é todo poderoso, como o neurótico acredita piamente. De sua falha emerge a impossibilidade na qual o sujeito radica seu desejo - ou a si próprio, enquanto desejo. Neste sentido, o objeto (a) é aquilo que é simplesmente suposto pela insistência da demanda, mas que não se apresenta de maneira gratuita ou manifesta nela:

é bem assim [na imagem abaixo] que podemos apreender, homologar essa primeira relação da demanda à constituição do sujeito enquanto que essas repetições, esses retornos na forma do toro, esses laços que se renovam fazendo o que, para nós, neste espaço imaginado do toro, se apresenta como seu contorno. Este retorno à sua origem nos permite estruturar, exemplificar de uma maneira maior um certo tipo de relações do significante ao sujeito que nos permite situar em sua oposição a função D da demanda e aquela de (a), do objeto de desejo: (a), objeto de desejo, D, escansão da demanda³⁴



É vital indicar que, segundo Lacan, é apenas a partir da consideração da figura do toro que conseguimos fazer esta distinção. Caso não o façamos, perdemos de vista a segunda volta, na qual supomos o objeto de desejo, ou confundimos a demanda com o desejo. É pela consideração topológica do problema que Lacan evidencia uma distinção clínica importantíssima. O sujeito, em sua relação significante, se constitui primariamente a partir da repetição da demanda. Contudo, sua condição desejante não aparece ali **pela sua demanda, mas suposto** (e portanto distinto) no campo da repetição. Confundir a demanda com o desejo seria desastroso. O ditame clássico da clínica segundo o qual "um analista não deve atender às demandas do paciente" versa sobre isso. Não deve atender pois a demanda se situa, topologicamente, em outro lugar que o desejo. A operação desejante, segundo Lacan, é justamente aquela que emerge da frustração das demandas. Caso o analista procure tamponar esta frustração, falharia, pois a operação significante já garante seu fracasso e atrapalharia o desenvolvimento do tratamento por desconhecer a

³⁴ Livre tradução. Trecho original: "C'est bien ainsi que nous pouvons saisir, homologuer ce premier rapport de la demande à la constitution du sujet en tant que ces répétitions, ces retours dans la forme du tore, ces boucles qui se renouvellent en faisant ce qui, pour nous, dans l'espace imaginé du tore, se présente comme son contour ce retour à son origine nous permet de structurer, d'exemplifier d'une façon majeure un certain type de rapports du signifiant au sujet qui nous permet de situer dans son opposition la fonction D de la demande et celle de (a), de l'objet du désir: (a), l'objet du désir D, la scansion de la demande."

topologia que funda o sujeito desejante. Falharia uma vez que o significante, uma vez determinando o sujeito, logo se esvai. Como tal, o significante é a própria frustração da demanda: representa o sujeito para outro significante. O analista, operando a partir de sua função, destaca justamente esta operação.

Lacan coloca em termos de "oposição" a relação entre (a) e o campo da escansão da demanda (D). Apesar do termo usado, não devemos supor que a relação entre o desejo e a demanda seja de exclusão. Pelo contrário. Segundo Lacan, "não é que a demanda nos separe do desejo - se tivéssemos apenas que descartá-la, a demanda, para encontrá-lo! - sua articulação significativa me determina, me condiciona como desejo."³⁵ (*ibid.*, p.146). É apenas a partir da repetição da demanda que temos notícia da posição desejante do sujeito, da determinação que Lacan ressalta. O que se apresenta durante as sessões - cabe ressaltar, sem o próprio paciente se dar conta, como vimos -, ao longo das repetições das demandas, é justamente esta posição determinada que é completamente opaca ao analisante. É somente a partir destas repetições que o analista supõe, do conjunto das demandas do paciente, algo que responde ao lugar de objeto (a). Podemos dizer, numa proposição arriscada, que a repetição é o operador fundamental do desejo: "não nos esqueçamos, o desejo inconsciente tal que nós devemos dar conta se encontra na repetição da demanda"³⁶ (*ibid.*, p.149). Operador fundamental que é a resposta, pelo lado do sujeito, à ausência de resposta do Outro. Como vimos, o que se repete é sempre a ausência do 1 (ou traço unário), que tenta ser recuperado enquanto tal, mas que é apenas cernido em sua inconsistência, em seu nada. Em outras palavras: repete-se a frustração da demanda, a perda do traço. Enquanto permanecem frustradas - e sempre permanecerão - o sujeito as repete incessantemente, e é apenas daí que o analista, escutando seu paciente - ou lendo algo no que escuta - pode sublinhar a posição desejante na própria repetição. Contudo, o próprio sujeito não se dá conta - como vimos pela figura do toro - que, ao percorrer uma volta, percorre duas, ou que, ao repetir suas demandas, apresenta-se como desejo. Aqui podemos sublinhar novamente a posição foracluída na qual o sujeito, em primeiro momento, se apresenta em relação ao próprio desejo:

os pontos que representam as demandas desenham a borda do desejo, e o furo central que representa o objeto do desejo revela-se após o circuito ter sido completado, mas apenas para um observador exterior, não para o próprio sujeito, que por estar em cada giro não tem como saber quando se completa a rotação integral em torno do seu eixo. Para ele

³⁵ Livre tradução. Trecho original: "*Ce n'est pas que la demande nous sépare du désir - s'il n'y avait qu'à l'écarter, la demande, pour le trouver! - son articulation signifiante me détermine, me conditionne comme désir.*"

³⁶ Livre tradução. Trecho original: "*Ne l'oublions pas, le désir inconscient tel que nous avons à en rendre compte, il se trouve dans la répétition de la demande*"

apenas se verifica a repetição ainda uma vez. (GOLDENBERG, 2018, p.183-4)

Repetição para o sujeito, emergência do objeto do desejo para o analista. É este que verifica, na demanda, a subjacência do desejo que movimenta - motorista desconhecido para o analisante - a fala daquele. Ressaltamos de passagem que a repetição depende inteiramente da função significante: ele é, em si, frustração de seu próprio significado. É justamente por se tratar do significante que o sujeito está elidido aí mesmo onde surge como efeito. Por estar entre o primeiro significante e o segundo, o sujeito sempre se situa num entre onde algo do que foi dito já está perdido - e algo do que ele será o efeito só será cernido *a posteriori*. É precisamente nesta função do significante que iremos elaborar a emergência da letra no próximo ponto. Por ora, cabe ressaltar a importância que a repetição tem na relação do sujeito com o significante.

Como vimos, é do conjunto das demandas que supomos a existência do desejo. Lacan, por sua vez, ressalta que a repetição das demandas condiciona o desejo que, por sua vez, subjaz a todas elas. Contudo, ele opera uma distinção muito nítida: uma coisa são as voltas da demanda, os objetos que elas apresentam e o "vazio" que elas produzem; outra a área em que emerge o objeto (a). Por um lado, temos um campo de queixas e frustrações narradas pelos pacientes, com um leque de objetos inimagináveis; por outro, aquilo que está suposto em todas estas queixas - que Goldenberg (2018) chama de "X", ou de "mesmo", junto com Lacan - e que, na próxima seção, chamaremos de letra. Em suma: em um lado, o objeto metonímico, deslizante na cadeia, reconhecido como um vazio pelas frustrações sucessivas da demanda; em outro, o advento propriamente do objeto (a) enquanto nada fundamental:

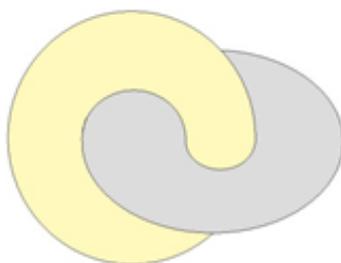
simplesmente para que a demanda seja demanda - a saber que ela se repita como significante - é necessário que ela seja frustrada. Se ela não o fosse, não haveria suporte para a demanda. Mas este vazio é diferente do que se trata concernente ao (a), objeto do desejo. O advento constituído pela repetição da demanda, o acontecimento metonímico, o que desliza e é evocado pelo deslizamento mesmo da repetição da demanda, (a), o objeto de desejo não poderia de modo algum ser evocado neste vazio cernido aqui pelo laço da demanda. Ele deve ser situado neste furo que chamaremos "o nada fundamental" para distingui-lo do vazio da demanda, o nada onde é convocado ao advento o objeto do desejo.³⁷ (LACAN, 1961-2, p.170)

³⁷ Livre tradução. Trecho original: "*Simplement, pour que la demande soit demande - à savoir qu'elle se répète comme signifiant - il faut qu'elle soit déçue. Si elle ne l'était pas, il n'y aurait pas de support à la demande. Mais ce vide est différent de ce dont il s'agit concernant (a), l'objet du désir. L'avènement constitué par la répétition de la demande, l'avènement métonymique, ce qui glisse et est évoqué par le glissement même de la répétition de la demande, (a) l'objet du désir, ne saurait aucunement être évoqué dans ce vide cerné ici par la boucle de la demande. Il est à situer dans ce*

O (a) pode ser apenas suposto ou deduzido do conjunto das demandas, contudo não se confunde com elas. Ele ocupa o que Lacan chama de "nada fundamental". Trata-se de fazer uma distinção entre o vazio que as demandas contornam, e o nada que elas fazem ex-sistir. De que se trata, para Lacan, neste "nada fundamental" senão da própria impossibilidade do Outro em responder à demanda do sujeito, como ressaltamos inicialmente? Trata-se, em suma, de assinalar no lugar do desejo do sujeito justamente este efeito de impotência do Outro, destacado de seu campo, que chama-se (a). Justamente por não haver resposta, o sujeito constitui o objeto de seu desejo pela demanda do Outro. Demanda, em última instância, que é nada:

se há uma existência que se constitui de início, é esta aí [a do Outro como lugar da palavra], e que ela se substitui à existência do sujeito ele mesmo, pois o sujeito, na medida em que está suspenso ao Outro permanece igualmente suspenso ao fato que do lado do Outro nada é seguro, salvo justamente que ele esconde, que ele cobre alguma coisa que é esse objeto, esse objeto que é ainda talvez nada enquanto ele vai se tornar o objeto do desejo. O objeto do desejo existe como esse nada mesmo de que o Outro não pode saber que é tudo em que consiste.³⁸ (*ibid.*, p.102)

Lacan associa de maneira muito evidente a própria consistência do Outro com este nada. Vale ressaltar, contudo, que esta consistência se dá pelo fato que ele encobre, escamoteia, justamente o que o neurótico acredita com toda fé estar lá e poder ser descoberto, encontrado: o objeto do seu desejo. O Outro, contudo, é barrado. Depois do seu véu, como estamos vendo a partir de Lacan, há apenas o nad(a). É isto que ele sublinha com os toros superpostos: no lugar do desejo do sujeito, há apenas o círculo geratriz da demanda do Outro. O objeto de desejo (a), portanto, é o efeito do nada que a ausência de resposta do Outro elicia.



trou que nous appellerons «le rien fondamental» pour le distinguer du vide de la demande, le rien où est appelé à l'avènement: l'objet du désir."

³⁸ Livre tradução. Trecho original: "s'il y a une existence qui se constitue d'abord, c'est celle-là, et qu'elle se substitue à l'existence du sujet lui-même, puisque le sujet, en tant que suspendu à l'Autre, reste également suspendu à ceci que du côté de l'Autre rien n'est sûr, sauf justement qu'il cache, qu'il couvre quelque chose qui est cet objet, cet objet qui n'est encore peut-être rien en tant qu'il va devenir l'objet du désir. L'objet du désir existe comme ce rien même dont l'Autre ne peut savoir que c'est tout ce en quoi il consiste."

Contudo, o objeto (a) não é simplesmente nada como se não existisse. Podemos aproximar sua existência da célebre frase de Lacan no "Seminário XIX - ...ou pior" quando trata do campo do Uniano: "o que só existe não sendo" (LACAN, 2012, p.131). Em ambos os casos (no campo do Uniano e na formalização do toro) o que está em jogo é a escrita - matemática, topológica - de uma relação que só aparece precisamente através dela mesma. Trata-se, em ambos os casos, da formalização do impossível que desempenha um papel fundamental na psicanálise. Aqui, este impossível é cernido pelo (a), como um objeto que só existe não sendo na medida em que ele é o próprio nada da impossibilidade do Outro de responder alguma coisa à demanda do sujeito. Ainda que o objeto (a) seja marcado por este "nada fundamental", não devemos pensar que não desencadeie efeitos importantíssimos no percurso de uma análise. Muito pelo contrário. Opera-se, pelo (a), a própria função da impossibilidade. Impossibilidade, como vimos, da resposta do Outro, da impotência da linguagem, que faz com que o objeto de desejo do sujeito seja a demanda do Outro [D(A)] - que ele responda algo! - e apareça na própria insistência de sua repetição, de seu endereçamento a ele (Ele?). O objeto do desejo, segundo Lacan, é esta impossibilidade. Cabe ressaltar, como veremos na próxima seção, que esta só emerge por uma lógica própria ao significante, que coloca um real em jogo - como um mesmo - a partir da repetição, de suas voltas. O movimento circular - ou bobina, como diz Lacan - implica em um fechamento nos próprios limites do significante. Trata-se da produção de uma borda que vem fazer ex-sistir - não na realidade material, mas como figura de discurso - o objeto (a), objeto nada, objeto impossível. Anuncia-se, portanto, a emergência do real como efeito limítrofe do simbólico. Irrupção do real justamente por apontar para uma faceta extremamente peculiar da lógica significante:

o que entendo significar a vocês como desejo: é que não nos contentamos pela referência opaca a um automatismo de repetição, nós o indicamos perfeitamente: trata-se da busca, ao mesmo tempo necessária e condenada, ao mesmo tempo única, qualificada, assinalada como tal por este traço unário, este mesmo que só pode se repetir sendo sempre um outro. E, a partir daí, neste movimento, esta dimensão nos mostra por que o desejo é o que sustenta o movimento, sem dúvida circular, da demanda sempre repetida, mas que um certo número de repetições podem ser concebidas - esta é o uso da topologia do toro - como completando alguma coisa: o movimento da bobina da repetição da demanda se fecha em alguma parte, mesmo virtualmente, definindo um outro *looping* que se completa por esta repetição mesmo, e que desenha - o quê? - o objeto do desejo!³⁹ (LACAN, 1961-2, p.149)

³⁹ Livre tradução. Trecho original: "*ce que j'entends vous signifier par « le désir »: c'est que nous ne nous contentons pas de la référence opaque à « un automatisme de répétition », nous l'avons parfaitement identifié : il s'agit de la*

Adiantamos, brevemente, que este mecanismo que Lacan descreve - ainda que virtualmente, é necessário frisar - comporta o movimento do significante a se reduplicar, a voltar sobre si mesmo para a produção de um "mesmo" ou um "X", como aponta Goldenberg (2018). Virtual, uma vez que completar o *looping* não é algo que se dê na realidade de modo direto. Tampouco concerne o fim do discurso ou o discurso que finalmente atingiu sua finalidade. Trata-se de um movimento, próprio ao significante, que se atualiza sempre que este entra em cena. Um mecanismo que acompanha sua própria lógica. O mecanismo em questão chama-se "oito interior". É por aí que Lacan coloca um real em jogo. É também por esta via que pretendemos sublinhar a operação segundo a qual a letra advém na clínica. Como figura do real, primeiro foraclui o sujeito, para justamente sublinhar aí a "volta a mais" que marca sua radical foraclusão em relação ao desejo. O oito interior, desenhado por Lacan a partir do toro, demonstra o movimento segundo o qual o significante opera uma volta sobre si mesmo de uma forma extremamente peculiar. Este movimento necessita, como vimos até agora, da repetição para que o objeto (a) apareça discursivamente como um "mesmo", um "X" ou, segundo Lacan, um real. Algo que se apresenta, simbolicamente, pela impossibilidade de ser simbolizado. É justamente neste ponto que o objeto de desejo, suposto pelas demandas, se apresenta como um "nada fundamental". Tal objeto, que estrutura a relação desejante do sujeito, é precisamente este resto impossível da trama simbólica. Colocaremos a letra justamente neste lugar: um resto que estrutura a própria cadeia discursiva; um mesmo ($x=x$) que se apresenta como idêntico - ainda que sem sentido - em relação à diferença significante ($x\neq x$); um real introduzido pela insuficiência - incontornável - colocada em jogo pela operação significante.

II.1.c Significante e letra: o resto estruturante

Em um primeiro momento neste capítulo abordamos a figura do toro. Foi necessário introduzirmos as noções de desejo e demanda que Lacan pretende abarcar com

recherche, à la fois nécessaire et condamnée, d'une fois unique, qualifiée, épinglée comme telle par ce trait unaire, celui-là même qui ne peut se répéter, sinon toujours à être un autre. Et dès lors, dans ce mouvement, cette dimension nous apparaît par quoi le désir, c'est ce qui supporte le mouvement, sans doute circulaire, de la demande toujours répétée, mais dont un certain nombre de répétitions peuvent être conçues - c'est là l'usage de la topologie du tore - comme achevant quelque chose : le mouvement de bobine de la répétition de la demande se boucle quelque part, même virtuellement, définissant une autre boucle qui s'achève de cette répétition même, et qui dessine - quoi ? - l'objet du désir!"

a figura topológica. Naquele momento, contentamo-nos em explicitar o funcionamento do toro e a razão de seu uso no ensino lacaniano. Vimos que é por causa das condições estruturais desta figura que Lacan consegue explicar as relações entre demanda, desejo, sujeito e objeto (a). Interessa-nos, para os nossos propósitos imediatos, ressaltar dois pontos que abordamos na primeira parte: a intimidade entre desejo e demanda, que não se excluem mas não se confundem; a necessidade da repetição para que o toro seja percorrido. Veremos agora que estas duas características são fundamentais para pensarmos a letra.

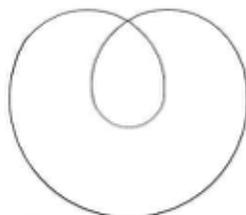
Em seguida, abordamos o objeto (a) e o desejo. Tornou-se evidente que ambos os termos não se confundem, mas que a simbolização que entra em jogo nestas duas figuras é igualmente precária - ou, adiantando um pouco, limítrofe. Aprofundamos ainda mais a relação necessária entre desejo e demanda, para chegarmos ao ponto de colocar no lugar deste objeto (a), que emerge precisamente pela repetição das demandas, o que Lacan chama de "nada fundamental". O objeto (a) seria, portanto, um objeto suposto pelas voltas do significante, que não se apresentaria ingenuamente, mas poderia apenas ser cernido pela repetição como um "mesmo" que restaria da operação significante. Ressaltamos, naquele momento, que colocamos justamente a letra no lugar deste "mesmo".

Nestes dois primeiros momentos, a investigação sobre a letra pode parecer lateral. Contudo, procuramos construir um universo de referências que nos permitisse tecer os comentários de nossa conclusão. Neste sentido, ainda que a letra possa parecer negligenciada nos dois primeiros momentos deste capítulo, é apenas a partir do percurso que fizemos que podemos tirar, agora, as conclusões que nos interessam sobre ela. Caso não tivéssemos percorrido o caminho que fizemos, as conclusões que agora serão extraídas pareceriam soltas, desconexas e sem consequências importantes.

Em nosso percurso demos especial relevo a três eixos: a relação entre demanda e desejo, a repetição intrínseca a esta relação e a emergência do mesmo pela repetição. Cabe agora demonstrarmos como a letra se situa em relação a esses pontos. Se, em um primeiro momento, investigamos o par demanda-desejo, substituiremos agora estes termos por significante-letra, entendendo que as conclusões do primeiro ponto se aplicam a essa troca. Neste sentido, a letra dependeria da insistência significante tanto quanto o desejo depende das voltas da demanda: se pensamos a demanda com sua subjacência de desejo, podemos pensar o significante e a letra que subjaz a ele. Assim como o desejo, a letra não seria de fácil simbolização: estaria do lado do "nada" mediante o qual o objeto (a) emerge. Colocando-se aí, a letra ocuparia o lugar do "mesmo" idêntico a si mesmo ($x=x$) e,

portanto, comandaria a insistência da repetição. Por conta disso, desempenharia uma função que arriscamos denominar de "resto estruturante". Resto, pois se situa no limite da operação simbólica; estruturante pois desempenha um papel fundamental na dinâmica da estrutura do sujeito e do significante: a introdução do real.

Os três eixos que destacamos podem ser suficientemente explicados pelo "oito interior" ou "oito invertido" que Lacan usa para abordar a operação limítrofe do significante.



Lacan propõe seu "oito interior" inicialmente em oposição ao círculo de Euler, justamente porque o desenho acima permite algo que o simples círculo não permite: a confusão entre o lado interno e externo. Ao passo que, nos círculos de Euler, dentro e fora estavam intuitivamente "na cara", obviamente demarcados pela linha uniforme do círculo, no "oito interior" os limites vacilam:

aparentemente é [o oito interior] apenas um caso particular do círculo, com o campo interior que ele define e a possibilidade de ter um outro círculo interior. Simplesmente, este círculo interior toca - eis o que alguns poderão me dizer à primeira vista - o círculo interior toca no limite constituído pelo círculo exterior. Só que isto não é totalmente assim, no sentido em que está bem claro, pela maneira como eu o desenho, que a linha aqui do círculo exterior se continua na linha do círculo interior para se encontrar aqui⁴⁰ (*ibid.*, p.123)

Em oposição ao círculo de Euler, o "oito interior", pela sua construção singular, permite dar conta das operações limítrofes que o significante, por conta própria, coloca em jogo. O significante, como vimos, implica sua diferença por conta própria ($x \neq x$): ao procurar repetir-se idêntico, repete a diferença. Neste sentido, podemos dizer que opera sua presença e sua ausência. A dificuldade de formalizar o significante de maneira inequívoca resulta na tentativa lacaniana de utilizar o oito interior, precisamente por produzir a escrita de um limite. Sobretudo, esta imagem possibilita a Lacan a consideração de um movimento extremamente específico da lógica significante: seu

⁴⁰ Livre tradução. Trecho original: "*En apparence ce n'est qu'un cas particulier du cercle, avec le champ intérieur qu'il définit et la possibilité d'avoir un autre cercle à l'intérieur. Simplement, le cercle intérieur touche - voilà ce qu'à un premier aspect certains pourront me dire - le cercle intérieur touche à la limite constituée par le cercle extérieur. Seulement c'est quand même pas tout à fait ça, en ce sens qu'il est bien clair, à la façon dont je le dessine, que la ligne ici du cercle extérieur se continue dans la ligne du cercle intérieur pour se retrouver ici.*"

retorno sobre si mesmo. Trata-se da emergência **pela própria operação simbólica** do limite simbólico, do campo em que, pela repetição da operação significante, um real é colocado em jogo pela figura do "mesmo". Em suma, é uma tentativa de formalizar o problema do significante e da identidade ("A é A"), o paradoxo do significante consigo mesmo elaborado pelo problema dos conjuntos. A questão de Lacan no início deste seminário é se os conjuntos que não se compreendem a si mesmos devem ser incluídos no conjunto dos conjuntos que não se compreendem a si mesmos: "se sim, é, então, que eles se compreenderão eles mesmo neste sentido dos conjuntos que não se compreendem eles mesmo; se não, nós nos encontramos diante de um impasse análogo"⁴¹ (*ibid.*, p.124). O que Lacan sublinha com esse paradoxo é uma propriedade do próprio significante: sua incapacidade de significar a si mesmo ou de ser idêntico a si mesmo. Sendo sempre diferença, como tratar de sua identidade?: "o significante, enquanto que pode servir a significar a si mesmo, deve colocar-se como diferente de si mesmo. É isto que se trata de simbolizar em primeiro lugar"⁴² (*ibid.*, p.124). O significante, tentando inscrever-se como igual, *idem*, deixa entrever apenas a diferença que o constitui enquanto tal:

reaparecendo o mesmo, é como distinto do que ele repete que o significante reaparece, e o que pode ser considerado como distinguível é a interpolação da diferença, na medida que nós não podemos colocar como fundamento da função significante a identidade do "A é A", a saber que a diferença é no corte, ou na possibilidade sincrônica que constitui a diferença significante. Em todo caso, o que se repete como significante só é diferente por poder ser inscrito"⁴³ (*ibid.*, p.157)

Ora, é apenas na inscrição que o significante se apresenta como diferente. Como sublinhamos, contudo, o que está em jogo no oitavo interior é uma operação limítrofe que, enquanto tal, é precariamente inscrita. O oitavo interior permite demonstrar uma relação do significante em sua diferença que contudo introduz - no campo "interior" que, entretanto, se confunde com o "exterior" - um "mesmo", um "X" que se supõe como idêntico apesar das voltas da diferença. Interessa-nos destacar sobretudo o fato de que esta operação depende do significante operando sobre si mesmo que, ao invés de voltar-se à cadeia associativa, aponta para o campo limítrofe da própria malha simbólica:

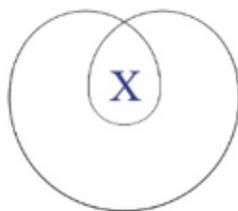
⁴¹ Livre tradução. Trecho original: "*si oui, c'est donc qu'ils se comprendront eux-mêmes dans cet ensemble des ensembles qui ne se comprennent pas eux-mêmes, si non, nous nous trouvons devant une impasse analogue.*"

⁴² Livre tradução. Trecho original: "*que le signifiant, en tant qu'il peut servir à se signifier lui-même, doit se poser comme différent de lui-même. C'est ceci qu'il s'agit de symboliser au premier chef*"

⁴³ Livre tradução. Trecho original: "*réapparaissant le même, c'est comme distinct de ce qu'il répète que le signifiant réapparaît, et ce qui peut être considéré comme distinguable, c'est l'interpolation de la différence, pour autant que nous ne pouvons poser comme fondement de la fonction signifiante l'identité du « A est A » à savoir que la différence est dans la coupure, ou dans la possibilité synchronique qui constitue la différence signifiante. En tout cas, ce qui se répète comme signifiant n'est différent que de pouvoir être inscrit.*"

o que é esse oito invertido, esse círculo que se retoma a si mesmo no interior de si mesmo? O que é, se não é um círculo que no limite se redobra e se recompõe que permite simbolizar (...) que permite simbolizar esse limite na medida em que ele se retoma a si mesmo, que ele se identifica a si mesmo. Reduzam cada vez mais a distância que separa o primeiro *looping*, digamos, do segundo e vocês terão o círculo na medida em que ele se apreende a si mesmo⁴⁴ (*ibid.*, p.127)

Este campo limítrofe, simbolizado pelo oito interior como as voltas da demanda, é o que nos interessa acima de tudo, uma vez que apenas nele algo pode ser tomado como idêntico a si mesmo. Trata-se do movimento do significante sobre si mesmo. Uma vez que este é essencialmente diferença, o campo que é instaurado por este *looping* autorreferencial só pode surgir em exclusão ao campo do significante. Exclusão que, segundo Lacan, deve ser *guardada*, uma vez que representa, enquanto limite, ambas as faces da moeda: o interior que há de ser revisto por se prolongar no exterior; o exterior ou excluído que é jogado de volta no interior, abalando sua continuidade. Este campo, digamos "entre-dois", é o campo onde Lacan coloca a radical exclusão do sujeito (que surge foracluído em relação ao próprio desejo), a emergência do objeto (a) como a borda de um vazio - e onde sugerimos a leitura da própria função da letra "X" produzido pelo duplo *looping* do oito interior.



Este "X" não representa o advento de algum objeto fenomênico que possa se apresentar como desejo para o sujeito. Representa, sim, um mesmo lugar discursivo, a borda da repetição de alguma coisa que só existe ao não ser - como falamos anteriormente. Trata-se de um lugar lógico que pode ser demonstrado e operacionalizado pela letra, uma vez que ela, ainda que absolutamente sem sentido ou significado, marca o campo do idêntico a si mesmo. Ora, este campo que só pode emergir pela própria função significante - como ressaltamos inúmeras vezes - se apresenta como uma exclusão interna, uma íntima expulsão:

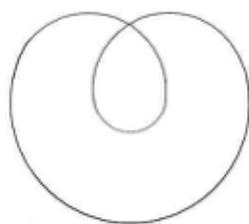
⁴⁴ Livre tradução. Trecho original: "Qu'est-ce que ce huit inversé, ce cercle qui se reprend lui-même à l'intérieur de lui-même? Qu'est-ce que c'est, si ce n'est un cercle qui à la limite se redouble et se ressaisit, qui permet de symboliser (...) qui permet de symboliser cette limite en tant qu'elle se reprend elle-même, qu'elle s'identifie à elle-même. Réduisez de plus en plus la distance qui sépare la première boucle, disons, de la seconde, et vous avez le cercle en tant qu'il se saisit lui-même."

há em algum lugar necessariamente - pelo fato que o significante se duplica, é chamado à função de significar-se a si mesmo - um campo produzido que é de exclusão e pelo qual o sujeito é rejeitado no campo exterior⁴⁵ (*ibid.*, p.150)

Neste sentido, o oito interior depende sobretudo da repetição. Uma vez que um significante é convocado a significar-se a si mesmo, colocar-se como identidade, ele tenta repetir-se, porém apenas repete-se diferencialmente. O que Lacan sublinha é que esta repetição, este mecanismo no qual o significante é convocado ao limite de sua própria constituição, abre um campo no qual o idêntico pode ser suposto, ou seja: a partir da repetição do significante ($x \neq x$), podemos supor que alguma transmutação (palavra que nos será cara na próxima seção) é operada e que justamente a letra ($x = x$) advém neste campo. Este campo rejeita, foraclui o sujeito que se apresenta como -1 em relação ao próprio desejo. Cabe perguntarmos: por que Lacan diria ser necessário *guardar* este campo que foraclui o sujeito? Justamente porque se trata do mesmo campo em que o (a) pode ser cernido, como vimos no final da seção passada. Ainda que não se trate de emergência de um objeto na realidade, esta repetição faz a borda precisamente do objeto de desejo que, enquanto tal, só subsiste nesta própria repetição: "não é realmente o desejo que eu entendo simbolizar pelo duplo *looping* desse oito interior, mas alguma coisa que convém muito melhor à conjunção do (a) - o objeto do desejo como tal - com ele mesmo"⁴⁶ (*ibid.*, p.127). Campo de emergência do objeto de desejo a partir do resto da repetição simbólica; da foraclusão do sujeito em relação ao seu desejo justamente por fazer operar aí sua dimensão objetual. O que está em jogo na circunscrição, pelo significante que se recorta, deste campo marcado pelo "X" é o advento do campo do real a partir da repetição do significante. Neste sentido, o real não é um objeto ou uma substância: trata-se de um lugar que é cernido pela operação significante, de um mesmo que se subtrai toda vez que o significante está em cena. Como o real aparece no oito interior?

⁴⁵ Livre tradução. Trecho original: "Il y a quelque part nécessairement - du fait que le signifiant se redouble, est appelé à la fonction de se signifier lui-même - un champ produit qui est d'exclusion et par quoi le sujet est rejeté dans le champ extérieur."

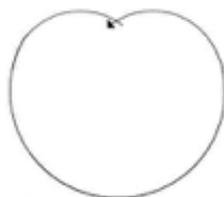
⁴⁶ Livre tradução. Trecho original: "ce n'est pas réellement le désir que j'entends symboliser par la double boucle de ce huit intérieur, mais quelque chose qui convient beaucoup mieux à la conjonction du (a) - de l'objet du désir comme tel - avec lui-même"



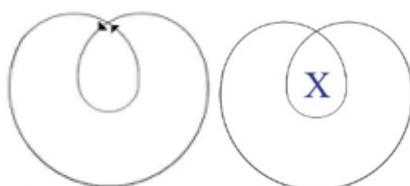
Segundo Lacan, o que há de mais vívido nesta imagem é o *looping* (*boucle*) que ela demonstra:



Ora, interessa-o precisamente o *looping* porque opera-se um corte através dele, ou melhor, através da incidência do significante⁴⁷. Um corte, ou melhor, um re-corte, pois o que está em jogo fundamentalmente é a operação do significante sobre si mesmo. Em um primeiro momento, há o significante como "seção de corte", como diz Lacan:



Este primeiro momento, por si só, não é capaz de produzir o cernimento que interessa a Lacan. É necessário, ainda, que o significante volte sobre si mesmo, cortando novamente ou - ou fechando o corte (re-cortando) - e produzindo o cernimento do mesmo, do real:



Estes cortes desenhados na imagem representam o que Lacan disse ser o "significante sobre si mesmo" em várias lições. "A é A", suas considerações sobre o

⁴⁷ Lacan insiste na função de corte que o significante desempenha. Cf. lições dos dias 16 e 23 de maio de 1962.

"significante polonês"⁴⁸, o significante do corte, os laços (*lacs*). Trata-se da colocação em jogo do campo interior marcado pelo "X" que se produz como um mesmo, como uma letra idêntica a si mesma ($x=x$); da inflexão do significante sobre si mesmo para a produção de uma identidade sem sentido; da localização de um lugar lógico marcado pela estrutura; da emergência, em suma, do real:

o corte levado sobre o real manifesta aí - no real - o que é sua característica e sua função, e o que ele introduz em nossa dialética - contrariamente ao uso que se faz dele, que o real é o diverso - o real, desde sempre eu me servi dessa função original, para dizer-lhes que o real é o que introduz o mesmo, ou mais exatamente: "O real é o que retorna sempre ao mesmo lugar". O que isso quer dizer, senão que a seção de corte, em outras palavras, o significante, sendo isso que nós dissemos: sempre diferente de si mesmo - A não é idêntico a A - nenhuma maneira de fazer aparecer o mesmo, senão do lado do real⁴⁹ (*ibid.*, p.167)

É justamente o real, enquanto figura da identidade, que fecha o corte (última imagem) aberto pelo significante (penúltima imagem):

no nível de um puro sujeito de corte, o corte não pode saber que ele se fechou, que ele passa novamente por ele mesmo, porque o real, enquanto que distinto do significante, é o mesmo. Em outros termos: apenas o real o fecha [o corte]. Uma curva fechada é o real revelado, mas como vocês veem mais radicalmente, é necessário que o corte se recorte se nada já o interrompa. Imediatamente após o traço, o significante toma esta forma [penúltima imagem], que é propriamente falando o corte. O corte é um traço que se recorta. É apenas depois que ele se fecha [última imagem] sobre o fundamento que - se cortando - ele encontrou o real, o qual só permite conotar como o mesmo, respectivamente o que se encontra sob o primeiro, depois o segundo *looping*⁵⁰ (*ibid.*, p.167)

O que está em jogo é que o significante, por conta própria, apenas repete-se como diferencial. É da repetição do significante que tenta inscrever-se como igual que o campo do real emerge - este sim como identidade sem sentido ou mesmidade. Esta propriedade

⁴⁸ Trata-se de uma brincadeira com Alfred Jarry e a última frase de seu livro *Ubu-Rei*, que aponta para a dimensão autorreferencial do significante: "Viva a Polônia, senhores, porque se não houvesse a Polônia, não haveria polonês!"

⁴⁹ Livre tradução. Trecho original: "*La coupure portée sur le réel y manifeste - dans le réel - ce qui est sa caractéristique et sa fonction, et ce qu'il introduit dans notre dialectique - contrairement à l'usage qui en est fait, que le réel est le divers - le réel, depuis toujours je m'en suis servi de cette fonction originelle, pour vous dire que le réel est ce qui introduit le même, ou plus exactement : « Le réel est ce qui revient toujours à la même place ». Qu'est-ce à dire, sinon que la section de coupure, autrement dit le signifiant, étant ce que nous avons dit : toujours différent de lui-même - A n'est pas identique à A - nul moyen de faire apparaître le même, sinon du côté du réel.*"

⁵⁰ Livre tradução. Trecho original: "*au niveau d'un pur sujet de coupure, la coupure ne peut savoir qu'elle s'est fermée, qu'elle repasse par elle-même, que parce que le réel, en tant que distinct du signifiant, est le même. En d'autres termes : seul le réel la ferme. Une courbe fermée, c'est le réel révélé, mais comme vous le voyez, le plus radicalement : il faut que la coupure se recoupe, si rien déjà ne l'interrompt. Immédiatement après le trait, le signifiant prend cette forme qui est à proprement parler la coupure. La coupure est un trait qui se recoupe. Ce n'est qu'après qu'il se ferme sur le fondement que - se coupant - il a rencontré le réel, lequel seul permet de connoter comme le même, respectivement ce qui se trouve sous la première, puis la seconde boucle.*"

do significante - ou talvez a tentativa do neurótico de fazê-lo significar alguma coisa, de capturá-lo em sua associação sempre diferencial, enfim, de constituí-lo como uma resposta unívoca do Outro - é o que abre o campo, pela insistência da repetição, do real marcado como um mesmo, um puro lugar designado pela letra, uma vez que, para Lacan, em "A Terceira" (1974), é unicamente pela letra que podemos ter acesso ao real.

É precisamente pelo fato de o oito interior cernir o campo do real que podemos entender definitivamente a passagem segundo a qual devemos *guardar* este campo de exclusão, marcado pelo "X", que foraclui o sujeito e cerne o objeto (a) em sua inconsistência. Em um primeiro momento, esta frase pode parecer absurda. Por que haveríamos de guardar o campo que foraclui o sujeito? Contudo, uma vez que este campo é o real, conseguimos entender esta prescrição: "o sujeito, (...) como efeito de significação é resposta do real" (LACAN, 2003a, p.458). Logo após esta passagem, Lacan diz que trabalha com essa ideia desde a lição de 11 de abril de 1956, quando do "Seminário III - As psicoses". Mais especificamente, refere-se ao chamado "significante asemântico". Esta passagem, que pode parecer sem consequências, ata os fios de diversos momentos do ensino lacaniano aos quais fizemos alusão aqui. De acordo com Lacan, o sujeito como resposta do real estaria em jogo no chamado significante asemântico - ou puro, como ele também trabalha no mesmo seminário. Podemos propor que este significante "puro", pelas características que Lacan elenca, aproxima-se da letra. Associamos à letra, também, algumas passagens de Lacan que se relacionam com essa ideia do "significante puro": a letra como essência do significante em "A instância da letra" (1955) ou no próprio "Seminário IX"; o significante puro que é a letra em "A carta roubada". Podemos propor definitivamente, portanto, que a emergência da letra se dá no próprio movimento do significante. O que chamamos de letra é a escrita de um significante absolutamente sem significado e que não se reenvia a outro significante. Esta conclusão, por sua vez, necessita da escrita do oito interior: sem ela não haveria forma de elucidarmos o movimento próprio de volta sobre si mesmo que o significante desempenha para que o campo do real - ou da letra - venha a operar. O sujeito, como vimos, emerge como resposta desse real. Em primeiro momento o campo do real, ou seja, da letra, foraclui o sujeito que nascerá como efeito mesmo dessa foraclusão. É por se guardar o campo do real que o sujeito pode aparecer como resposta. Neste sentido, cabe ao analista escutar, no campo das repetições, o "mesmo", o "X", a letra que vem foracluir o sujeito - e da qual o analisando não se dá conta pois, como vimos, não percebe a segunda volta que percorre. Uma vez que esta área é opaca ao analisando - como vimos anteriormente -, é necessário

que o analista incida justamente nesse campo de onde, apesar de foracluído em primeiro momento, o sujeito há de advir.

Podemos, agora, concluir nossa apresentação.

Começamos este trabalho com a estranheza de pensarmos a letra em oposição ao significante, como se este fosse mutuamente exclusivo àquela. Ainda que possamos pontuar diferenças entre um e outro, isto não significa que eles operam de maneira absolutamente antagônica. Se, por um lado, há uma certa insistência no caráter real da letra, isto não significa que ela se dê por um processo autônomo ou espontâneo na fala. Não devemos nos esquecer que o “significante (...) deve ser estruturado em termos topológicos” (LACAN, 1985c, p.29), ou seja: ao invés de se reduzir a uma existência meramente simbólica, comporta uma imbricação dos três registros. Podemos propor, após o percurso que fizemos, que a letra pode ser pensada como a faceta propriamente real do significante. Neste sentido, não haveria uma relação de exclusão entre ambos: o significante, por seu próprio movimento ao tentar repetir-se como idêntico a si mesmo, produziria a letra como resto de sua própria operação. Repetindo-se diferencialmente, daria contorno ao campo da letra - que, de toda forma, não se confunde com o significante. É isto que a figura topológica do toro - e sua ramificação com o oito interior - nos permitiu pensar: há algo de uma transmutação do significante que se opera por sua própria repetição. O nome dessa transmutação é a letra, o real. Ao invés de gregos e troianos, significante e letra existiriam um em dependência do outro: a letra pois depende do oito interior da insistência significante, o significante pois a estrutura do real - consequentemente a estrutura discursiva, como veremos - depende da emergência da letra.

Uma vez que o significante deve ser pensado topologicamente, foi a partir da estrutura topológica que partimos. Tomamos, então, o toro como exemplo privilegiado. A letra ocuparia o furo, marcado pelo desejo, produzido precisamente pelas voltas da demanda, ou seja, pelas voltas dos significantes produzidos em associação. A aparente contradição inicial se dissolveu tão logo pensamos que tipo de relação ambas as partes do toro têm entre si: a letra (o furo) não se confunde com as voltas (a insistência da cadeia significante), contudo depende inteiramente delas para sua ex-sistência. Indo além, vimos ser ela quem demonstra o mais estrutural da operação significante: o resto, o que sobra da insistência. Neste sentido, a letra, ainda que possua suas próprias características, não é produzida sem a presença do significante. Ocupando a função de desejo, a letra demonstra sua insistência como objeto causa de desejo, ou seja, objeto (a) desde para

sempre perdido. Como dissemos anteriormente, a aproximação entre a função da letra em Lacan e o objeto (a) é extremamente presente. No toro, ela se apresenta novamente: a letra, enquanto produto das voltas da demanda, dos *loopings* significantes, vem ocupar a função de causa de desejo: objeto (a), marcado como um nada fundamental, uma borda à impossibilidade de resposta do Outro. A aparente contradição à qual fizemos alusão, portanto, se resume na posição paradoxal que a letra (o furo) desempenha no toro: é o resto da operação que aponta para sua estrutura, o produto de uma exclusão externa que aponta para o mais íntimo dos interiores. Desta forma, as posições antes antagônicas se dissolvem perante uma tomada topológica da questão: a letra demonstra a estrutura do significante ainda que seja seu produto, seu resto, da mesma forma que o desejo é o que resta das voltas da demanda. Em oposição ao significante, a letra marca um lugar de advento de real que pode ser idêntico a si mesmo.

O exemplo do toro - e sobretudo a escrita do oito interior - ajuda-nos a pensar a letra como efeito da cadeia significante. Repetidas vezes ao longo da obra de Lacan podemos observar esta mesma característica na relação entre letra e significante: no seminário sobre "A carta roubada", como veremos, podemos apontar o que Lacan chama de *caput mortuum* do significante precisamente como este resíduo estrutural da lógica significante; a homofonia joyceana *letter, litter*⁵¹, que Lacan trabalha em diversas vezes, reafirma o dejetivo, o lixo que resta da cadeia. É também por esta condição que a letra é frequentemente associada à compulsão à repetição: é a carta/letra que comanda a repetição da cena no conto do Poe, uma vez que ela é responsável por determinar os lugares possíveis para os agentes; no "Seminário IX", ela opera a tentativa de fazer ressurgir o significante Um: é precisamente das repetições do significante que a letra pode emergir como um "mesmo", um "X" que ex-siste a elas. Da mesma forma é a letra que comanda a repetição em "A instância da letra". Colocar a letra no lugar onde se opera a compulsão à repetição significa tratá-la como um produto da insistência significante, resto da cadeia associativa.

Há relação, portanto, entre a letra e o significante. Ainda que Lacan tenha dado especial atenção para a relação da letra com o real, não devemos setORIZÁ-los em completa autonomia do simbólico e do significante. Se tomarmos de forma topológica, a relação entre letra e significante se mostra indissociável. De certa forma, o toro exemplifica todas as características que havíamos elencado: a letra enquanto resto da cadeia associativa; a

⁵¹ A homofonia se sustenta em inglês, onde a palavra para letra (*letter*) e lixo (*litter*) soam praticamente iguais.

letra como estrutura do significante e do real. Real e simbólico, portanto, não se encontram em lugares diferentes, mas se relacionam intimamente topologicamente. Não há, portanto, como pensarmos o real e a letra senão a partir de suas relações com o significante e o simbólico. Neste sentido, apesar de geralmente ser comum considerar a letra como exclusivamente real e dizendo respeito à amarração de um gozo, propomos entendê-la por sua realidade litoral, como em "Lituraterra": "entre o gozo e o saber, a letra constituiria o litoral" (LACAN, 2009, p.110). No próximo capítulo veremos mais detidamente o que significam gozo e saber. Por ora, queremos apenas assinalar que o litoral pode ser entendido a partir da própria figura do toro. A letra se situaria, portanto, entre um real - que é amarrado por ela enquanto $x=x$ - e o campo propriamente significante do saber em sua repetição diferencial. Esta definição nos é particularmente cara pois indica com muita nitidez que a letra é o produto de uma relação com o significante. Ainda que ela mantenha suas especificidades, ela habita um litoral no qual ambos os lados são determinantes. Retirado um dos lados, o litoral já não existe. Enquanto escrita, a letra aponta para este lado no qual há uma passagem para o real. Por outro lado, aponta para esse uso do próprio significante que, quando localizado e autorreferenciado, ou seja, voltado sobre si mesmo, perde sua natureza propriamente significante e adquire identidade consigo mesmo ($x = x$).

Podemos ver, portanto, que as antagônicas posições em relação ao significante e à letra se resolvem pelo papel extremamente singular que a letra desempenha na figura no toro: ao mesmo tempo que ocupa a função de resto, dejetivo, *litter* da insistência significante - e portanto dependente dela -, ocupa também um lugar que aponta para o central da estrutura, um lugar que só pode ser escrito em suas operações mais fundamentais: um lugar que ex-siste a partir da escrita topológica.

II.2. A escrita e a letra como significante recalcado

No capítulo anterior elucidamos a relação que a letra mantém com o significante. Não há disjunção, tampouco identificação. A letra e o significante não são a mesma coisa. Contudo, não se excluem entre si. Vimos que a relação entre eles é praticamente indissociável. Terminamos por propor o toro como figura topológica para dar conta desta relação. A letra, enquanto furo do toro, seria um produto da insistência significante, representadas pelas voltas: ex-sistindo como produto do cadeia, a letra viria demonstrar sua estrutura pelo advento do real.

Veremos em seguida como a escrita é fundamental neste processo. Investigamos como é a relação entre letra e significante. Cabe investigarmos como ela se dá, ou seja: como que esta produção da letra ocorre? Podemos falar de uma extração da letra a partir do significante? Por qual motivo a letra é trabalhada como estrutural em relação ao significante? Já tivemos uma resposta a essas questões na seção anterior. Vimos que a letra, no toro, é produto das insistências significantes, ainda que não se confunda com elas. Além disso, constatamos que só podemos tirar essa conclusão a partir da escrita da figura do toro. Essa relação central que a escrita desempenha em relação ao significante e a letra já foi abordada, portanto, na seção anterior. Contudo, veremos neste momento - e no próximo capítulo - que Lacan extrapola a figura localizada do toro para pensar a escrita como fundamental na relação entre significante e letra. A escrita seria indispensável sempre que houvesse uma demonstração da relação entre ambos os termos. Podemos dizer, indo além, que é **apenas** pela escrita lógica e matemática que podemos pensar esta relação.

Lacan irá dizer neste novo momento que a letra representa o significante recalcado. Procuraremos esclarecer esta afirmação. Em seguida, aproximaremos esta proposição lacaniana sobre a letra - significante recalcado - do que propusemos na seção anterior - resto estruturante. Veremos que em ambos os casos é a mesma função que está em jogo. Em seguida, elucidaremos seu papel protagonista em relação à estrutura do discurso. Podemos dizer, grosso modo, que, se a letra vem demonstrar algumas características da estrutura significante, é a partir da escrita que Lacan procura investigar a estrutura discursiva. Veremos também que a escrita sobre a qual a psicanálise se debruça tem um tratamento sobretudo a partir da lógica e da matemática para, contudo, se propor como uma escrita do inconsciente, dependente do discurso propriamente analítico.

II.2.a. Letra: significante recalcado, borda do vazio

Vimos anteriormente que há uma relação íntima entre significante e letra. O toro a representa bem: a letra ocuparia uma função estrutural em relação às insistências significantes, ao mesmo tempo aparecendo como seu produto. Veremos, também, que a letra é frequentemente associada à noção de compulsão à repetição. No "Seminário IX", destacamos insistentemente a relação que há entre a aparição da letra e a repetição que a coloca em jogo. Veremos a seguir que esta relação não está restrita a este momento. Enquanto significante recalcado, a letra é sempre a figura da repetição, da borda de um

vazio que a insistência significante apenas contorna em sua diferença constitutiva. Ainda que tenhamos elaborado essa relação, cabe investigarmos mais detidamente como ela ocorre nas diversas elaborações de Lacan. Nossa aposta é que a escrita vem desempenhar aí um papel fundamental em nestas elaborações. Trata-se, então, de mostrar que a relação que propomos anteriormente entre escrita, letra e significante a partir do toro tem como elemento privilegiado a noção de escrita nos diversos momentos do percurso lacaniano.

Na lição do dia 15 de dezembro de 1971, época do "Seminário XIX - ...ou pior", Lacan dá algumas pistas importantíssimas acerca de como a escrita é central no que diz respeito às imbricações entre significante e letra. Ele afirma logo de início que a escrita de que se trata em psicanálise é "o retorno do recalcado" (LACAN, 2012, p.25). Esta afirmação já salta aos olhos, uma vez que aponta para uma relação da escrita, frequentemente reservada ao real e ao gozo simplesmente, com a dimensão propriamente simbólica. Se "o recalque e o retorno do recalcado são uma só e mesma coisa" (LACAN, 1985b, p.67) e, portanto, operam numa mesma trama simbólica, como podemos pensar os registros em relação à escrita, senão articulando, ao registro do real que cabe à escrita, também o domínio do simbólico? Haveríamos de pensar a escrita operando topologicamente a partir do significante: não haveria um acesso direto à letra. Este desenvolvimento corrobora a relação que esboçamos anteriormente: ainda que a letra opere como a amarração de um real, é sobretudo a partir da insistência significante que podemos pensar sua aparição. A escrita viria justamente operacionalizar esta relação. É pelo uso do significante a partir das pequenas letras matemáticas - no que elas comportam de extirpação total da significação - que ela poderia operar como o retorno do recalcado: haveria aí a possibilidade de uma amarração precisamente por conta deste retorno. A escrita coloca em jogo, então, justamente o resto inassimilável da insistência significante, ou seja, da repetição que, como vimos, está intimamente associada à letra e à emergência do real. Não surpreende, portanto, que Lacan associe a letra ao significante recalcado:

se em alguns momentos pude parecer que me prestava a que acreditassem que identifico o significante com a letra, foi justamente porque é como letra que ele me toca mais, a mim, como analista. É como letra que, na maioria das vezes, vejo retornar o significante, justamente o significante recalcado (LACAN, 2012, p.25)

A escrita, como retorno do recalcado, colocaria em jogo justamente a letra: o significante recalcado, fora da cadeia que contudo é produzido pelo seu limite. O próprio toro apresenta esta relação do retorno do recalcado: a partir da insistência da cadeia significante, produz-se o que ex-siste a ela a partir da tentativa de fazer aparecer um

significante ausente, o significante unário. A letra, sendo operada pela escrita como retorno do recalcado, apareceria exatamente como a tentativa de fazer aparecer um significante que, contudo, não está lá: pelas manobras da fala, está sempre remetido a outra coisa, já se esvaiu do campo no qual o significante marca apenas sua ausência, sua perda. É neste molde que Lacan descreve a compulsão à repetição no "Seminário IX - A identificação":

pois o que o automatismo da repetição quer dizer, na medida em que nós temos relação com ele, é isso: é que se um ciclo determinado que não fosse outro senão este (...) este, então, que se designa por esse significante [Um], que somente pode dar suporte o que nós aprenderemos na sequência ao ser definido como uma letra: "Instância da letra no inconsciente", esse grande A, o A inicial na medida em que é numerável, que este ciclo, e não outro, equivale a um certo significante. É nesta medida que um comportamento se repete: para fazer ressurgir esse significante que ele é enquanto tal, esse número que ele funda⁵² (LACAN, 1961-2, p.32)

É a escrita, portanto, que coloca em jogo a letra, como figura da compulsão à repetição, a partir da transmutação do significante. Ela vem demonstrar precisamente este ciclo no qual tenta-se recuperar um significante que seria a marca do Um, idêntico a si mesmo, na medida em que ele já está perdido. É a letra tomada enquanto significante recalcado que designa estruturalmente este ciclo vazio, esta borda - e é dele extraída. Estas conceituações, no "Seminário XIX", assemelham-se bastante com o que descrevemos no ponto anterior. A letra como resto estruturante, na figura do toro, é justamente a marca da compulsão à repetição, enfim, do significante que procura repetir-se idêntico, mas repete-se diferencialmente e produz um vazio da ausência de sua identidade. Da mesma forma que no "Seminário IX" a letra surgia pela tentativa, na repetição, de fazer surgir o traço perdido, aqui ela vem marcar o significante que já se perdeu na tentativa de fazer ressurgir este Um, esta marca unária. Neste sentido, colocar a letra como significante recalcado está em total consonância com o que abordamos anteriormente. Tanto lá quanto aqui, trata-se da letra como marca de um "mesmo" que a repetição significante, sempre diferencial, apenas faz ex-sistir como figura da compulsão ao qual está fadada. Neste sentido, a letra comanda a compulsão à repetição justamente porque marca esse lugar vazio que está em causa.

⁵² Livre tradução. Trecho original: "*Car ce que veut dire l'automatisme de répétition en tant que nous avons à lui affaire, c'est ceci : c'est que si un cycle déterminé qui ne fut que celui-là (...) celui-là donc, qui se désigne par ce certain signifiant, que seul peut supporter ce que nous apprendrons dans la suite à définir comme une lettre : Instance de la lettre dans l'inconscient, ce grand A, l'A initial en tant qu'il est numérotable, que ce cycle-là, et pas un autre, équivaut à un certain signifiant. C'est à ce titre que le comportement se répète : pour faire ressurgir ce signifiant qu'il est comme tel, ce numéro qu'il fonde.*"

Podemos propor, então, que a escrita opera a relação entre significante e letra que vimos anteriormente. É por fazer operar o retorno do recalcado sustentado em letras completamente desprovidas de significação que ela coloca em jogo o resto estrutural que, como vimos, é um produto que demonstra a estrutura da cadeia. Neste sentido, vemos novamente que a letra não aparece por qualquer tipo de reação espontânea ou imediata, mas sim de um trabalho que incide justamente nos limites da cadeia significante. Neste momento, interessa-nos apenas indicar a escrita como instrumental para a relação entre significante e letra. Se à fala cabe a produção de significação incessante a partir da associação de significantes, à escrita cabe a decantação do significante até à letra, para que enfim esta apareça como o significante recalcado. Onde o significante já se esvaiu, a letra borda o vazio sua ausência. Como vimos, o recalcado e o retorno do recalcado são os dois lados da mesma moeda: a letra, como significante recalcado, representaria precisamente a interdição, ao significante, de qualquer tipo de significação e sentido, de qualquer identidade consigo mesmo. Ao escrevermos uma fórmula, por exemplo, ela só adquire significado num segundo momento, endereçada a algum discurso.

É precisamente a operação da escrita, então, que representa esta passagem do significante à letra: "é preciso haver uma espécie de transmutação que se opera do significante à letra, quando o significante não está presente, está à deriva, cai fora" (LACAN, 2012, p.25-6). O significante nunca está no seu lugar, uma vez que sua característica é se relacionar na cadeia, se reenviar para outras associações. Em última instância, o significante não está nem no lugar onde está, já que ele sequer é idêntico a si mesmo (A não é A). A letra, pelo contrário, vem marcar o lugar deste significante que, já esvaído, tenta retornar. É por conta disso que ela amarra, fixa algo que, pelo contrário, não cessaria de se remeter sempre a outra coisa:

a primeira vez que se entra na lógica propriamente dita, com Aristóteles e os *Analíticos*, também se recorre à letra, mas não, em absoluto [totalmente], da mesma forma que quando a letra vem no lugar do significante que retorna. Ela surge ali [aí] para marcar um lugar, o lugar de um significante que, por sua vez, é um significante que se espalha, que, pelo menos, pode espalhar-se por toda parte. Mas, afinal, vê-se que a letra foi feita para isso. E de tal maneira que é assim que se manifesta inicialmente. (*ibid.*, p.25)

A relação entre significante e letra se dá pela escrita. Se esta relação já se anunciava no "Seminário IX" pela escrita do toro, é no "Seminário XIX" que podemos ver que esta articulação é a maneira privilegiada pela qual Lacan pensa esta relação. É a escrita que faz uso do significante sem fazer apelo à sua contradição na cadeia da fala,

mas remete-o a si mesmo numa autorreferencialidade da qual advém a letra. Lacan diz que é a partir do momento em que ele escreve que acha alguma coisa (LACAN, 2012). Escrever, portanto, é fixar uma letra, ultrapassar o equívoco que impregna as relações da fala justamente pelo não sentido ou passo de sentido (*pas de sense*⁵³). Lacan acha algo quando escreve pois é somente neste momento que algo de idêntico a si mesmo se produz em um lugar lógico que pode ser considerado mais estável do que a produção de significação a partir das contradições da fala. Partindo de um uso do significante, a escrita viria decantá-lo, fazê-lo operar sobre si mesmo para que uma letra venha surja a partir de suas relações lógicas absolutamente desprovidas de significado. Lacan disse que era possível achar algo a partir da escrita. Veremos, no próximo capítulo, que um dos grandes achados é a própria formalização da psicanálise. Abordaremos também com mais cuidado esta propriedade da escrita que a coloca em oposição em relação à fala.

⁵³ *pas de sense*, em francês, possui uma dupla possibilidade de interpretação. Ao mesmo tempo que aponta para a falta de sentido (*pas* como agente da negação), pode ser lido como um passo de sentido, um acréscimo que se faz precisamente pela falta de sentido (*pas* também significa "passo"). Lacan usa esta expressão justamente em seu duplo sentido.

CAPÍTULO III - A formalização discursiva

Vimos anteriormente que é pela escrita que ocorre a transmutação do significante à letra: é sobretudo por um processo propriamente discursivo - entendido por Lacan como retorno do recalcado - que a letra vem a se alojar em sua referência ao recalque e ao significante que está ausente. Como vimos, esta elaboração não contradiz o que apresentamos no primeiro capítulo sobre a letra e o significante. A imagem do toro continua nos sendo útil: às voltas corresponderia a tentativa de fazer aparecer este significante que precisamente a letra, produto desta repetição, viria representar como significante recalcado, que já se esvaiu do campo que circunscreveu.

A escrita, portanto, é o retorno do recalcado. Contudo, resta-nos investigar o que precisamente significa isso. Se é a escrita operacionaliza a relação entre significante e letra a partir sobretudo de um interesse formal de Lacan, resta precisar como operar com a própria escrita. Ou melhor: como que ela pode vir a desempenhar, por seu uso de letras, a função de formalização no campo da psicanálise precisamente por uma impossibilidade real, pelo advento, na estrutura, daquilo que insiste como compulsão à repetição, como resto estruturante? Qualquer tipo de escrever constituiria esta operação? Na mesma lição que abordamos anteriormente, do dia 15 de dezembro de 1971, Lacan nos dá alguma indicações do que não seria a escrita para o discurso analítico:

escrever alguma coisa para me poupar aqui, digamos, do cansaço, ou do risco, ou de uma porção de outras coisas, bem, afinal, isto não dá muito bons resultados. Mais vale eu não ter nada a ler para vocês. O escrito em que faço algumas descobertas, de tempos em tempos, aquele em que posso preparar o que tenho a dizer aqui, não é o mesmo tipo de escrito. Há também o escrito para impressão, que é mais uma coisa inteiramente diferente, que não tem nenhuma relação com isto. Mais exatamente seria aborrecido achar que o que eu possa ter escrito um dia, para falar com vocês, constitua um escrito absolutamente aceitável e que eu guardaria (*ibid.*, p.25)

Salta aos olhos que qualquer escrever não constitui a escrita que interessa a Lacan. Podemos propor, logo de início, que não interessa a escrita de palavras. Não é por uma qualidade propriamente bela ou estética de um escrito ou pela concatenação racional de argumentos que a escrita pode vir a operar em psicanálise. Muito pelo contrário. Veremos nesta seção que a escrita representa uma possibilidade justamente de escapar das palavras e da fala. Neste sentido, a escrita de que se trata aqui é a de letras sob o jugo da rigorosidade matemática: "a propósito dessa letra, não é possível deixarmos de lidar com um campo chamado matemático, e no qual não se pode escrever qualquer coisa" (*ibid.*,

p.26). Uma vez que a escrita opera a transmutação do significante à letra, ela também está imbuída do rigor matemático: "essa escrita só se autoriza, só adquire sua forma a partir de uma escrita muito específica, que permitiu introduzir na lógica a irrupção da topologia matemática" (*ibid.*, p.98) Segundo Lacan, a própria emergência do discurso analítico é impensável sem a revolução matemática do mundo moderno, sem "a emergência prévia do discurso da ciência como inserção da linguagem no real matemático" (*ibid.*, p.98). Não surpreende, portanto, a afirmação de Lacan, no "Seminário XIII - o objeto da psicanálise" de que seu trabalho com as estruturas matemáticas não é uma simples metáfora ou um modelo mental, mas que "as estruturas de que se tratam têm direito de ser consideradas como da ordem do *hypokeimenon*, de um suporte, até de uma substância disso que constitui nosso campo. O termo, então, de forma mental, como sempre é aproximado aí, é inapropriado."⁵⁴ (LACAN, 1965-6, p.160). Fica evidente a importância do campo da matemática: é o que dá estofa ao campo da psicanálise, é seu substrato (*hypokeimenon*). Acreditamos que o recurso à matemática interessa especialmente pois permite a Lacan formalizar - tal qual as ciências modernas - o campo da psicanálise para além de qualquer intuição, vivido ou experiência imediata.

Analisaremos dois momentos da obra de Lacan na qual este interesse matemático comparece de forma evidente para pensarmos a formalização do campo analítico. O primeiro momento é o seminário sobre "A carta roubada", no qual, talvez pela primeira vez, Lacan tenha se empenhado em estruturar formalmente a cadeia significante. Em seguida, trataremos da formalização a partir dos quatro discursos no "Seminário XVII - o avesso da psicanálise", onde Lacan, através da escrita, formalize o que seria o discurso sem palavras e sem fala que estava à procura. Acreditamos que essas duas referências são centrais para sustentarmos a tese de que, em última instância, a escrita que interessa ao campo psicanalítico é sobretudo lógica e matemática. Veremos também como que a operação de formalização sempre coloca um impossível em jogo.

III.1. "A Carta Roubada": o *caput mortuum* do significante

O seminário sobre "A carta roubada" é um texto peculiar no percurso de Lacan. Datado originalmente de 1955, época do "Seminário II", foi posteriormente trabalhado

⁵⁴ Tradução livre. Trecho original: "les structures dont il s'agit ont droit d'être considérées comme de l'ordre d'un *ὑποκείμενον* [*ypokeimenon*], d'un support, voire d'une substance de ce qui constitue notre champ. Le terme donc de « forme mentale » comme toujours est là d'approche, est inapproprié."

em 1966, época do "Seminário XIII - o objeto da psicanálise", quando Lacan estabeleceu "Os Escritos". No final desta seção procuraremos ter mostrado que não é sem razão que este texto foi escolhido para abrir seu único livro. O trabalho aí feito - tanto em 1955 quando em 1966 - é fundamental para a formalização da cadeia significante, seus regimentos e suas operações. A perspectiva lógica e matemática está inteiramente presente em "A carta roubada". Neste escrito Lacan se esforça primordialmente para mostrar a autonomia e a determinação do trabalho da cadeia significante, que se estrutura a partir de uma combinatória apoiada em lugares vazios (números e sobretudo letras). Não é ao acaso, portanto, que este texto abra "Os Escritos": trata-se de dar relevo à importância de se pensar matematicamente a estrutura da cadeia significante e como ela determina uma série de posições, possibilidades e impossibilidades.

Devemos lembrar, também, que em 1955, primeiro momento do seminário sobre "A Carta Roubada", Lacan trabalhava o texto freudiano "Além do princípio do prazer" nas diversas lições do "Seminário II". À delineação da estrutura da cadeia significante se soma o interesse em articulá-la à compulsão à repetição que é apresentada por Freud em 1920. Nas duas cenas apresentadas pelo conto de Poe (rei, rainha e o ministro; polícia, ministro e Dupin), Lacan apresenta a compulsão à repetição que faz com que ambas se desenvolvam com a mesma estrutura. Esta, por sua vez, é simbólica, dependente da cadeia significante: "o automatismo de repetição (*Wiederholungszwang*) extrai seu princípio do que havíamos chamado de insistência da cadeia significante" (LACAN, 1998a, p.13). Os diversos agentes trocam seus papéis - a polícia na segunda cena, por exemplo, vem a ocupar o lugar do rei na primeira - não por decisões próprias, mas por determinações que a organização da estrutura significante impõe. São lugares vazios determinados pela estrutura que atua na cena como manipuladora, e os agentes como fantoches: "sendo essa repetição uma repetição simbólica, averigua-se que a ordem do símbolo já não pode ser concebida como constituída pelo homem, mas constituindo-o" (*ibid.*, p.50).

Dois eixos: a estrutura da cadeia significante e a compulsão à repetição. A exposição de Lacan é clara ao mostrar que ambos não são independentes. É a própria estrutura que engendra a compulsão à repetição. Mais uma vez podemos enxergar ambos os eixos pelos quais estamos abordando a figura da letra em relação ao significante: resto estruturante, pois emerge precisamente como um resíduo da cadeia demonstrando sua impossibilidade e suas determinações; significante recalcado pois é letra que comanda a repetição que termina por apontar precisamente para este impossível - do significante significar a si mesmo ou da cadeia ser total, unívoca.

Fica evidente desde o início que a letra/carta⁵⁵ é o verdadeiro sujeito/assunto (*sujet*) do conto: é seu tema e o que lhe dá suporte, substrato e substância. Ressoam os ecos da passagem sobre a matemática ser o *hypokeimenon* do campo analítico. Veremos adiante como a letra/carta demonstra uma estrutura significativa que, em última instância, é matemática.

No conto de Poe, o percurso da carta é o que importa, sendo que ela sempre chega a seu destinatário, uma vez que é ela quem vai reger as posições simbólicas e as ações dos diferentes agentes - ou, podemos dizer, agidos:

a carta/letra e seu desvio que regem suas [dos diversos personagens] entradas e seus papéis. Não sendo ela reclamada [*en souffrance*], eles é que irão padecer. Ao passarem sob sua sombra, tornam-se seu reflexo. Ao entrarem de posse da carta/letra - admirável ambigüidade da linguagem -, é o sentido dela que os possui. (*ibid.*, p.34)

A letra/carta possui quem a detém, já que, como Lacan indica no "Seminário II", é ela que é o inconsciente:

Há evidentemente discurso (...) discurso comum. Quando lhes falei da *Carta roubada*, disse-lhes, de uma maneira que talvez possa ter sido enigmática, que esta carta, por um tempo, e nos limites do palquinho, da *Schauplatz* como diz Freud, do teatrinho de marionetes que Poe nos mostra, era o inconsciente dos diversos sujeitos que se vão sucedendo como seus possuidores. É a própria carta, a própria letra, esta frase inscrita num pedaço de papel, na medida em que ela for passando. Isto fica completamente evidente, depois da demonstração que fiz da cor que sucessivamente estes sujeitos vão tomando na medida em que o reflexo da carta passa sobre o rosto e estatura deles. (LACAN, 1985a, p.263).

Pouco importa a subjetividade própria dos personagens. Pelo contrário: é a carta/letra que engendra as possibilidades e impossibilidades dos papéis em relação à sua posse. A própria condição de constituição de personagens, como Lacan mostra, é limitada: há três posições que se repetem. A carta/letra está demonstrando uma estrutura, ou seja, uma formalização da cadeia significativa. É por conta disso que podemos falar de lugares vazios: as três posições da primeira cena (rei, rainha e ministro) não dependem de três personagens. A carta/letra vem mostrar que só há três posições e mais nenhuma possível, já que em outro momento as mesmas três posições se repetem com outros personagens:

O que nos interessa hoje é a maneira como os sujeitos se revezam em seu deslocamento no decorrer da repetição intersubjetiva. Veremos que

⁵⁵ A palavra francesa *lettre* é trabalhada em Lacan com suas duas acepções possíveis: carta, no que diz respeito ao conto de Poe, e letra, no que diz respeito ao trabalho da psicanálise. Adotamos a opção da tradução estabelecida: letra/carta.

seu deslocamento é determinado pelo lugar que vem a ocupar em seu trio esse significante puro que é a carta [*lettre*] roubada. E é isso que para nós o confirmará como automatismo de repetição. (LACAN, 1998a, p.18)

A estruturação da cadeia simbólica e sua repetição se enodam aqui de maneira muito nítida. Podemos observar no texto que Lacan torna cada vez mais complexa a estrutura significante que lhe convém elucidar. Primeiramente, lança mão das conotações (+) e (-). Num segundo momento, agrupa as combinações das conotações em símbolos (1, 2 e 3), sendo que cada símbolo corresponde a uma determinada combinação dos sinais de "mais" e "menos". Num terceiro momento, as diversas combinações dos símbolos (1, 2 e 3) são substituídas por letras do alfabeto grego: α (alfa), β (beta), γ (gama) e δ (delta). Para percorremos brevemente a elaboração lacaniana com as cadeias de Markov, nos debruçaremos sobre o texto "O *caput mortuum* do significante: introdução a 'O seminário sobre A Carta Roubada'", de Angélica Bastos. Neste texto a autora explicita os três níveis da estruturação proposta por Lacan - e rudemente assinalados acima.

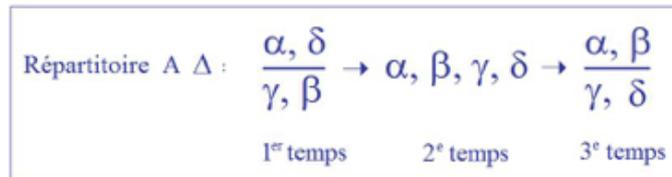
O primeiro nível "compõe-se de uma sequência de sinais (+) e (-). (...) Os sinais são arbitrários, valem pela diferença que marcam e estão destituídos de função referencial" (BASTOS, 1998, p.54). Bastos dá ênfase ao caráter aleatório da sequência em questão, afirmando que "cada elemento que se introduz na série tem sua probabilidade de ocorrência, qualquer que seja ela, independentemente do resultado anterior" (*ibid.*, p.54). Não há, portanto, nenhuma impossibilidade que se introduza nesse primeiro nível. Qualquer termo pode ser subsequente aos termos precedentes. A notação singular ou a repetição de (+) não restringe a aparição de outro (+) ou de um (-). Aqui, há pura aleatoriedade. É por conta disso que "o binarismo - a oposição entre (+) e (-) não constitui a estrutura" (*ibid.*, p.54). Contudo, ela já indica que o acaso só emerge da própria função simbólica, ou seja: há que se produzir uma notação, qualquer tipo ainda rudimentar de escrita formal para que possamos falar sobre o acaso. Não se obtém acesso a ele por um imediatismo ou uma vivência fora do símbolo: "o acaso no real só é pensável a partir de critérios simbólicos" (*ibid.*, p.54).

O segundo nível "constitui uma sequência de arranjos construída a partir de cada três elementos consecutivos do primeiro nível" (*ibid.*, p.55). Há três tipos de organização: dois casos de simetria de constância (+ + + e - - -), assinalados por Lacan com o número 1; quatro de dissimetria: (+ - - / - + + / + + - / - - +), assinalados pelo 2; dois de simetria de alternância (+ - + e - + -), assinalados pelo 3. É necessário que três notações se sigam

para lhes atribuirmos um número. O segundo nível começa a apresentar, portanto, algumas restrições: "a série possui um passado, uma 'história' que impõe constrangimentos ao curso que ela pode tomar, donde se conclui que nem todos os resultados são igualmente possíveis ou mesmo simplesmente possíveis" (*ibid.*, p.55). Isso se deve ao fato de que, para que cada número seja atribuído (1, 2 ou 3), a sequência das notações precedentes - em si mesmas completamente aleatórias - são decisivas e restritivas. Após uma simetria de alternância (3), jamais poderá surgir uma simetria de constância (1), pois as notações relativas ao número 3, que influenciarão nas notações posteriores, impedem que uma simetria ocorra, uma vez que "cada elemento que ingressa na série numérica a partir de um novo (+) ou um novo (-) depende dos dois últimos sinais que precedem esse novo (+) ou (-)" (*ibid.*, p.55). Segundo Bastos, é apenas a partir da concepção da estrutura em três níveis que chegamos à dissimetria e, com ela, "abre-se o acesso à ordem simbólica" (*ibid.*, p.54) que começa a colocar restrições ao jogo significativo, indicando as leis que o regem: "esse esboço de formalização mostra com simplicidade que se o inconsciente é estruturado como uma linguagem, a associação não é livre, os significantes não se sucedem aleatoriamente, mas segundo leis próprias à cadeia" (*ibid.*, p.55). A linguagem funciona à revelia da vontade, da intenção ou de qualquer atributo psicológico.

O terceiro nível "repousa na aplicação de uma relação quadrática aos elementos extremos de cada grupo de três números consecutivos" (*ibid.*, p.58). Trata-se de uma relação quadrática porque Lacan lança mão de quatro letras gregas para designar os novos grupos. Ademais, os grupos são formados apenas pelo primeiro e último números. Neste sentido, os pares que importam excluem o termo do meio. Ao final da estruturação, as quatro letras designam quatro conjuntos. São eles: α , para designar a ligação simetria-simetria; β para designar simetria-dissimetria; δ para designar dissimetria-dissimetria; γ para designar dissimetria-simetria (BASTOS, 1998). Esta nova organização adiciona uma nova característica que, segundo Lacan, faz com que a função do significar apareça em sua opacidade (LACAN, 1998). Já vimos que o segundo nível apresentava possibilidades e impossibilidades (depois do 3 é rigorosamente impossível que apareça o 1). Neste novo nível, preserva-se a característica fundamental do nível anterior com o acréscimo do que "a nova série não possui transparência em relação a seus dados iniciais, conforme se verifica na sequência numérica" (BASTOS, 1998, p.58-9). Outro dado que apenas se apresenta neste terceiro nível é o caráter de retroação que a estrutura possui. A retroação só age no terceiro nível pois é apenas aí que os termos precedentes sofrem efeitos dos

subsequentes. A partir do segundo nível já assinalamos a coerção e o constrangimento que os números precedentes exerciam sobre os novos. Agora, contudo, o que está em jogo para Lacan é a capacidade dos termos futuros modificarem os termos anteriores. Só conseguimos entender a retroação ao sublinharmos duas características do terceiro nível: a estruturação em quatro tempos e a aparente "liberdade" - opaca - do segundo tempo:

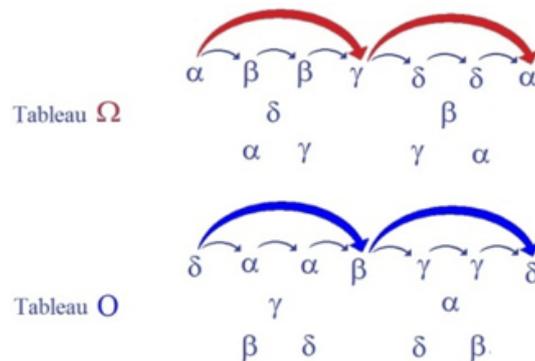


(Répartitoire: repartitória; temps: tempo)

Como vemos na imagem, qualquer uma das quatro letras pode se seguir no segundo tempo. O terceiro tempo, contudo, está limitado: se α ou δ apareceram no primeiro tempo, apenas α ou β poderão aparecer no terceiro (γ e δ são termos impossíveis nessa configuração). Nenhuma novidade em relação ao segundo nível, que já apresentava um constrangimento à lógica. Contudo, este segundo tempo tem uma liberdade apenas aparente. Uma vez que o quarto termo venha marcar o quarto tempo, veremos que esta liberdade é completamente ilusória:

para compreendermos a introdução da retroação, é necessário considerar a repartitória $\Delta\Delta$ e levar em conta que, quando se fixa o quarto termo, este passa a ocupar o lugar de 3^o tempo em relação àquele que, na sequência de três tempos, funcionava como como 2^o tempo, livre, portanto, de qualquer constrangimento. Assim, um termo que comportava todas as possibilidades em função dos precedentes, passa a sofrer restrições que emanam de um termo que lhe sucede (*ibid.*, p.59)

Este efeito *a posteriori* só se apresenta no terceiro nível. Lacan, a partir disso, monta dois quadros (Ω e O) para mostrar os efeitos que o quarto tempo causa em termos de impossibilidade.



(Tableau: quadro)

Os quadros demonstram todas as 16 possibilidades de articulação da cadeia. Como podemos ver, o quadro Ω apresenta as cadeias iniciadas por α ou γ , ao passo que as cadeias de O começam δ e β . Nas posições intermediárias aparecem as letras impossíveis embaixo das que de fato fazem parte da série. A restrição ao segundo termo, aparentemente livre, se dá em relação ao quarto termo. Bastos, para exemplificar esta característica, utiliza a cadeia que começa com γ e acaba com α (BASTOS, 1998). Neste exemplo - como podemos observar na imagem acima - γ e α são impossíveis, respectivamente, no segundo e terceiro tempos, ao passo que β é impossível tanto no segundo quanto no terceiro. Ora, o segundo tempo não era livre? Segundo Bastos, "vimos na repartitória que no 2º tempo, todas as letras eram possíveis e que as restrições só apareciam no 3º tempo. O quadro nos diz que os casos de impossibilidades aumentaram" (*ibid.*, p.60). Aumentaram simplesmente porque a configuração passa de três termos para quatro. Assim sendo, o segundo tempo só é livre enquanto não há um quarto que desempenhe a função de terceiro. No exemplo de Bastos, no caso, δ só é livre de restrições se não considerarmos que α desempenha a função de terceiro em relação a ele. Neste sentido, "o 4º tempo opera sobre o 2º, realizando as mesmas relações que valem entre o 3º e o primeiro tempo. Quando o 3º tempo é α , o primeiro não pode ter sido nem δ nem β ." (*ibid.*, p.61). Os termos, portanto, são sempre relativos: o que vier posteriormente em uma associação agirá retroativamente sobre as posições anteriores: "a série $\alpha, \beta, \gamma, \delta$ - representação minimalista da cadeia - erige-se como relação de relação entre relações, relação à terceira potência, demonstrando que o significante não deve ser hipostasiado" (*ibid.*, p.63).

Na sequência do texto, Lacan estrutura as quatro letras a partir de quatro tempos para mostrar como que a aparição de determinada letra num determinado tempo implica a exclusão ou a aparição de outras letras:

Podemos demonstrar que, ao fixar o primeiro e o quarto termos de uma série, haverá sempre uma letra cuja possibilidade estará excluída dos dois termos intermediários, e que há outras duas letras dentre as quais uma estará sempre excluída do primeiro, e a outra, do segundo desses termos intermediários (LACAN, 1998, p.54)

A partir daí, Lacan considera a temporalidade que está em jogo ao pensarmos a sincronia significante a partir da sua estruturação. Há uma determinação retroativa do segundo e do terceiro tempos a partir do estabelecimento do primeiro e do quarto. A

estrutura, portanto, determina a possibilidade do que vai aparecer da mesma forma que a aparição de novos termos retroage sobre os que apareceram. Como dissemos, é a relação com a carta/letra que determina a estrutura. Há um constrangimento que emerge não de uma relação com a realidade mundana ou de uma percepção qualquer, mas da própria escritura da estrutura. É ela que vem demonstrar a impossibilidade:

Essa parcela excluída [exclusão de termos a partir da impossibilidade de sucessão] não é preexistente, o que a destitui de qualquer anterioridade em relação à cadeia, e a determinação, ou sobredeterminação, dos termos da sequência é simultânea ao surgimento de impossibilidades (BASTOS, 2001, p.90)

A impossibilidade é um fato de estrutura. Falaremos muito sobre isso na próxima seção. Por ora, convém continuarmos elaborando o que podemos entender da noção fundamental de *caput mortuum*. É a partir da elaboração do terceiro nível que sua função se demonstra. Ele emerge no texto de Lacan quando ele pensa os quatro tempos de articulação das letras em relação às quatro letras:

Isso [a demonstração dos quatro tempos das letras] poderia representar um rudimento do percurso subjetivo, mostrando que ele se funda na atualidade que tem, em seu presente, o futuro anterior. Que, no intervalo desse passado que ele já é naquilo que projeta, abre-se um furo que constitui um certo *caput mortuum* do significante, eis o que basta para deixá-lo suspenso na ausência, para obrigá-lo a repetir seu contorno. (LACAN, 1998, p.55)

Caput mortuum significa literalmente cabeça morta, o que já instaura nas possibilidades de sua interpretação precisamente o que estamos sublinhando: o caráter não voluntário das ações das personagens que, ao invés de possuírem a carta/letra, são possuídos e determinados por ela. Segundo Bastos, "nessa passagem, destacam-se os termos *percurso subjetivo, furo, ausência e repetição do contorno*" (BASTOS, 2001, p.88). Os quatro termos destacados são fundamentais também para o nosso propósito. O *caput mortuum* do significante, lido em nosso trabalho como a própria figura do que vai se consolidar como a letra no ensino lacaniano, associa-se então intimamente ao percurso subjetivo no sentido em que este resto desempenha a função de causa no campo da psicanálise:

significante impossível ou cabeça morta do significante (*caput mortuum* do significante). Em um contexto formal, essa noção permite vislumbrar algo do *modus operandi* da causa, que não age à distância, mas de maneira intrínseca e segundo uma ação contínua, sempre reincrementada e não linear, vale dizer, retroativa. (*ibid.*, p.88)

Como vimos, é pela estruturação da articulação significante e as repetições e impossibilidades que ela determina que podemos vislumbrar a função do *caput mortuum* do significante. Tal estrutura, portanto, situa-se fundamentalmente como causa do percurso subjetivo. Os outros termos sublinhados por Bastos também são fundamentais para entendermos o que está em jogo para Lacan. *Furo, ausência e repetição do contorno* foram termos frequentes em nossa argumentação sobre o advento da letra na figura do toro pela escrita: é pelo furo do toro que circunscreve-se um "mesmo" marcado pela letra ("X") como algo que é produzido pela repetição das demandas, ou seja, pela repetição sempre diferencial da insistência significante. A consequência desta insistência é a repetição de um contorno, de um nada, onde a letra advém como causa de desejo de um sujeito que emergirá, enquanto desejo, precisamente dessa hiância aberta pela lógica significante. Não é à toa, portanto, que Lacan - como nos informa Bastos (2001) - chamará o *caput mortuum* de significante impossível. Trata-se da impossibilidade bordada pela função da letra, como veremos com mais detalhe a seguir. É a emergência do real pelas frinchas do simbólico que está em jogo - ainda que não com esses termos neste momento. Aproximamos *caput mortuum* do que elaboramos sobre a letra nos capítulos precedentes, entendendo que estas quatro funções do *caput mortuum* serão reunidas ao longo do percurso lacaniano pela figura da letra. É ela que desempenha, simultaneamente, a função de causa - objeto *a* como causa do desejo -, de advir ou ex-sistir desde o furo - produzido no limite do simbólico, como vimos no caso do toro -, de presentificar a perda ou a ausência - objeto *a* como mais-de-gozar, como veremos adiante -, de atestar a repetição do contorno - compulsão à repetição e borda do limite. O *caput mortuum*, significante impossível, tal qual a letra, é essencialmente um contorno sempre repetido, produzido como um resto da operação simbólica mas estruturante em relação à lógica que rege o funcionamento do significante. Cabe ressaltar, ainda, que é pela escrita do funcionamento da cadeia que podemos circunscrever essa noção impossível do significante: "a noção de significante impossível se define ao fim da construção formal da cadeia significante" (*ibid.*, p.89). O *caput mortuum*, assim como a letra, emerge pela necessidade formal da estrutura significante. Podemos afirmar que a impossibilidade é, propriamente dito, um fato de escrita. É apenas por ela, trabalhando apenas com letras, que a impossibilidade - o real - pode ser circunscrito: "depreende-se daí que a fala não esgota o que é da ordem do inconsciente nem se superpõe inteiramente à cadeia. No nível manifesto da fala, não cabe a ideia de um impossível de ser dito" (*ibid.*, p.93). Contudo, é precisamente pela escrita que podemos sublinhar esta impossibilidade que escapa à função da fala. É

importante sublinhar, contudo, que esta impossibilidade advém **da própria articulação do simbólico estruturado a partir de letras**: "o *caput mortuum* do significante [impossível, o impossível de ser dito] figura uma dimensão de perda, que se introduz com a própria simbolização: esta não subsiste sem aquela" (BASTOS, 1998, p.64). A impossibilidade não emerge da função da fala, mas é demonstrada pela escrita. Veremos a seguir como Lacan propõe uma particularidade da escrita que se opõe à fala. Ao passo que a última jamais esgota suas possibilidades de significação pela ilusão de sempre podermos falar mais e melhor, a primeira vem sublinhar a impossibilidade de se dizer tudo. Impossibilidade, cabe ressaltar mais uma vez, que necessita da escrita para ser demonstrada, pois emerge tão somente a partir do limite do simbólico. A escrita é este limite, pois presentifica a função de perda e repetição que inevitavelmente comparecem na operação significante:

o significante impossível responde, em certa medida, pela repetição dos símbolos ao longo da cadeia. A série reproduz certos arranjos à medida que contorna os excluídos, pode-se dizer, à medida que margeia o impossível de ser dito. O *caput mortuum* do significante figura uma dimensão de perda, introduzida com a própria simbolização: uma não subsiste sem a outra. O significante impossível é algo, um furo, que a série deve necessariamente contornar (BASTOS, 2001, p.95)

Bastos prossegue afirmando que, apesar de comparecer como um contorno, isso não significa que seja possível superá-lo, suturá-lo. Esta é, precisamente, a função causal: ainda que seja impossível, o resto do significante, ou seja, a letra, produz o efeito de causa a partir da qual um sujeito advém. A impossibilidade, portanto, emerge como um resto no próprio aparelho simbólico que o constrange, que retroage sobre suas articulações. Ele possui um "estatuto duplo de causa e produto contemporâneo ao encadeamento da série, engendrando-se simultaneamente ao encadeamento e fazendo um retorno causal sobre a articulação simbólica." (*ibid.*, p.97). É nisto que a letra é fundamental para o *percurso subjetivo*, como Lacan afirma e Bastos sublinha: "o percurso subjetivo fica suspenso a uma ausência e é induzido a repetir o contorno" (*ibid.*, p.95). É neste sentido que a letra - o significante impossível - é um resto estruturante: ao mesmo tempo em que comparece como perda da operação simbólica (lixo, resto, dejetos), ele opera a função causal da determinação subjetiva, estruturando a relação do sujeito com o significante. É responsabilidade do analista circunscrever e operar este impossível a partir da circunscrição da função da letra no trabalho analítico: "invocar o significante impossível

é fazer intervir o resíduo e o contorno do furo que se abre, a ausência e seu papel causal no percurso subjetivo" (*ibid.*, p.95).

O último trecho que destacamos coloca o significante impossível como um resíduo. Esta é outra acepção possível de *caput mortuum*: além de cabeça morta, *caput mortuum*, no campo da alquimia, é o resto, o resíduo elementar que inevitavelmente se apresenta após uma operação química. Alfredo Eidelsztein, na sexta aula de seu curso "Formalizações matematizadas em psicanálise", ministrado em 2006, afirma que há ainda uma terceira camada de significação que inclui a consideração tanto de uma matéria calcinada quanto de uma terra purificada, sagrada. Pode-se aproximar, então, este resto produzido pela estrutura, o *caput mortuum* do significante, com o objeto (a):

(...) podemos supor que neste furo da cadeia significante o que vai se localizar é o objeto a, e que vai se localizar com as duas acepções que provou Lacan: a dimensão do resto e também como objeto de desejo, o mais valioso.⁵⁶ (EIDELSZTEIN, 2006, p.14)

O objeto (a), letra por excelência produzida pela insistência do significante como no exemplo do toro, figura aqui precisamente com as mesmas qualidades que atribuímos a ela no capítulo anterior: produto estruturante da insistência significante; borda de uma ausência; marca da perda pela produção de um lugar vazio, de um "mesmo". O resto também é estrutural, representado pelo objeto (a) que, tomado algebricamente enquanto letra, é também um lugar vazio de causação do sujeito desejante. *Caput mortuum*, portanto, pode ser lido a partir de uma aproximação com a função do objeto causa de desejo: "o *caput mortuum* faz mais que referir-se ao objeto em sentido freudiano: ele prefigura alguns aspectos do objeto a" (BASTOS, 2001, p.98). De mesma forma que o objeto (a), marcado pela letra, é o *caput mortuum* que desempenha a função de causação de um sujeito neste texto de Lacan. Como resto estruturante, aponta para o limite do simbólico desde seu lugar mais central:

ao mesmo tempo que ele [*caput mortuum*] é decantado pelo percurso da série, as impossibilidades que ele encarna fazem um retorno causal sobre o encadeamento: um efeito que vira causa. Essa causa é 'causa do percurso subjetivo, causa do sujeito, causa do desejo" (BASTOS, 1998, p.64)

Torna-se evidente como Lacan, a partir da escrita, usa a letra para demonstrar a lógica da cadeia significante. Pode-se propor que o "Seminário sobre 'A carta roubada'"

⁵⁶ Livre tradução. Texto original: "nosotros podríamos suponer que en ese agujero de la cadena significante lo que se va a localizar es el objeto a, y que se va a localizar con las dos acepciones que le provee Lacan: la dimensión de resto y también como objeto del deseo, lo más valioso."

é uma das principais tentativas lacanianas de delinear a estrutura que está em jogo na cadeia significante. Não nos surpreende, então, o fato dele ter colocado a letra/carta, no conto de Poe, como a responsável pela demonstração da estrutura simbólica. Ela, por permitir a fixação de algo pela escrita, enfim, por ser letra algébrica tomada numa organização formal, demonstra a autonomia simbólica e todo o jogo de determinação significante que no conto de Poe implica a repetição da cena. É a partir dela, também, que pode-se demonstrar o automatismo da repetição, a função da ausência e o conseqüente papel de causa implicados no *caput mortuum* do significante.

Podemos ver como que a letra engendrada é um lugar produzido pela articulação algébrica à qual Lacan reduziu a estrutura da linguagem, a partir da escrita. Não se trata de um objeto que aparece, ou da irrupção de algo do campo da sensibilidade, mas da produção da presença de uma ausência a partir de pequenas letras. Desde 1955 esta relação entre estrutura e escrita já estava em jogo, e foi inaugurada a partir da relação da letra com a lógica matemática. Não é à toa, portanto, que o real está sempre no seu lugar: a algebrização do discurso produz pequenos lugares vazios em formas de letras que necessariamente estão lá, fazem parte da estrutura lógica da linguagem. Cabe ressaltar, por fim, que esta característica, como Lacan e Bastos sublinham, não depende de qualquer coisa natural ou inata. Não se trata, tampouco, de uma observação da realidade ou percepção possibilitada pela fala de um analisando. As condições de impossibilidade e retroação, assim como de repetição, dependem inteiramente da escrita das possibilidades de articulação que começou com a simples alternância entre (+) e (-). É, portanto, a partir do manuseio da repartitória e das diversas combinações que Lacan procura circunscrever a impossibilidade que se inscreve pelo simbólico como aquilo que de dentro aponta seu próprio limite. Deve-se notar, novamente, que a letra não vem substituir o significante, e sim demonstrar a estrutura de sua cadeia. A tentativa de formalização da estrutura significante não se faz sem a letra, porém esta não vem anular ou invalidar o significante na estrutura, e sim demonstrar seus lugares, suas possibilidades de organização e articulação. A letra se escreve desde os limites da função significante, e não se separa deste litoral.

III.2. A escrita dos discursos e a formalização do impossível

No início deste capítulo, mostramos como que, quando Lacan pretende "formalizar" o inconsciente, ou seja, demonstrar seu funcionamento desde suas operações

mais elementares, é justamente a escrita - e, por conseguinte, a letra - que entra em jogo. Sempre que a formalização é convocada, trata-se de uma escrita do real, ou seja, de lugares lógicos completamente vazios: de significado, de sentido, de consistência, de substância. No último tópico especificamente, vimos como a letra, associada em nossa leitura ao que Lacan chama de *caput mortuum* do significante, é indispensável para a formalização da cadeia significante, suas articulações, possibilidades e impossibilidades. Neste tópico daremos continuidade ao projeto de assimilar a letra ao projeto de formalização lacaniana. A escrita do inconsciente, empreendida por Lacan, lança mão das letras algébricas e matemáticas justamente para, daí, demonstrar - ou mostrar propriamente pela escrita - o lugar real que existe desde a insuficiência do simbólico. Trata-se de escrever o lugar impossível. Veremos como que a letra vem novamente exercer a função à qual aludimos anteriormente, a saber: ser uma passagem ao real. Neste momento, Lacan ultrapassará os limites anteriores, colocando a letra como fundamental para a formalização dos quatro discursos, sendo que, para ele, há quatro e nem um a mais. Procuraremos sublinhar que, se a letra é marca do real, é justamente porque apenas a partir da articulação puramente literal que a figura do impossível se mostra.

III.2.a. A relação entre fala e escrita na formalização

O tema sobre a relação entre fala e escrita é extenso. Em diversos seminários Lacan aborda esta problemática. No "Seminário IX", chega a se perguntar quem veio primeiro: a escrita ou a fala (LACAN, 1961-2)? No "Seminário XVIII" volta a este tema para dar outras consequências a ele (LACAN, 2009). Não entraremos neste debate, pois, fundamentalmente, interessa-nos apenas a resposta a uma pergunta: qual a razão para Lacan lançar mão de escrita - ou ainda: quais as características que justificam seu uso em detrimento da fala/palavra (*parole*)?

O interesse pela escrita, como já mostramos anteriormente, não data do "Seminário XVII - o avesso da psicanálise". Desde o seminário sobre "A Carta Roubada", interessava a Lacan justamente a possibilidade de escrever a estrutura significante. No "Seminário IX", a topologia é uma forma de escrita. Contudo, em determinado momento Lacan a convoca para desempenhar um papel fundamental justamente no que diz respeito à estruturação dos discursos. Logo na primeira lição do "Seminário XVII", diz que:

ocorreu-me com muita insistência no ano passado distinguir o que está em questão no discurso como uma estrutura necessária, que ultrapassa em muito a palavra (*parole*), sempre mais ou menos ocasional. O que

prefiro, disse, e até proclamei um dia, é um discurso sem palavras (*parole*) (LACAN, 1992, p.10-1)

A tradução estabelecida optou por "palavra" ou "palavras" quando o texto francês traz *parole*. Esta tradução não está errada, pois um dos significados possíveis do termo francês é precisamente "palavra". Contudo, o francês também dispõe de *mot* para assinalar justamente "palavra". Outra definição possível de *parole*, todavia, é "fala". Propomos que a segunda possibilidade é mais fecunda de consequências que a primeira precisamente pois o que está em questão neste momento é uma propriedade da escrita que, segundo Lacan, permite algo que a fala não permite. Ao passo que essa última remete-se sempre a uma significação pelo encadeamento, a primeira não se remete a qualquer tipo de significação - precisamente porque usa letras algébricas para marcar seus lugares. É o uso da escrita que possibilita o jogo - formalmente simples mas de consequências extremamente complexas - das letras nas estruturas discursivas, que demonstra relações formais que a fala, pela produção inevitável de significações, oculta. Por conta disso, optaremos por tratar de *parole* como fala ao longo do percurso deste tópico. Quando tratar-se de *paroles*, por conta do plural, que modifica a definição do singular, manteremos a tradução por "palavras", apontando o termo usado em francês em qualquer caso.

Na citação anterior, Lacan faz alusão ao "Seminário XVI - De um Outro ao outro". De fato, é nele que Lacan enuncia a frase à qual faz alusão. Logo na primeira lição, escreve ao quadro "A essência da teoria psicanalítica é um discurso sem fala (*parole*)" (LACAN, 2008). De certa forma, o "Seminário XVII" é uma consequência dessa emblemática frase. Emblemática, pois o que pode parecer mais contraditório com o discurso analítico do que um discurso sem fala? Quando nos deparamos com um analisando em sofrimento é apenas a partir de sua fala que podemos operar. Por qual razão, então, Lacan haveria de colocar a essência do discurso analítico na ausência da fala? Justamente porque um discurso sem fala é aquele "que não designa nada além do discurso sustentado pela escrita" (LACAN, 2008, p.156), ou seja, aquele no qual as palavras vão se alojar segundo sua estrutura lógica: "são discursos sem fala (*parole*), que vem em seguida alojar-se neles" (LACAN, 1992, p.159). A estrutura, portanto, **constrange** a emergência da fala. Quando Lacan procura incessantemente a estrutura do discurso, ou seja, do inconsciente, não é por uma obstinação ferozmente formal, um apreço desmedido por uma caduca tradição da ciência moderna. É justamente porque o

significante vem se enganchar na estrutura que ele procura escrever. A partir da elucidação da estrutura, torna-se possível mostrar os constrangimentos aos quais a lógica significante está necessariamente submetida - como vimos anteriormente com o *caput mortuum* do significante. É precisamente por isso que o uso de letras é essencial. Caso fossem discursos de falas ou palavras o significado seria inevitável:

Se só forneci aqui estas letrinhas, não foi por acaso. É que não quero meter coisas aí que tenham a aparência de significar. Não as quero significar, de modo algum, e sim autorizá-las. Autorizá-las já é um pouco mais do que escrevê-las. Já falei sobre o que constitui os lugares em que esses significantes se inscrevem⁵⁷" (*ibid.*, p.161)

Trata-se de interditar a significação, o significado. É a letra, portanto, que vem escrever a estrutura onde o significante incide. Isto resulta, precisamente, em que a fala não é errática, caótica nem meramente ocasional. Há uma **lógica** por detrás de cada ato de fala. É por conta disso que um discurso sem fala interessa a Lacan: desvelar sua estrutura possibilita a demonstração de uma série de relações que constroem a fala, possibilita demonstrar que há um impossível de ser dito mascarado pela ilusão de poder se dizer tudo. Trata-se, portanto, de chegar às relações fundamentais do discurso:

É que sem palavras (*paroles*), na verdade, ele [discurso] pode muito bem subsistir. Subsiste em certas relações fundamentais. Estas, literalmente, não poderiam se manter sem a linguagem. Mediante o instrumento da linguagem instaura-se um certo número de relações estáveis, no interior das quais certamente pode inscrever-se algo bem mais amplo, que vai bem mais longe do que as enunciações efetivas. Não há necessidade destas para que nossa conduta, nossos atos, eventualmente, se inscrevam no âmbito de certos enunciados primordiais" (*ibid.*, p.11)

Se nos fiarmos apenas na dimensão da fala e seu reenvio inevitável e incessante de significação, perderemos a dimensão das relações fundamentais da linguagem. A estrutura discursiva, escrita em letras, procura justamente demonstrar estas relações estáveis da linguagem. Relações, diga-se de passagem, que não são quaisquer umas. Há um jogo limitado que a linguagem instaura. Nunca se fala sem estar às voltas com as

⁵⁷A tradução estabelecida, por um equívoco do estabelecimento francês do texto, traduziu corretamente o que constava na versão oficial de Seul: *insignifiances* por insignificâncias. O sentido da frase, contudo, fica confuso. Trata-se, justamente, da inscrição do significante no aparelho formal que a letra escreve. Na versão do site www.staferla.free.fr temos outra possibilidade. Nesta, ao invés de insignificâncias (*insignifiances*) consta significantes (*signifiants*). Como apostamos que é precisamente do significante que se trata, optamos colocar este termo no texto. Segue o trecho original do site: "Si je ne vous mets ici que ces petites lettres au tableau, c'est évidemment pas au hasard... c'est parce que je ne veux pas y mettre des choses qui ont une apparence de signifiés, parce que je veux en quelque sorte - ces signifiés - aucunement les autoriser. C'est déjà un peu plus les autoriser que de les écrire. J'ai déjà parlé de ce qui constitue les places, les places où ces signifiants s'inscrivent."

amarras e balizas apresentadas pelo campo da linguagem. A escrita, então, permite demonstrar as regras do jogo pelo uso da letra. Esta institui um lugar vazio, como vimos, que marca uma articulação possível com outras letras. Tal qual no "Seminário IX", onde a emergência da letra mostrava o lugar vazio de emergência do objeto de desejo oculto pela insistência significante, ou no "A Carta Roubada", onde o *caput mortuum* apresentava as impossibilidades, constrangimentos e retroações da cadeia, aqui ela permite escrever as relações não aparentes que estão em jogo nos lugares marcados pela linguagem e que, como nos outros casos, também marcam o destino do ser falante. Cabe investigar, neste caso, quais são as "relações fundamentais" às quais Lacan faz alusão. Podemos propor, grosso modo, que a relação fundamental que sempre acompanhou o percurso de Lacan é o par ordenado: este é o elemento da psicanálise (GOLDENBERG, 2018).

$$S_1 \rightarrow S_2$$

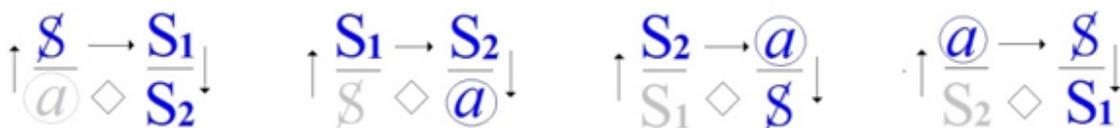
É a partir desta operação fundamental - objetividade perfeitamente localizável da subjetividade (LACAN, 1992) - que emerge um objeto como perda irreparável e o sujeito como hiância, um "entre": "do S1 ao S2, é possível que se abra essa falha chamada sujeito" (LACAN, 1992, p.82-3). Cabe ressaltar, ainda, que é apenas a partir da escrita e de seu uso lógico de letras que estas relações aparecem. Veremos adiante quais são essas relações - e quais suas consequências. Por ora, cabe salientarmos este ponto: a estrutura é um achado. Acima apontamos o caráter de "achado" da escrita. Tal qual lá, aqui também se aplica este termo. A estrutura não se mostra por conta própria, não aparece na fala, e sim é "encontrada" justamente porque no campo da escrita lógica não se pode escrever qualquer coisa. A escrita, para além da fala, encontra as relações fundamentais que a linguagem institui como limite a todo ser falante ao circunscrever justamente a impossibilidade que é coextensiva à impotência da própria linguagem. Não se fala de qualquer coisa, nunca se fala sem amarras e restrições. Estas restrições são demonstradas pelas pequenas letras. Veremos a seguir quais são as consequências deste achado.

III.2.b. A estrutura dos discursos

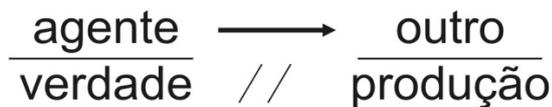
O fato da escrita não é errático. Como dissemos anteriormente, não se pode escrever qualquer coisa desde que se escreva a partir da lógica matemática. É unicamente

por causa desta característica sobretudo formal e restritiva que a escrita permite a Lacan demonstrar o que há de mais essencial, como ele mesmo afirma, da teoria psicanalítica. Há quatro lugares e quatro letras que se alternam entre os lugares em um quarto de giro. Por conta desta obrigação formal, há uma limitação do número dos discursos:

Se parece legítimo que a cadeia, a sucessão de letras dessa álgebra, não pode ser desarrumada, ao nos dedicarmos à operação de quarto de giro, iremos obter quatro estruturas, não mais, das quais a primeira lhes mostra de algum modo o ponto de partida (*ibid.*, p.12)



Este é o aspecto restritivo e constrangedor da escrita. Qualquer ato de fala estará necessariamente limitado por estes quatro discursos. É aí, nesses quadrípedes, que os significantes vêm se inscrever. Os quatro discursos, em ordem, são: histérica, mestre, universitário e analista. Cada discurso se escreve pela alternância dos quatro termos (sujeito, significante-mestre, saber e objeto a) nos quatro lugares disponíveis na estrutura.



(imagem retirada de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382014000200010)

Os lugares não estão necessariamente atrelados às letras que os ocupam. Neste sentido, o lugar do agente será ocupado pelo significante-mestre no discurso do mestre. Contudo, no discurso do analista, o que age - ou faz agir, como veremos - é o objeto (a). A verdade, no discurso do mestre, é ocupada pelo sujeito. No analista, o saber opera no lugar da verdade. Todas as diversas combinações que podem surgir pelo simples quarto de giro que produz os quatro discursos são férteis de consequências importantíssimas. Na próxima seção iremos analisar mais detidamente os discursos do mestre e do analista, justamente porque, como é possível observar apenas pela escrita, um é simetricamente oposto ao outro, ou melhor: o discurso do mestre é o avesso da psicanálise. Por ora, contudo, procuramos explicitar o que está em jogo simplesmente na estrutura do discurso.

Primeiramente, podemos sublinhar que as estruturas não se destacam, mediante observação, do funcionamento da realidade. Muito pelo contrário. Já que são frutos da escrita imposta pelo próprio mecanismo da linguagem, são as estruturas que sustentam o que de realidade se propõe no mundo: como vimos anteriormente, é nas estruturas que o

significante vem se alojar. Isto é particularmente fértil, pois aponta o caráter eminentemente lógico da escrita matemática. Não se trata de uma percepção da realidade transposta ao papel. Trata-se de uma escrita que possibilita, limita e constrange a própria trama simbólica que, por sua vez, sustenta a realidade:

Isto é só para especificar um aparelho [o discurso] que não tem absolutamente nada de imposto, como se diria em uma certa perspectiva, nada de abstraído de qualquer realidade. Muito pelo contrário, está desde já inscrito naquilo que funciona como essa realidade do que eu falava agora mesmo, a do discurso que já está no mundo e que o sustenta, pelo menos aquele que conhecemos. Não apenas já está inscrito, como faz parte de seus pilares. (*ibid.*, p.12-3)

Lacan conta a história, neste mesmo seminário, de uma pessoa que o abordou, quando estava em Vincennes, questionando a relevância de ficar escrevendo fórmulas, algoritmos e letras em um quadro-negro enquanto coisas muito mais reais aconteciam. Tratava-se de alguém que, em algum lugar, estava apanhando. De acordo com a emissora da crítica, esta situação apresentava algo muito mais contundente em relação ao real do que algo que se apresentava no quadro-negro. Para Lacan,

aí é que está o erro. Vou até dizer que, se existe uma chance de captar algo que se chama o real, não é em outro lugar senão no quadro-negro. Inclusive, o que eu possa ter a comentar sobre isso, o que toma forma de palavra falada (*parole*), só tem relação com o que se escreve no quadro-negro (*ibid.*, p.143)

O que Lacan diagnostica na crítica que recebe é justamente a confusão entre realidade e real. Através da escrita da letra há passagem ao real. A realidade não é o real. A consequência mais contundente desta passagem de Lacan é que não só o real não se confunde com a realidade, como o que se estrutura como realidade **depende inteiramente** da inutilidade aparente do quadro-negro e suas inofensivas fórmulas. Trata-se justamente do que sustenta a trama simbólica. O real não depende da situação de alguém apanhando ou de qualquer acontecimento material da realidade, mas de letras algébricas. É o caso do físico que surge como efeito: "é o discurso da física que determina o físico, e não o contrário. Nunca houve físico verdadeiro até que esse discurso prevalecesse" (LACAN, 2008, p.33). Da mesma forma, o analista emerge apenas a partir do momento em que há um discurso que o sustente. O mestre, por sua vez, depende de um discurso que o apresente como tal: segundo Lacan, trata-se do próprio discurso da filosofia. É o real que age no que existe, que causa a existência do que se escreve discursivamente.

O real é sobretudo um lugar que se apresenta a partir do momento em que se escreve o limite que o simbólico apresenta. Entrar no real, segundo Lacan, "corresponde não a descobrir, experimentar, cingir, destacar, deduzir, nada disso, e sim a escrever" (LACAN, 1992, p.179). É precisamente por conta disso - e podemos dizer que esta talvez seja a relação mais fundamental que a escrita possibilita - que a estrutura, para Lacan, é real: "a estrutura, portanto, é real. Em geral, isso se determina pela convergência para a impossibilidade. É por isso que é real" (LACAN, 2008, p.30). A impossibilidade é sobretudo um fato de estrutura: é justamente a relação impossível que se apresenta na escritura dos discursos e se mascara na dimensão da fala:

ao propormos a formalização do discurso e estabelecendo para nós mesmos, no interior dessa formalização, algumas regras destinadas a pô-la à prova, encontramos um elemento de impossibilidade. Eis o que está propriamente na base, na raiz do que é um fato de estrutura. E é isto, na estrutura, o que nos interessa no nível da experiência analítica (*op. cit.*, p.43)

A estrutura, em sua raiz, é impossível. É por isso que ela só pode ser escrita. Tal como no "Seminário IX", onde a impossibilidade do significante significar a si mesmo que vinha sublinhar um real dependia da escrita da figura do toro, aqui a impossibilidade só emerge a partir do momento em que a escrita - a letra - entra em jogo. O paralelo estabelecido com o percurso do toro se justifica: a impossibilidade que Lacan sublinha na estrutura discursiva também gira em torno do eixo fundamental da repetição. Repetir é atestar a impossibilidade de significar, do significante representar plenamente um sujeito. Veremos adiante que é justamente nessa tentativa de fazer o significante coincidir com o sujeito que o discurso do mestre é o avesso da psicanálise.

Lacan extrai de Freud a relevância fundamental da repetição. Trata-se, para ele, do segundo tempo da elaboração freudiana - mais importante justamente porque o primeiro não parecia necessariamente justificá-lo. O primeiro está elaborado em "A Interpretação dos Sonhos" e, segundo Lacan, consiste no fato de que "o inconsciente permite situar o desejo" (*ibid.*, p. 43). O segundo momento emerge a partir da investigação freudiana depois de 1920, justamente após a elaboração feita em "Além do princípio de prazer" e consiste em situar a relevância da repetição no funcionamento do inconsciente:

A repetição, o que é? Leiamos o texto de Freud, e vamos ver o que ele articula. É o gozo, termo designado em sentido próprio, que necessita a repetição. Na medida em que há busca do gozo como repetição que se produz o que está em jogo no franqueamento freudiano (*ibid.*, p.43)

É justamente esta perda de gozo - perda irreparável - que a repetição vem demonstrar. Repetição impossível, como veremos, porque não há possibilidade de que a perda seja suturada: "a repetição se funda em um retorno do gozo. E o que a esse respeito é propriamente articulado pelo próprio Freud é que, nessa mesma repetição, produz-se algo que é defeito, fracasso" (*ibid.*, p.44). O gozo deve ser pensado desde o significante. É precisamente por essa razão que Lacan associa esta dimensão de repetição - e perda - ao que ele chama de "seu aporte" para dar sentido a algo que não estava no texto:

Aí, tomo do texto de Freud, para dar-lhe um sentido que lá não está apontado, a função do traço unário - quer dizer, da forma mais simples de marca, que é, falando propriamente, a origem do significante. E afirmo isto - que não se vê no texto de Freud, mas de modo algum poderia ser descartado, evitado, rejeitado pelo psicanalista -, que é no traço unário que tem origem tudo o que nos interessa, a nós, analistas, como saber (*ibid.*, p.44)

O repetição emerge propriamente desde a incidência do traço unário, que também comparece como marca apagada, como perda. É justamente o significante que incide nesta fenda aberta pela falta do traço. Passamos justamente pela função do traço unário para mostrar a repetição do significante no capítulo passado. Novamente Lacan, quando procura situar a função da escrita no que diz respeito à formalização do inconsciente, traz este aspecto primário de perda que o traço inaugura. O gozo relaciona-se intimamente com esta perda impossível de ser contornada - ou melhor, que pode apenas ser contornada pelo significante, mas nunca suprida. A origem do significante, portanto, já está marcada pela impossibilidade: impossibilidade de um significante significar a si mesmo no "Seminário IX", impossibilidade de reparação da perda do gozo marcada pelo traço unário. O gozo, portanto, emerge desde o início como uma perda marcada pelo próprio significante, que repete-se dando origem àquilo que Lacan chama de saber. É isto que está implicado no par ordenado - o elemento da psicanálise - que colocamos acima:

$S_1 \rightarrow S_2$

Repete-se o significante-mestre na tentativa de recuperação do traço, da marca perdida. Justamente pela impossibilidade dessa recuperação, só lhe resta repetir. Daí emerge o saber como campo próprio da bateria significante.:

o saber está, em certo nível, dominado, articulado por necessidades puramente formais, necessidades de escrita, o que culmina em nossos dias em um certo tipo de lógica. (...) Esse saber mostra aqui sua raiz porquanto na repetição, e sob a forma do traço unário, para começar, ele vem a ser o meio do gozo (...) O que surge desse formalismo - para continuar seguindo Lacan - é que, como dissemos há pouco, há perda

de gozo. E é no lugar dessa perda, introduzida pela repetição, que vemos aparecer a função do objeto perdido, disso que eu chamo o a. (*ibid.*, p.46)

Da mesma forma que na topologia do toro, o que emerge da repetição é precisamente o objeto (a) como objeto circunscrito justamente a partir do "nada" contornado pelo significante, ou ainda, pelo real que é bordado pela operação do oitão interior que sublinhamos anteriormente. É justamente por essa repetição ser sempre fracassada que o (a) emerge como objeto desde para sempre perdido: repetição impossível, real, determinada pela operação própria ao significante em sua insistência (*loopings*, como vimos). Interessa-nos marcar, também que o gozo é impensável senão a partir do significante: este é o aparelho daquele (LACAN, 1992). Ao tentar repetir-se como idêntico, recuperar a marca do unário, o significante elide-se de si mesmo. Daí emerge o saber, a perda, o gozo como interdição irremediável sustentada na alteridade radical do traço:

Ele [o 1, o traço] não pode reunir [unificar, totalizar] absolutamente nada, a não ser precisamente a confrontação, a adjunção do pensamento da causa com a primeira repetição do 1. Tal repetição já tem seu custo, e institui, no nível do a, a dívida da linguagem (*ibid.*, p.149)

É da incidência do traço, desta primeiríssima marca, que emerge a dívida da linguagem e o objeto (a) precisamente como resto inassimilável desta operação. Trata-se, portanto, da condição da perda enraizada desde as primeiras operações da linguagem. É uma perda insistentemente repetida, mas nunca contabilizada e sempre no débito. A repetição incessante (1...1...1...) jamais encerra qualquer consistência, qualquer completude. Faz-se, apenas, a borda do irrecuperável - mais, ainda! A emergência da operação do significante é contemporânea à gênese desta perda. Como no par ordenado: a partir do momento em que S1 repete-se em S2, produz-se o sujeito barrado, dividido entre um e outro, e o objeto desde para sempre perdido (contabilizado neste momento como mais-de-gozar, contorno da ausência na figura do *caput mortuum*). É por conta dessa operação que o sujeito emergirá sempre em condição de dependência em relação ao campo do Outro. Dividido entre um significante o outro, o sujeito não se constitui senão nesta remissão incessante de um - que o representa como barrado - a outro - que não completa a operação com qualquer substância ou concretude, senão como operação de perda, ausência de traço. No próprio "Seminário XVII", Lacan faz alusão ao que chama de "glória da marca" como precisamente o que assinala a dependência do sujeito

ao campo do Outro. Propomos fazer uma aproximação entre esta "glória" - que, imaginamos, só pode ter um uso irônico... - com a função desempenhada pelo traço unário:

mas, mesmo assim, há algo de completamente radical - é a associação, no que está na base, na própria raiz da fantasia, dessa glória, se é que posso me exprimir assim, da marca. Falo da marca sobre a pele, onde se inspira, nessa fantasia, o que nada mais é que um sujeito que se identifica como sendo objeto de gozo. (...) Gozo de quem? Será aquele que porta o que chamei de glória da marca? É seguro que isto queira dizer gozo do Outro? Claro, é uma das vias de entrada do Outro em seu mundo, e ela, certamente, não é refutável (*ibid.*, p.47)

No "Seminário IX", o sujeito se alienava ao campo do Outro justamente pela impossibilidade de ser representado por um significante - já que o significante jamais é idêntico a si mesmo (A não é A) -, por apresentar-se justamente a partir da falta do traço (-1). Através da lógica da insistência significante, bordava-se um real a partir do qual o sujeito emergia como efeito - radicalmente alienado ao campo do Outro. É isso que a figura dos toros superpostos colocou em jogo. Ao bordar-se o vazio instituído pelas repetições da demanda, o sujeito fazia da demanda do Outro - que Ele tivesse demanda, que ele respondesse algo! - seu objeto de desejo, constituindo-se apenas nesta dependência que é uma dependência derivada da impotência da linguagem. No "Seminário XVII", algo similar está em jogo. Aqui também o sujeito, seduzido pela "glória da marca" (inglória?), constitui-se propriamente por essa operação perdida para, portanto, alienar-se justamente ao Outro - aqui sob a forma de objeto de gozo do Outro. É uma operação que Lacan sublinha como não refutável, justamente porque é apenas por estar nesta impossibilidade entre um significante e outro que o sujeito pode emergir. É apenas como dependente da própria impotência da linguagem - pois o Outro é, ele também, barrado - que o sujeito pode emergir em sua busca sempre fracassada. Essa "glória" que, segundo Lacan, marca a pele, não deve ser entendida a partir de um corpo material. Múltiplas vezes há alusão ao corpo do Outro, ao gozo do corpo. Apesar de não entrarmos neste ponto específico, propomos entender este corpo precisamente como o corpo da linguagem, superfície sobre a qual os significantes se inscrevem em suas articulações. Parece-nos improvável que se trate de um corpo existente, material:

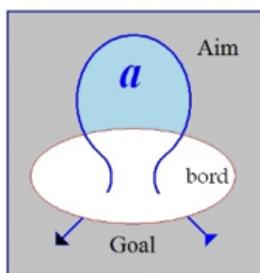
o que é que tem um corpo e não existe? Resposta - o grande Outro (...) os materialistas são os únicos crentes autênticos (...) o deus deles é a matéria. (...) Só que, para nós, é insuficiente. Porque temos justamente necessidades lógicas, se me permitem este termo. Porque somos seres nascidos do mais-de-gozar, resultado do emprego da linguagem. Quando digo emprego da linguagem, não quero dizer que a

empreguemos. Nós é que somos seus empregados. A linguagem nos emprega, e é por aí que aquilo goza. (*ibid.*, p.62).

Acreditar na matéria é legitimar a existência de Deus, acreditar em um Outro que não seja barrado ou na metalinguagem. No caso da psicanálise, portanto, o que se delinea é justamente o corpo inconsistente, incompleto da linguagem. É sobretudo em relação à linguagem como corpo do Outro que o sujeito emerge como objeto do qual se goza. Não se trata de matéria, portanto, e sim da lógica que, pela escrita de letras, demonstra a operação através da qual o sujeito vem surgir como aquilo que é gozado precisamente pelo significante. Neste sentido, o sujeito emerge sempre como perda de si mesmo. O gozo, ao invés de ser algum tipo de sensação específica de desprazer, ou de qualquer tipo de matéria mais ou menos religiosa, é sobretudo a linguagem, em sua impotência, empregando o sujeito: fazendo uso dele incessantemente entre um significante e outro, constituindo sua existência sempre a partir da perda jamais recuperável. A significação estável, a identidade do sujeito com o significante são postulações impossíveis no campo da psicanálise. É por conta disso que o gozo é incontornavelmente interdito e aparece sempre como perda a ser recuperada - (a), objeto causa de desejo e mais-de-gozar - mas que nunca será, uma vez que a linguagem apresenta-se em sua impotência, uma vez que Outro também é barrado. É justamente esta condição de perda assinalada pelo (a) que Lacan procura sublinhar impingindo-lhe a alcunha de objeto mais-de-gozar:

É justamente por ser apreendido na dimensão da perda - alguma coisa é necessário para compensar, por assim dizer, aquilo que de início é número negativo [-1] - que esse não-sei-quê, que veio bater, ressoar nas paredes do sino, fez gozo, e gozo a repetir. Só a dimensão da entropia dá corpo ao seguinte - há um mais-de-gozar a recuperar (*ibid.*, p.48)

Lacan elucida a sua metáfora com o sino. O que está em jogo é o advento do objeto (a) pela figura tórica a partir da borda que faz ex-sistir um real inassimilável, marcado apenas como um lugar vazio que o significante borda: toca-se apenas nas paredes do sino, produz-se a borda vazia onde emerge o (a).



(aim: meta; bord: borda; goal: objetivo)

Essa falta, produzida pelo traço unário, pela "glória da marca", é justamente o que o significante tenta recuperar - mas falha, e então repete. Esta repetição jamais dá conta da perda que o mais-de-gozar (a) contabiliza sempre que há a insistência. É precisamente por isso que Lacan coloca o gozo como interdito. A linguagem jamais abarca-se a si mesma, não se completa, não se significa de modo estável. É este o impossível que está em jogo no gozo: a impossibilidade de se recuperar o traço, de se alcançar uma consistência no conjunto dos significantes. Ainda que objetos possam emergir para tentar suturar este furo (objeto metonímico como vimos acima), o mais-de-gozar será inassimilável e o desejo, impossível de ser inscrito. Sempre se passa à margem da meta. Há sempre dívida - e sujeito dividido. Esta é a consequência mais radical da pura articulação formal do significante:

Aí [gráfico acima] está o oco, a hiância [objeto mais-de-gozar; objeto causa de desejo], que de saída um certo número de objetos vêm certamente preencher, objetos que são, de algum modo, pré-adaptados, feitos para servir de tampão. É aí, sem dúvida, que se detém uma prática analítica clássica, valorizando esses termos diversos, oral, anal, escópico e mesmo vocal. Estes são os diversos nomes com os quais podemos designar como objeto o que concerne ao a - mas o a, como tal, é propriamente o que decorre do fato de que o saber, em sua origem, se reduz à articulação significante. Tal saber é meio de gozo. E quando ele trabalha, repito, o que produz é entropia. Essa entropia, esse ponto de perda, é o único ponto, o único ponto regular por onde temos acesso ao que está em jogo no gozo. Nisto se traduz, se arremata e se motiva o que pertence à incidência do significante no destino do ser falante. Isto tem pouco a ver com sua fala, com sua palavra. Isto tem a ver com a estrutura, que se aparelha (*ibid.*, p.48)

Novamente Lacan insiste sobre o ponto de que é apenas pela escritura da estrutura que as relações próprias à impossibilidade aparecem. Através da fala podíamos continuar resguardados pela impotência: falar o que não falamos anteriormente, falar o que finalmente viria arrematar o discurso, concluir o que se propunha, representar finalmente o sujeito. Contudo, o que a estrutura discursiva mostra é que há uma operação impossível, para além da impotência, que radica os discursos. Este impossível é a perda, o gozo, ou seja: a perda é o gozo, há um mais-de-gozar que comparece justamente na perda como falta ao mesmo tempo em que esta perda é a própria interdição ao gozo - gozo impossível. Lacan é ainda mais radical: este ponto de perda é o **único ponto regular** por onde temos acesso ao que seja o gozo. Este é o arremate da incidência significante no destino - ou percurso subjetivo, como vimos na seção anterior - do ser falante: a função da perda, tratada como gozo, articulada pelo significante. Tratando-se deste arremate, não deve

surpreender que o discurso sempre faça referência à interdição marcada pelo aparelho, pois é justamente dela que ele se constitui:

No entanto, é claro que nada é mais candente do que aquilo que, do discurso, faz referência ao gozo. O discurso toca nisso sem cessar, posto que é dali que ele se origina. E o agita de novo desde que tenta retornar a essa origem. É nisso que ele contesta todo apaziguamento (*ibid.*, p.66)

O discurso se origina precisamente da perda do traço unário, da "glória da marca" que se perdeu e que comparece por um lado, como raiz da articulação significativa e, por outro, como perda que comanda a repetição à qual este estará irremediavelmente fadado. O discurso toca nisso sem cessar porque o significante faz voltas e voltas na tentativa de obter uma resposta do Outro - inconsistente; uma significação - interdita; uma completude - impossível. Lacan diz em seguida que "não é cômodo situar-se nesse ponto onde o discurso emerge" (*ibid.*, p.67). Podemos propor, contudo, que é justamente neste ponto incômodo que Lacan situa o discurso da psicanálise. É sobretudo a relação impossível com o gozo e incontornável em relação à perda que o discurso do analista torna evidente. Veremos, a seguir, como que esta verdade é exposta justamente pela operação do analista. O impossível do gozo, podemos chamá-lo por outro nome: a castração. É justamente ela que é mascarada, escamoteada pelo discurso do mestre e articulada no discurso do analista. A relação entre ambos será fundamentada pela verdade que o discurso do mestre mascara e o analista escancara. Veremos a seguir quais consequências podemos tirar da relação avessa entre ambos esses discursos.

III.2.c. O avesso da psicanálise



Na seção precedente, abordamos a relação do discurso com o gozo. Segundo Lacan, é precisamente da impossibilidade de se reaver um gozo perdido, um objeto desde para sempre perdido que os discursos se originam. Veremos agora como que a relação entre o discurso do mestre e o discurso do analista gira fundamentalmente em torno do problema do gozo, ou melhor, o problema da castração. Fizemos alusão a isso acima quando tratamos do "saber como meio de gozo". Segundo Lacan, este saber possui o

sentido obscuro da verdade. Veremos como que, por tentar elidir o problema do gozo, o discurso do mestre mascara a verdade que o discurso do analista articula como impossível.

Antes de entrarmos no nervo desse problema, podemos desde logo observar a simetria oposta entre ambos os discursos. Não deve surpreender, portanto, a articulação segundo a qual o discurso do mestre é o avesso da psicanálise: na própria escritura dos termos há uma inversão absolutamente rigorosa. Se, no discurso do mestre, temos um significante-mestre no lugar de agente operando sobre o campo do saber para a produção do objeto (a), no discurso do analista temos esse objeto agindo sobre o sujeito barrado para a produção do significante mestre. Mostraremos as consequências dessas posições em breve. Interessa-nos agora ressaltar que a linha acima, segundo Lacan, apresenta uma relação impossível. Governar (discurso do mestre), educar (discurso universitário), desejar (discurso da histérica) e fazer desejar/analisar (discurso do analista) seriam ações impossíveis (LACAN, 1992). A linha abaixo, contudo, apresenta uma relação de impotência: os termos que se localizam aí não possuem relação entre si.

Resta-nos sublinhar, para não distanciarmo-nos da escrita acima, que os termos que não possuem relação entre si no discurso do mestre são precisamente o (a) e o sujeito barrado, ao passo que no discurso do analista esta relação se apresenta perfeitamente articulada e direta entre um e outro - é o único discurso com essa característica. A consequência desta característica diz respeito ao gozo: ao passo que no discurso do analista a relação com o gozo aparece na linha superior em sua impossibilidade, o discurso do mestre não coloca o sujeito em relação com o gozo. Tentaremos extrair as consequências que aparecem precisamente quando estas relações são escritas em suas formas mínimas.

Começemos elaborando precisamente a posição do discurso do analista. Como podemos ver, é o (a) que ocupa a função de agente. Dizemos (a) ao invés de analista justamente porque não é o analista que age. A ação que lhe cabe restringe-se a ocupar o lugar do objeto. Esta observação pode parecer preciosista, mas acreditamos ser fértil em consequências: o interesse de Lacan é em mostrar como que o discurso age por sua estrutura. Assim como o discurso da física não depende do físico, o discurso do analista não se encarna na figura do analista, mas age por conta de suas articulações: "pois haverá mesmo um analista?, quem pode saber?, mas teoricamente podemos postulá-lo" (*ibid.*, p.99-100). Trata-se, portanto, da ação de um objeto (causa de desejo, mais-de-gozar) em um sujeito (barrado). Neste sentido, o discurso do analista não apresenta

predominantemente um comando ou um apelo à submissão - como parece ser o caso em relação ao discurso do mestre:

gostaria de dar-lhes esta regra como primeira aproximação - a referência de um discurso é aquilo que ele confessa querer dominar, querer amestrar. Isto basta para catalogá-lo em parentesco com o discurso do mestre. É exatamente esta a dificuldade daquele que tento aproximar tanto quanto posso do discurso do analista - ele deve se encontrar no pólo oposto a toda vontade, pelo menos confessada, de dominar. (*ibid.*, p.65-6)

Polo oposto justamente em relação ao discurso do mestre. Ao passo que este tem o significante-mestre como agente de seu discurso, o discurso do analista tem em sua posição de "comando" precisamente o objeto que já reconhecemos aqui algumas vezes como objeto impossível, resto da articulação simbólica, perda estruturante. Nada parece mais distante da vontade confessada de dominação do que um objeto - perdido - que age sobre um sujeito - dividido. Isto não quer dizer, contudo, que o sujeito não se submeta. Como sabemos, a submissão do sujeito - ao campo do Outro, à impotência da linguagem - é uma característica fundamental de sua própria emergência. Contudo, esta dependência é própria à articulação significante. Parece-nos que esta passagem de Lacan está endereçada ao discurso do mestre - que ele aproxima frequentemente da dialética entre senhor e escravo de Hegel. Trata-se, portanto, de uma posição do discurso do analista que não procura necessariamente avassalar aquele sobre o qual age. Trata-se justamente do contrário. Segundo Lacan, a postura que o analista deve adotar para advir no lugar que lhe cabe é aquela de fazer surgir o objeto (a). O discurso do analista, portanto, gira em torno da posição de rejeição:

A posição do psicanalista, eu a articulo da seguinte forma - digo que ela é feita substancialmente do objeto *a*. Na articulação que faço do que é estrutura do discurso, na medida em que ela nos interessa e, digamos, na medida em que é tomada no nível radical em que importa para o discurso psicanalítico, essa posição é, substancialmente, a do objeto *a*, na medida em que esse objeto *a* designa precisamente o que, dos efeitos do discurso, se apresenta como o mais opaco, há muitíssimo tempo desconhecido, e no entanto essencial. Trata-se do efeito de discurso que é efeito de rechaço (*rejet*) (*ibid.*, p.40)

Colocar o psicanalista justamente na posição de rejeição do discurso é um ponto crucial para a estrutura do discurso do analista. Ele ocupa o lugar do (a) justamente porque cabe a ele assinalar o que emerge da repetição da qual o sujeito é efeito. Assim como em nossa argumentação em relação ao toro, na qual assinalamos a responsabilidade do analista de escutar a repetição que aliena o sujeito para daí circunscrever o real do qual o

sujeito emerge, aqui Lacan coloca-o justamente na posição de fazer este (a) operar em sua impossibilidade: impossibilidade de ser inscrito, impossibilidade real do significante significar a si mesmo ou representar o sujeito. O analista, portanto, precisa fazer operar justamente isso que é rejeitado dos discursos: a repetição significante e o real que esta inscreve como letra. É daí que um sujeito ausente de traço inicialmente (-1) pode aparecer não foracluído de sua posição desejante (+1). O analista, portanto, deve recolher o que se apresenta como insistência significante, como perda impossível de ser reparada - portanto real - do objeto para precisamente aí fazer surgir um sujeito desejante. É neste sentido que o analista encarna justamente a causa de desejo do analisante:

É como idêntico ao objeto *a*, quer dizer, a isso que se apresenta ao sujeito como a causa do desejo, que o analista se oferece como ponto de mira para essa operação insensata, uma psicanálise, na medida em que ela envereda pelos rastros do desejo de saber. (...) Além do mais, não é mais ele [o analista] quem o suscita, ele se oferece como ponto de mira para qualquer um atacado por esse desejo particularmente problemático" (*ibid.*, p.99-100)

O analista se oferece como ponto de mira (*a*) do analisante a quem se dirige (sujeito dividido). Ele apresenta o efeito de rejeição do discurso no qual o sujeito é causado, emerge como sujeito desejante onde antes alienava-se, como objeto, ao gozo Outro, gozo da linguagem. É neste ponto de mira que o sujeito aparece como impossível - e, desta forma, o próprio discurso do analista. Impossível pois o sujeito estará sempre dividido pela operação que o causa - como real, como efeito precisamente da hiância aberta pela repetição da relação entre $S1$ e $S1$. Lacan afirma tratar-se de um "desejo particularmente problemático". Veremos o quão problemático é este desejo: situa-se exatamente na impossibilidade, um efeito de rechaço de onde advém um sujeito desejante a partir de sua divisão.

Fazer agir o (a) sobre um sujeito é justamente sublinhar o seu caráter dividido. Ora, este aspecto, que aparece na linha superior do discurso do analista em sua impossibilidade é justamente o que é discurso do mestre pretende escamotear. Lacan trata desse escamoteamento ao apontar que, no discurso do mestre, há uma hipóstase do sujeito - uma tentativa de substantificá-lo, fazê-lo idêntico ao significante:

este [o discurso do mestre] começa com a predominância do sujeito, na medida em que ele tende justamente a se sustentar apenas nesse mito ultra-reduzido, o de ser idêntico a seu próprio significante [$S=S1$]. Foi nisso que lhes indiquei da última vez o que esse discurso tem de natureza afim à da matemática, onde *A* representa a si mesmo (*ibid.*, p.84)

Tentar fazer coincidir o sujeito com o significante é justamente o que o discurso do analista vem mostrar ser impossível. O sujeito é sempre dividido, barrado, e situa-se no "entre", na hiância que a repetição vem bordar como um lugar real. Neste sentido, o discurso do mestre mascara a verdade que o discurso do analista vem escancarar: precisamente a castração, a impossibilidade do sujeito reparar a perda ou representar-se adequadamente por um significante - seja ele mestre ou não. Esta aproximação entre discurso do mestre e matemática vem apontar, em relação à posição de mestria, uma violação da própria condição do significante:

a matemática só pode ser construída a partir do fato de que o significante é capaz de significar a si mesmo. O A que vocês escreveram uma vez pode ser significado por sua repetição de A [A=A, princípio de identidade]. Ora, essa posição é estritamente insustentável, constitui uma infração à regra em relação à função do significante, que pode significar tudo, salvo, certamente, a si mesmo (*ibid.*, p.84)

O que está em jogo no discurso do mestre - e constitui a razão de sua simetria oposta ao discurso do analista - é justamente a tentativa de burlar esta condição do significante, fazendo do significante-mestre o próprio ser do sujeito, sua substância, seu significado. Elide-se, portanto, a relação irreparável com a perda e inconsistente com o campo da significação. Esta relação só se torna possível pois é no discurso do mestre que o sujeito não possui relação com o gozo, com a perda. Não possui relação justamente com o que, no discurso do analista, vem evidenciar e operar a castração, a divisão. O sujeito resolve-se em uma ilusão com o significante:

Ele [discurso do mestre] é inteiramente manejável a partir dessa relação de S1 e S2 que veem ali escrita. Nesse discurso o sujeito se encontra ligado, com todas as ilusões que comporta, ao significante-mestre, ao passo que a inserção no gozo se deve ao saber (*ibid.*, p.87)

Ligar-se ao significante-mestre é justamente o que o discurso do analista impede: ao situá-lo na posição de produção ou perda, esse significante é justamente o que cai ao longo da análise. É pelo processo analítico que o sujeito vem questionar esse significante que aparece como seu representante. No discurso do mestre, contudo, esta relação não aparece. O sujeito permanece intacto deste questionamento justamente porque não possui relação alguma com o objeto que causa seu desejo, com o gozo que condiciona esta operação. É por conta disso que o discurso do mestre consegue hipostasiar seu sujeito: trata-se de mestre (*maître*) tal como trata-se de meu ser, ser-me (*m'être*). Lacan aponta esta homofonia justamente para indicar a produção de substância que está em jogo no discurso do mestre. Uma vez que o sujeito - como pode ser observado na escritura do

discurso - perde contato com o que causa seu desejo, perde contato também com sua condição dividida entre um significante e outro. A substancialização advém precisamente por conta disso: o sujeito possui significado, o significante significa a si mesmo. Esta substancialização não pode estar mais distante do que qualquer coisa que esteja em jogo no discurso do analista. O sujeito, resguardado em sua verdade no discurso do mestre, não é ambíguo:

do lugar em apreço, diremos que funciona como lugar de ordem, de mandamento [superior à esquerda], ao passo que o lugar que lhe é subjacente em meus diversos esqueminhas, chamados de esquemas com quatro patas, é o lugar da verdade, que expõe bem seu problema. No nível do discurso do mestre, com efeito, o lugar abaixo só pode ser ocupado pelo \$ que na verdade, numa primeira abordagem, nada necessita, posto que se coloca tranquilamente num primeiro tempo como idêntico a si mesmo. Diremos que o princípio do discurso, não dominado, não amestrado, e sim mestrado, com hífen, do discurso na medida em que feito mestre - é acreditar-se unívoco. E o passo dado pela psicanálise, seguramente, foi o de fazer-nos afirmar que o sujeito não é equívoco (*ibid.*, p.96)

A verdade do sujeito barrado é justamente o que o discurso do mestre procura escamotear. Este escamoteamento é o que o discurso do analista escancara. Neste sentido, o discurso da psicanálise revela a verdade que o mestre rejeita, não quer saber: a divisão do sujeito, a inevitável castração. O discurso do analista trata, em contrapartida, da equivocidade do sujeito. Lacan traz à luz sua apropriação da clássica frase cartesiana "penso, logo existo" para tratar da função do sujeito radicada na proposição "ou não penso, ou não sou", que entra em choque com o discurso do mestre, uma vez que este substantifica o sujeito, apagando sua divisão pela relação com o ser. É por conta dessa relação que Lacan associa o discurso do mestre à filosofia:

deve estar começando a lhes parecer que o avesso da psicanálise é exatamente aquilo que apresento este ano com o título de discurso do mestre. Não o faço de maneira arbitrária, pois esse discurso do mestre já tem seus créditos na tradição filosófica (*ibid.*, p.81)

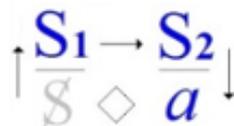
Ao invés da substancialização proposta pelo discurso do mestre, a psicanálise trabalha com a linguagem no ponto em que ela aponta para a impossibilidade de substancializar alguma coisa concretamente. O materialismo que cabe à psicanálise, segundo Lacan, é o *moterialisme* (neologismo que junta "palavra" com "materialismo"). É justamente porque algo falta no campo da linguagem - um significado pleno, não-ambíguo - que o sujeito, fadado a constituir-se apenas nela, permanece sempre em um "entre", fruto de uma repetição que apenas borda o vazio. Esse é o efeito da linguagem

que Lacan sublinha - e coloca a psicanálise distante de um consórcio com a filosofia ou a mestria. Ao sujeito não cabe a substância, mas o que na linguagem presentifica a falta:

Quanto mais longe levarmos seus efeitos [da linguagem], mais emerge essa origem [da linguagem]. O efeito da linguagem é retroativo, precisamente porque é na medida de seu desenvolvimento que manifesta o que ela é de falta a ser (*ibid.*, p.147)

As oposições entre discurso do mestre e discurso do analista são gritantes. Restamos sublinhar a que talvez seja a mais contundente delas. Lacan afirma, em determinado momento do "Seminário XVII", que "avesso (*envers*) é assonante com verdade (*vrai*)" (LACAN, 1992, p.52). Já pontuamos algumas vezes como que o discurso do analista vem mostrar uma verdade que o discurso do mestre elide. Tratamos, agora, de expor com mais cautela este ponto. Como o discurso do analista, por ser o avesso do mestre, coloca a verdade em jogo?

Como afirmamos acima, o discurso do mestre é o único que coloca o sujeito sem relação alguma com o objeto (a). Ele escamoteia justamente o que Lacan vem apontar como o fundamento de todos os discursos: a relação com o gozo, ou seja, com a própria impotência da linguagem. O resultado desta operação é a aliança do discurso do mestre (*maître*) com a dimensão do ser (meu ser, *m'être*) ou do significado entendido como uma das possíveis vias de substancialização. O (a), no lugar do produto do discurso do mestre, não possui qualquer relação com o sujeito barrado.



O discurso do analista, em contrapartida, aponta na linguagem aquilo que lhe falta. A linguagem que interesse ao campo analítico toca incessantemente neste ponto problemático onde se origina, ao passo que esta origem problemática é elidida no discurso do mestre. É justamente pela via da fantasia, colocando o sujeito diretamente em relação com este pequeno objeto *a* (causa de desejo e mais-de-gozar), que o discurso analítico avança. O mestre, contudo, não quer saber nada da fantasia - e, com isso, da castração, da impossibilidade. A verdade que o discurso do analista vem mostrar é precisamente que o mestre, voluntariamente cego em relação à sua própria castração, não possui qualquer relação com o que causa seu desejo, com seu gozo:

No discurso do mestre - pois afinal é precisamente aí que se situa o mais-de-gozar - não há relação entre o que vai mais ou menos se tornar

causa de desejo de um cara como o mestre - que, como de costume, não compreende nada disso - e o que constitui a sua verdade. Há aqui, com efeito, no andar inferior, uma barreira. A barreira cuja denominação está imediatamente ao alcance da nossa mão é, no nível do discurso do mestre, o gozo - na medida simplesmente em que está interdito, interdito em seu fundo. Cata-se as migalhas do gozo (*ibid.*, p.101)

É neste ponto que a escritura dos discursos torna-se tão importante. É somente por se tratar de uma rigorosa articulação com letras que Lacan consegue demonstrar essa relação da fantasia no discurso do mestre. Porém, seu interesse não se detém apenas neste ponto. Pelo mecanismo lógico da produção dos outros discursos, o discurso do analista vem, na própria escritura de seus lugares e letras, demonstrar isso que o mestre procura mascarar. Vínhamos falando extensamente sobre este ponto. Agora, podemos circunscrevê-lo. O ponto preciso que o discurso do mestre escamoteia e o analítico escancara é a fantasia, ou melhor: a relação do sujeito com o gozo - como aquilo que lhe é originário, a perda no campo da linguagem que o constitui. É neste discurso que a relação com o objeto (a) é elevada à condição de impossibilidade. É apenas daí, entretanto, que o sujeito pode emergir como efeito do objeto que causa seu desejo.

$$\begin{array}{ccc} \uparrow & a & \rightarrow & S \\ & S_2 & \diamond & S_1 \\ & & & \downarrow \end{array}$$

É por isso que no "Seminário IX" Lacan coloca o sujeito como equivalente ao desejo. Ele emerge da própria impossibilidade que se chama objeto (a), como causa de desejo - "Seminário IX" -, como mais-de-gozar, marca irreparável da perda originária que constitui os discursos, operador da castração. Ora, o mestre não quer saber nada disso:

Esta fórmula [cf. discurso do mestre acima], como definidora do discurso do mestre, tem seu interesse por mostrar que ele é o único a tornar impossível essa articulação que apontamos em outro lugar como a fantasia, na medida em que é a relação do *a* com a divisão do sujeito [*a* \diamond S]. Em seu ponto de partida fundamental, o discurso do mestre exclui a fantasia. É isto exatamente o que faz dele, em seu fundamento, totalmente cego. O fato de que em outro lugar a fantasia possa surgir - especialmente no discurso analítico, onde ela se estende sobre uma linha horizontal de maneira perfeitamente equilibrada - diz-nos um pouco mais sobre o que vem a ser o fundamento do discurso do mestre (*ibid.*, p.101)

O discurso do mestre é cego em relação ao que fundamenta sua própria estrutura. É por conta da exclusão da fantasia que, segundo Lacan, o discurso do mestre escamoteia sua própria verdade: "é por estar mascarada a verdade do discurso do mestre que a análise [o discurso analítico] adquire sua importância" (*ibid.*, p.95). Lacan faz uma extensa

análise dos mitos com os quais Freud trabalhou (o mito de Édipo e "Totem e Tabu") justamente para sublinhar que, antes de tudo, o pai, o mestre, é castrado⁵⁸ (LACAN, 1992). Não há o tempo primevo em que o pai era detentor da totalidade do gozo. Desde sua articulação, o mestre só existe como castrado. Essa verdade, segundo Lacan, foi primeiramente demonstrada pelas históricas. De toda forma, o que está em jogo é uma tentativa de escamotear esta verdade por uma tentativa de fazer com que o mestre não seja castrado. O mestre volta-se ao saber para tirar daí um gozo que, contudo, lhe é interdito. Neste sentido, não interroga o campo do saber em sua inserção no gozo, mas como se pudesse interrogá-lo univocamente, de maneira plena. Segundo Lacan, apenas a inserção no campo do gozo faz com que o discurso, interrogado então em sua origem, tenha relação com a verdade. O mestre não interroga o saber em sua verdade em relação ao gozo, mas prefere escamoteá-la. Esta operação causa um abalo no campo do saber justamente para produzir o que Lacan chamou de "saber disjunto". Para que serve esse saber, pergunta-se Lacan:

serve para recalcar aquilo que habita o saber mítico. Mas ao excluí-lo no mesmo movimento, ela nada mais conhece dele a não ser sob a forma do que reencontramos nas espécies do inconsciente, quer dizer, como resíduo desse saber, sob a forma de um saber disjunto (*ibid.*, p.85)

Ora, é justamente o discurso analítico que recoloca a pergunta sobre esse saber, procurando restituí-lo à verdade que lhe foi rejeitada. Novamente podemos afirmar que isso decorre da própria estrutura: é apenas no discurso do analista que o saber vem ocupar o lugar da verdade, ou seja, vem ser interrogado desde sua impotência para comparecer como forma de enigma. Segundo Lacan, o saber é não-todo e a verdade pode apenas ser semi-dita. Procurar esgotar a verdade no campo do saber, ou restituí-la uma unidade que lhe é estranha causa terríveis consequências: Édipo pagou o mais alto dos preços por tentar solucionar seus enigmas. Tampouco, segundo Lacan, podemos resguardar-nos em um amor à verdade, como uma paixão dos filósofos. O que interessa a Lacan apenas o discurso do analista, por colocar o saber no lugar da verdade, pode sublinhar: a verdade, em última instância, é impotente e serve para mascarar nossa relação com o real. Amá-la, por um lado, é disfarçar sua impotência:

O amor à verdade é o amor a essa fragilidade cujo véu nós levantamos, é o amor ao que a verdade esconde, e que se chama castração. Eu não

⁵⁸ O presente trabalho não tem por objetivo entrar profundamente na questão da castração do mestre ou do pai. Basta assinalarmos esta característica, uma vez que procuramos fundamentar sua estrutura em linhas gerais. De toda forma, indicamos três lições específicas em que esse ponto é insistentemente trabalhado: "O mestre castrado"; "Édipo, Moisés e o pai da horda" e "Do mito à estrutura", todos do "Seminário XVII".

deveria lembrar estas coisas, que são de algum modo tão livrescas. Parece que é entre os analistas, entre eles especialmente que, em nome de certas palavras-tabu com que se lambuza o seu discurso, jamais se entende o que é a verdade - é, a saber, a impotência. Ali se edifica tudo o que concerne à verdade. (*ibid.*, p.49)

A verdade só aparece na forma de um enigma. Isto quer dizer que ela não pode ser abordada - como tentou Édipo - como uma pergunta racional a ser respondida por alguém que detém um saber. Ela deve sempre ser aproximada pela sua própria impotência. Neste sentido, ela só pode ser "semi-dita" ou, segundo Édipo, mal-dita... Isto quer dizer que, quando abordamos o saber no lugar da verdade, devemos ter em mente que este lugar é sempre vazio, habitado por um saber que tampouco é consistente e total. Por conseguinte, a verdade só pode ser abordada pelo metade, de soslaio, obliquamente:

Apresentar as coisas assim, na verdade, mostra que isso ficou tanto tempo obscuro, no nível do discurso do mestre, precisamente por estar em um lugar que, por sua própria estrutura, mascarava a divisão do sujeito [a relação com o gozo, com a perda]. O que é que não lhes disse, com efeito, sobre todo dizer possível no lugar da verdade? A verdade - digo - só poderia ser enunciada por um semi-dizer, e seu modelo, mostrei-o a vocês no enigma (*ibid.*, p.96)

A verdade só pode ser acessada por um semi-dizer justamente porque, "para além da metade não há nada a dizer" (*ibid.*, p.49). A verdade que interessa à psicanálise procura fazer retornar o saber mítico que o discurso do mestre rejeita. O saber do mito, segundo Lacan, é um enunciado impossível (LACAN, 1992). É com esse saber disjunto que a psicanálise vem demonstrar o que está mascarado no discurso do mestre. Neste sentido, mostra que a verdade, em sua impotência, é apenas um véu que esconde a sua falta: "não há verdade senão daquilo que esconde esse desejo de sua falta, fingindo que não quer nada diante do que encontra" (*ibid.*, p.58). O discurso do mestre, por procurar reduzir-se ao que Lacan chama de ilusão de predominância do sujeito, ou melhor, confinar-se nesse amor à verdade que rejeita seu caráter enigmático perde completamente a relação com a impossibilidade que constitui as estruturas:

o fato de estarmos sempre às voltas com a dimensão do amor à verdade, dimensão, ao que tudo indica, que nos faz deixar escorregar completamente por entre os dedos a impossibilidade do que se mantém como real, precisamente no plano do discurso do mestre como Hegel o enunciou - eis o que necessita a referência ao que o discurso analítico felizmente nos permite vislumbrar e articular com exatidão (*ibid.*, p.165)

Lacan rejeita a ideia de amor à verdade justamente porque procura sublinhar uma relação que apenas o discurso analítico permite evidenciar. Colocar o saber no lugar da verdade consiste em situar a verdade a partir de sua impotência, ou seja, a partir de um semi-dizer que se confina a um saber disjuncto e não-todo. É apenas pela recolocação da pergunta sobre o enigma em conjunção à verdade que Lacan procura evidenciar a relação sempre parcial, incompleta e impossível com o real que o discurso analítico sustenta: "se tivermos uma chance, de alguma forma, de que o saber interrogado em função de verdade tenha um sentido, isso deve ocorrer em nosso pequeno molinete" (*ibid.*, p.102). É por colocar-se no lugar da rejeição que o analista pode operacionalizar esta impotência da verdade, valendo-se da impossibilidade da relação do sujeito com o gozo. Lacan faz alusão à "pedra rejeitada que torna-se pedra de toque". Isto significa que o analista, fazendo funcionar justamente o que nos discursos é a marca da impossibilidade (objeto pequeno a), desempenha um papel estruturante para fazer emergir um sujeito - antes objetificado pelo gozo do Outro - a partir da causa de seu desejo. É apenas aí, sustentado por esse saber no lugar da verdade - no lugar designado como verdade, abaixo e à esquerda, que o analista advém fazendo o objeto (a) operar como causa:

O que se espera de um psicanalista é, como disse da última vez, que faça funcionar seu saber em termos de verdade. É por isto mesmo que ele se confina em um semi-dizer. Eu o disse da última vez, e terei que voltar a isto, porque tem suas consequências. É ao analista, e a ele somente, que se endereça essa fórmula que tantas vezes comentei, *Wo es war, soll Ich werden*. Se o analista trata de ocupar esse lugar no alto e à esquerda que determina seu discurso, é justamente porque de modo algum está lá por si mesmo. É lá onde estava o mais-de-gozar, o gozar do Outro que eu, na medida em que profiro o ato analítico, devo advir. (*ibid.*, p.50)

Analisar torna-se impossível justamente porque é a marca do real. É precisamente ao cernir esse real que um sujeito pode advir. Vimos isso quando percorremos a figura do toro no "Seminário IX": a partir da repetição significativa incontornavelmente diferencial podemos contornar um real, designado somente pela letra como um "X" idêntico a si mesmo. É o real como aquilo que retorna sempre ao seu lugar, como vimos também na "Carta Roubada". Ora, o que Lacan procura demonstrar aqui é a mesma coisa. O trabalho analítico torna-se impossível porque necessita da circunscrição desse impossível do gozo, de sua interdição, para daí fazer com que o sujeito venha advir. Inicialmente, como vimos, ele é marcado pela ausência do traço, foracluído no mecanismo de sua própria repetição - foracluído então em relação ao desejo. É apenas pelo ato analítico que o sujeito pode tornar-se +1 e emergir desejante onde antes era apenas gozado pela linguagem, tornado

objeto da ausência de significação estável, da impossibilidade do significante o representar. O que interessa-nos sublinhar é que estas consequências dependem inteiramente da escrita que estrutura os discursos - da mesma forma que as consequências tiradas no capítulo anterior dependiam da escrita da figura do toro. É a letra que marca o lugar no qual o analista deve advir justamente porque uma análise depende, em última instância, da estrutura. O analista - tal como o físico, como vimos anteriormente - não manuseia a bel prazer o discurso analítico, mas emerge como função justamente porque é ele quem precisa advir na estrutura. A condição de advir neste discurso é precisamente fazer o avesso do discurso do mestre: por um lado, operar justamente na relação entre objeto a e $\$$, por outro, fazer o saber disjuncto - não-todo - operar no lugar da verdade que só pode ser abordada pela metade. O discurso analítico, portanto, permite demonstrar a impossibilidade que está em jogo na relação entre sujeito e gozo, assim como a impotência da verdade, mostrando a castração que esta pretende esconder. A condição da verdade, por sua própria natureza, já aponta para uma impossibilidade de tratá-la em sua completude:

Isso [que a verdade seja sempre semi-dita] quer dizer que, se nesse campo [do saber no lugar da verdade] dizemos algo de uma certa maneira, haverá uma outra parte desse mesmo dizer que vai se tornar absolutamente irreduzível, totalmente obscura (*ibid.*, p.102)

Esta é a condição a partir da qual o discurso analítico deve operar. Apenas tratando a verdade para além do véu que o amor coloca é que podemos entender a condição impossível enraizada no discurso analítico. Trata-se de uma operação, em última instância, que evidencia sempre a inevitabilidade da castração que o discurso do mestre pretende disfarçar. Castração, divisão, enfim: trata-se, no discurso analítico, de demonstrar a radical impossibilidade do significante de representar o sujeito plenamente, assim como a perda irreparável - perda do traço, do significante unário - que é concomitante ao próprio ingresso - ou submissão - do sujeito à linguagem sob a figura da repetição (S1 em relação a S2). Trata-se de uma impossibilidade real, portanto, que surge como figura a partir do próprio limite simbólico da linguagem: "o real é o impossível. Não na qualidade de simples escolha contra o qual quebramos a cara, mas de um escolha lógico daquilo que, do simbólico, se enuncia como impossível. É daí que surge o real" (*ibid.*, p.116). O que mascara esse real, contudo, é precisamente o problema do semi-dizer da verdade que se coloca entre nós e impossibilidade que é o real:

Não seria tão mau se a análise lhes permitisse perceber a que se deve a impossibilidade, quer dizer, o que faz obstáculo ao cercamento, ao

estritamente daquilo que, e nenhuma outra coisa, talvez pudesse em última instância introduzir uma mutação - ou seja, o real nu e cru, nada de verdade. Mas eis que entre nós e o real há a verdade. A verdade, há lhes enunciei um dia, num arroubo lírico, que era a irmãzinha querida do gozo⁵⁹ (*ibid.*, p.165-6)

A verdade é irmã do gozo justamente porque também relaciona-se com a impossibilidade que, através da impotência, aparece escamoteada. O discurso do analista permite, ao colocar o saber no lugar da verdade, evidenciar precisamente a impossibilidade que a impotência da verdade mascara. Impossibilidade de contornar a castração, de reparar a perda, do significante significar o sujeito:

toda impossibilidade, seja ela qual for, dos termos que aqui colocamos em jogo, articula-se sempre com isto - se ela nos deixa em suspense quanto à sua verdade, é porque algo a protege, algo que chamaremos impotência (*ibid.*, p.166)

Fazer funcionar o saber disjunto em sua condição de verdade, portanto, é o que permite ao discurso do analista circunscrever esse lugar vazio, lugar real, da impossibilidade. Segundo Iannini, este mecanismo necessita de duas operações:

o resultado do gesto de reservar ao discurso analítico uma posição de exceção no que concerne à relação entre verdade e saber - é o único discurso em que o saber *passa* pela verdade - é surpreendente. A condição de entender isso supõe uma dupla cláusula: o saber de que se trata é o "saber disjunto", saber fora-do-sentido, que consente com o enigma, com o *pas-de-sens*; a verdade é não-toda, apenas semi-dita. No discurso (impossível) do analista, o saber (acéfalo, que não se sabe) *passa* no lugar vazio da verdade. Nem a transitoriedade desses instantes contingentes, nem a precariedade de sua captura implicam a desvalorização da verdade. A verdade é desalojada e reduzida pelo discurso analítico (...) Reduzida, mas indispensável (IANNINI, 2013, p.343)

Trata-se, portanto, de uma relação que não procura salvar a verdade, ou conhecê-la em sua totalidade, mas de questioná-la justamente no ponto em que ela mesma toca na castração, na impossibilidade. Ao colocar na linha superior - no lugar da impossibilidade - a relação entre *a* e $\$$, o discurso do analista avança justamente no procedimento de bordar

⁵⁹ A tradução brasileira parece ter cometido um equívoco. No texto estabelecido no Brasil, lê-se "impotência" ao invés de "gozo". Contudo, Lacan já havia tratado da verdade como irmã do gozo no início do seminário. No texto disponível em www.staferla.free.fr consta "gozo" (*jouissance*) ao invés de "impotência" (*impuissance*). Alteramos a tradução brasileira pois acreditamos que está em jogo, neste momento, a relação que o discurso do analista estabelece entre a impotência da verdade e a impossibilidade sobre a qual ela lança um véu. Segue o trecho original: "*L'impossibilité, ce que l'analyse nous permet d'en apercevoir, c'est que l'obstacle à son cernage, à son serrage, est ceci qui seul pourrait peut-être au dernier terme y introduire une mutation : le réel nu - pas de vérité - ça serait pas mal ! Seulement voilà : entre nous et le réel il y a la vérité. La vérité, je vous ai une fois énoncé un jour dans une envolée lyrique, que c'était la chère petite sœur de la Jouissance.*"

um real do qual o sujeito será efeito, já que surgirá a partir do objeto (a), da marca do impossível da repetição do significante. Trata-se de fazer da verdade um lugar vazio que pode ser abordado apenas obliquamente. É deste lugar vazio que o analista advém na função de (a) como causa de desejo. É precisamente por se tratar de uma operação tão insensata que Lacan faz questão de sublinhar a impossibilidade de se analisar: "será que acentuo o bastante a relevância da impossibilidade de sua posição, na medida em que o analista se coloca em posição de representar, de ser o agente, a causa do desejo?" (LACAN, 1992, p.168). Fazer desejar é uma ação impossível justamente porque o analista, quando advém no lugar que lhe convém no discurso, vem desempenhar a função estrutural que marca o impossível. Ele, como operador estrutural, faz agir precisamente do objeto de impossível simbolização: o objeto causa de desejo (a). O que o discurso da análise mostra é que todo discurso se funda a partir de uma impossibilidade: a interdição ao gozo, a impotência do significante significar a si mesmo, a impossibilidade de recuperar o traço sempre perdido. O que Lacan vem marcar - e depende da emergência do discurso do analista como avesso do mestre - é justamente que o significante, como meio de gozo, aparelha os discursos a partir de sua inconsistência, de sua impossibilidade de representar o sujeito plenamente. Interditado de representar-se na linguagem, o sujeito advém como mero efeito deste vazio cernido pela repetição significante: "Na medida em que a linguagem (...) deixa as coisas numa hiância, é que, em suma, podemos estar certos de que, seguindo seu fio, nunca faremos outra coisa senão seguir um contorno" (*ibid*, p.169). É precisamente este movimento que está em jogo no advento do real a partir da figura do toro, quando vimos no capítulo passado. Quando abordamos o advento do real pela repetição significante na figura do "oito interior", destacamos a emergência do sujeito a partir deste lugar vazio que se inscreve como um mesmo, um pedaço de real escrito pela letra idêntica a si mesma. É neste sentido que o sujeito é, ele mesmo, impossível (LACAN, 1992). A pretensa identidade entre significante e sujeito no discurso do mestre é, portanto, completamente invertida. Não só esta identidade não existe como ela é elevada à potência do impossível no discurso analítico: o sujeito situa-se como hiância, como falta-a-ser, tão somente a partir de um efeito de impotência da própria linguagem. Por se localizar justamente neste hiância, o sujeito é efeito do lugar vazio marcado pela insistência do significante e, enquanto tal, está completamente à margem de qualquer relação com a substância. Neste sentido, o sujeito, como efeito do real marcado pelo letra, pode sempre marcar-se diferencialmente, emergir a partir de outras relações significantes. O discurso do analista, em oposição ao discurso do mestre, produz

um sujeito que não está atrelado a nenhuma substância, a nenhum ser. Efeito do lugar vazio que a insistência significante marca, ele sempre emerge equívoco, sempre diferencial, nunca hipostasiado. Esta é a possibilidade aberta pelo discurso analítico: fazer "faltar ser" ao sujeito, ou seja, produzi-lo em diferença com o que aparentemente o constitui de maneira equívoca. Fazer girar o discurso do mestre para a produção de um sujeito cujo ser está em decadência e, por isso, pode aparecer em sua equivocidade, em sua relação com outros significantes.

Resta-nos sublinhar que novamente é a letra que vem fazer operar esta impossibilidade. Ao longo de todo nosso trabalho vimos que a letra sempre vem marcar o advento do real nas diversas elaborações de Lacan. Neste momento, a letra também ocupa esta função. Depende da escrita a possibilidade de escrever os discursos que, como vimos, estruturam-se além da fala. É só nesta pura articulação de letras que podemos cernir o impossível que está em jogo no discurso analítico - da mesma forma que é pela própria escritura das letras e dos lugares que conseguimos tecer de maneira mais elaborada a oposição entre discurso do analista e discurso do mestre. É a escrita de pequenas letras, portanto, que permite a formalização do impossível na estrutura mesmo do discurso do analista. Impossível, como vimos, que depende da emergência do real marcado pelo lugar vazio da letra. Trata-se, portanto, na escrita, formalização do impossível pelo esvaziamento da significação, do sentido, enfim, pela produção do limite do simbólico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito central deste trabalho consistiu em investigar as complexas relações entre significante e letra. Partimos da ideia de que em Lacan há uma miríade de referências sobre a relação entre ambos os termos que, por vezes, parecem ser próximos, quase idênticos e, por outras, parecem situar-se em oposição. O esforço primordial deste trabalho, portanto, foi para explicitar as contradições e paradoxos que parecem fazer parte de qualquer trabalho que procure dar conta desta enigmática relação. Seria a letra, então, a essência do significante ("Seminário IX")? Ou tratar-se-ia de duas figuras opostas e excludentes, de outra cepa ou registro, como diz Lacan no "Seminário XX" quando fala da escrita? Este trabalho tentou dar uma resposta satisfatória a ambas as perguntas dentro de uma mesma argumentação.

Antes de procurarmos dar alguma resposta à pergunta da relação entre significante e letra, contudo, foi necessário distingui-los. Ainda que Lacan aproxime-os por vezes, há características que são específicas à letra e ao significante. É apenas pela consideração de ambos os termos em suas independências que podemos começar a elaborar a natureza da relação que os articula. O significante, portanto, foi abordado em suas definições axiomáticas: a impossibilidade de significar a si mesmo; a impossibilidade de ser idêntico a si mesmo ($x \neq x$). A letra, por sua vez, compartilha uma característica com o significante: jamais significa a si mesma. Contudo, ela pode ser idêntica a si mesma ($x = x$). É precisamente por esta propriedade que ela assinala o real, o impossível. Ambos os termos, portanto, compartilham a característica de jamais significarem a si mesmos. Contudo, como assinalamos, é a letra que vem garantir esta condição do significante. É a letra que "localiza a função do significante", despiando-lhe de quaisquer sentidos ou significados. O significante, por estar irremediavelmente associado em cadeia, é, por natureza, incapaz de significar a si mesmo, mas comparece numa rede de significados que lhe foram impostos mediante associação. A letra, contudo, vem marcar este caráter "insignificável" do significante. Podemos propor que esta condição depende da letra porque ela se apresenta como fundamentalmente sem sentido, sem significado, sem articulação significativa. É exatamente por isso, como vimos, que ela é inerente à passagem ao real.

O primeiro capítulo, por se restringir às definições específicas de significante e letra - e à relação que está implicada nas definições mesmas - pode ter parecido exageradamente introdutório ou superficial. Pensamos que esta aparência foi dissolvida ao longo do trabalho. O primeiro capítulo serve como ponto de referências para o que foi

trabalhado nos outros dois. Neste sentido, as argumentações que se seguiram sempre balizaram-se ao redor da condição $x \neq x$ do significante e $x = x$ da letra. Ainda que pequeno, o primeiro capítulo é o alicerce sem o qual a argumentação construída nos capítulos subsequentes não conseguir se sustentar. Foi apenas a partir de pensarmos o significante e a letra em suas definições específicas que conseguimos colocá-los em dinâmica.

Esta dinâmica foi o objeto central do segundo capítulo. Interessava-nos sobretudo colocar a letra e o significante em relação - sem apagar suas especificidades. Isso foi possível pela figura do toro, que apresentou-se a nós como a própria materialidade da relação entre significante, letra e sujeito. Vimos que a figura do toro se estrutura em torno da função do traço unário - e da impossibilidade do significante em constituir-se como significante unário. Em suma, trata-se da impossibilidade **escrita axiomáticamente na fórmula do significante: $x \neq x$** . É pela característica fundamental do significante que esta marca do traço é sempre perdida. É precisamente pelo fato de ele jamais significar a si mesmo, elidir-se sempre em relação a si mesmo que o traço unário comparece como campo de irremediável perda. Dada essa impossibilidade, a demanda (D, círculo pleno ou geratriz) pode apenas repetir-se. Vimos como que a demanda, figura da insistência do significante, relaciona-se intimamente com o desejo (d ou círculo vazio). É a partir da insistência da demanda, da repetição incontornavelmente diferencial do significante que percorremos o círculo vazio (d) do desejo. É neste ponto que Lacan coloca o objeto (a), não como um objeto ao qual nós chegamos uma vez que demandamos o suficiente, mas de um lugar vazio que é bordado precisamente pelas voltas significantes e representado pela letra como um "mesmo", um " $x = x$ ". O (a) emerge, portanto, pela impotência da própria linguagem, impotência do Outro - barrado - que nada responde ao sujeito que lhe demanda seu desejo. Alienado irremediavelmente ao campo do Outro, o sujeito emerge precisamente deste vazio que é marcado pelo fato de que o Outro, como campo dos significantes, consiste apenas na mesma inconsistência que o significante que jamais é idêntico a si mesmo, jamais consegue repetir-se como um mesmo. A tentativa resulta na circunscrição de um lugar vazio, um nada de onde destaca-se o (a) - que é no que consiste o Outro, como vimos - como objeto causa de desejo. É justamente o lugar de um nada fundamental que a letra vem marcar nesta relação com (a). Um "nada fundamental", como Lacan marca, mas que não é sem efeitos. Fizemos alusão ao que "só existe ao não ser" justamente para apontarmos o caráter de formalização do impossível que está em jogo na escrita do toro. O que comparece como (a), marcado pela letra como um lugar vazio, é um lugar impossível, real, justamente porque emerge pela borda do limite do simbólico,

ou melhor, do limite do significante. Esse limite é perfeitamente articulável na figura do "oito interior" de Lacan. O significante, como vimos, é chamado a significar a si mesmo em cada uma de suas voltas. Mais uma vez retornamos à definição axiomática do significante: tal proeza é **impossível**. Dada esta impossibilidade, cabe ao significante repetir-se diferencialmente. Ora, neste mecanismo de tentativa de repetir-se identicamente e resultado de repetir-se diferencialmente produz-se justamente uma borda de algo que pode ser idêntico a si mesmo. Um "X", um "mesmo", marcado pela letra. É justamente por esse mecanismo do "oito interior" que podemos entender os paradoxos da letra apresentados na segunda seção do primeiro capítulo. Tanto no "Seminário sobre 'A Carta Roubada'" quanto no "Seminário IX", o que estava em questão era o limite do simbólico que colocava a pergunta "A é A?". Ora, como vimos em relação ao significante, **A jamais será A**. Contudo, no campo da letra, que marca um "mesmo" a partir das repetições significantes sempre diferenciais, podemos falar que **A pode ser escrito como A** uma vez que, como passagem ao real, A é a marca de um lugar vazio que pode ser idêntico a si mesmo, embora jamais possa significar nada.

Voltando ao oito interior, Lacan diz que este campo "X" marcado pela letra apresenta-se como um campo de exclusão, como vimos, que contudo deve ser guardado. Vimos o porquê dessa prescrição: o campo de exclusão é justamente o campo onde circunscrevemos o advento do real. O sujeito, como sua resposta, emerge justamente aí onde ele estava foracluído. Como vimos, cabe à leitura do analista escutar o que de desejo está subjacente às demandas do analisando para assinalar este campo que, no limite do simbólico, está permanentemente sendo bordado - ex-sistindo - pela repetição do significante. O sujeito, então, que se encontra a princípio como um -1, ausente nas demandas que o foracluam, deve ser contabilizado como +1 justamente pelo analista que supõe, no conjunto das demandas, o desejo que subjaz a elas. Neste sentido, o analista deve assinalar justamente esse lugar vazio, lugar da letra como passagem ao real, do qual o sujeito é efeito.

A letra, como efeito de dejetivo ou resto nos limites da trama simbólica, é contudo inerente à passagem ao real. Ela é estruturante, portanto, em relação à constituição do sujeito desejante. É apenas a partir da circunscrição da letra como um $x=x$ absolutamente sem sentido e sem significado, de um lugar que comparece como um "mesmo" vazio que o sujeito pode advir decantado de todas as suas significações, de suas determinações posteriores. Onde ele apresentava-se foracluído pelas demandas, apresenta-se agora como efeito de desejo, efeito do real marcado pela letra. Propomos, então, ao final da elaboração

sobre o toro, tratar a letra como um **resto estruturante**: resultado da impossibilidade nos limites do significante, do simbólico; parte estruturante (objeto causa de desejo; marca do advento do real) do sujeito. Vimos que a relação entre escrita, letra e significante extrapola os limites do "Seminário IX". Quando nos debruçamos sobre o "Seminário XIX", pudemos propor que a escrita é a maneira privilegiada de pensar a relação entre significante e letra. É **apenas a partir da escrita formal** que podemos vislumbrar certas relações fundamentais entre letra e significante. Sem a escrita topológica da figura, assim como a escrita das fórmulas axiomáticas do significante e da letra, nunca poderíamos ter chegado às conclusões apresentadas. Neste sentido, como vimos, a escrita sempre apresenta uma "transmutação entre significante e letra". Ora, é precisamente isso que está em jogo no toro: o advento da letra pela tentativa de retorno do significante sobre si mesmo. A letra é tratada no "Seminário XIX" como um **significante recalcado**. Ora, essa faceta também está em jogo na função da letra como resto estruturante. Como vimos, este resto é inteiramente dependente da repetição do significante, que tenta fazer ressurgir esse traço unário, ser idêntico a si mesmo. Por conta do inevitável fracasso dessa operação, a letra surge como marca da ausência deste significante que já se esvaiu (significante recalcado). Ela comanda, portanto, cada vez mais repetição, engendrando aí apenas um lugar vazio marcado pela letra. No toro, a letra ocupava o mesmo lugar de repetição e contorno de ausência que no "Seminário XIX".

Terminamos o segundo capítulo propondo que a letra desempenha uma função de resto estruturante em relação ao significante pois representa justamente o significante recalcado, lugar vazio de perda do traço. A escrita operacionaliza a relação entre significante e letra. É por conta de sua entrada em cena que a letra pode vir comparecer como resto estruturante, significante recalcado. Isso se deve ao fato que a escrita, em Lacan, é sobretudo formal: é ela que entra em jogo sempre que trata-se de formalizar a psicanálise, ou melhor, formalizar o inconsciente. Neste sentido, a escrita é sempre escrita do inconsciente, de seus funcionamentos, possibilidades e impossibilidades. No terceiro capítulo foi essa ideia que procuramos desenvolver. O argumento central foi o de que **algumas relações só se mostram pela escrita**. Estas relações são as estruturas, relações que sempre ficam escamoteadas na dimensão da fala: o advento da letra a partir do limite simbólico; o advento do real e do sujeito; a segunda volta do toro, responsável justamente pela aparição do sujeito desejante. etc. Em um primeiro momento, no segundo capítulo, utilizamos a escrita para demonstrar a estrutura da lógica entre significante, sujeito e letra. No terceiro capítulo o que estava em pauta era a formalização da própria estrutura

discursiva: da cadeia significativa em "A Carta Roubada"; dos quatro discursos no "Seminário XVII".

No "Seminário sobre 'A Carta Roubada'", associamos a letra ao *caput mortuum* do significativo, uma vez que esta "cabeça morta" é justamente um resto estruturante. É um resto inassimilável da operação significativa - resíduo elementar na alquimia - que age determinando as possibilidades, impossibilidades e constrangimentos da estrutura simbólica. Neste sentido, a letra viria desempenhar um papel crucial na formalização da psicanálise por ser escrita em termos formais e matemáticos (no caso as cadeias de Markov). *Caput mortuum* ou letra, uma vez que ambos os termos desempenham a mesma função estrutural: função de causa em relação ao sujeito (percurso subjetivo no texto em questão); de furo em relação ao simbólico; de ausência em relação ao objeto desde para sempre perdido; de repetição de um contorno pois ambos os termos estão intimamente associados à circunscrição, pela repetição, de um lugar ausente, vazio. Podemos concluir, nesta seção, que a letra, além de ser um resto estruturante em relação ao significativo, o é também em relação à própria estrutura da cadeia. O mais importante a ressaltar neste momento é que o *caput mortuum* - a letra - apresenta-se apenas mediante a escrita da estrutura, e não antes ou depois. Trata-se da impossibilidade, portanto, como fato de estrutura. Caso não houvesse essa escrita, essa impossibilidade passaria ao largo do tratamento analítico, pois poderíamos supor que sempre falaríamos mais ou melhor.

Foi a partir de nosso estudo sobre o "Seminário XVII" que nos debruçamos mais profundamente sobre a impossibilidade como fato de estrutura. A letra apresenta-se aqui como responsável pela formalização da estrutura. Contudo, o que mostramos ao longo de nosso trabalho é que esse fato acompanha as diversas formulações de Lacan sobre a letra. Sempre que ela entre em jogo - e, portanto, a escrita - o que Lacan procura é formalizar o campo analítico, escrever o inconsciente em suas relações fundamentais. Essas "relações fundamentais" são o que leva Lacan a propor uma distinção entre fala (*parole*) e escrita. No "Seminário XVI", como vimos, ele procura um discurso ser fala (*parole*) justamente porque apenas a partir da escrita podemos demonstrar relações formais que estão escamoteadas no âmbito da fala. Vimos isso anteriormente. Essas relações formais são as estruturas. Como dissemos anteriormente, a impossibilidade é um fato de estrutura demonstrado apenas pelo uso de letras lógicas. É precisamente por essa escrita em letras que, segundo Lacan, a estrutura é real. Procuramos, nesta seção, demonstrar a impossibilidade real da estrutura, assim como as especificidades do discurso do analista e do mestre em relação ao sujeito, ao significativo e ao gozo.

Vimos aparecer mais uma vez a figura da repetição associada à impossibilidade escrita pela letra. Aqui, contudo, Lacan trabalha o gozo como marca do impossível, da interdição irremediável. Como vimos, contudo, o gozo deve ser pensado em termos significantes. É sobretudo a noção de perda, de falta que associa-se a ele, da mesma forma que da perda do traço o significante emerge em sua impossibilidade de representar a si mesmo ou representar o sujeito de maneira inequívoca. Aqui, o gozo produz essa marca da perda - Lacan faz alusão à "glória da marca" em uma aproximação, em nossa leitura, ao traço unário - a partir da qual o significante emerge fazendo seu contorno. É justamente por isso que o saber, para Lacan, é meio de gozo. Estamos sempre às voltas com a impotência da linguagem, do Outro: há sempre uma perda - de ser, de significação - na linguagem. O gozo de que Lacan trata é a marca desta falta, desta perda, no campo da linguagem. Neste sentido, podemos propor que o sentido que se apresentava no "Seminário IX" em relação ao traço unário - como perda e repetição de um contorno - mantém-se na figura do gozo que também marca a irreparável perda no campo da linguagem, a impossibilidade do significante de representar um sujeito de maneira plena, a incontornável verdade da castração que emerge dessa impossibilidade. Também de modo análogo à exposição da figura do toro, é da repetição da tentativa de fazer com que esse gozo retorne que destacamos a função do objeto (a), tomado aqui como mais-de-gozar, marca da impossibilidade no campo da linguagem ainda que seja seu ponto mais fundamental pois diz respeito ao gozo - resto estruturante. O gozo, então, é o ponto central desta impossibilidade inscrita no próprio significante: impossibilidade de significar a si mesmo, de constituir-se como Um, de fazer o sujeito coincidir com o significante.

É justamente esta operação, elevada à categoria de impossibilidade no caso do discurso do analista, que é escamoteada no discurso do mestre. Como vimos demonstrado pela escrita o discurso do mestre exclui a relação do sujeito com o objeto a, com a causa de desejo, com o gozo. Esta relação com o gozo, com a falta, com a perda, é completamente escamoteada no discurso do mestre justamente por conta da tentativa de hipostasiar o sujeito pela sua pretensa identidade com o significante. Ao invés de relacionar-se com o gozo, portanto, que é a marca da falta no campo da linguagem, o discurso do mestre rejeita esta relação para procurar substancializar o sujeito a partir do significante. Rejeita, portanto, a verdade da castração que está inscrita na linha superior do discurso do analista. A verdade do discurso do mestre (sujeito barrado no lugar da verdade) é precisamente aquilo que é rechaçado. Não há divisão, e sim atribuição de ser

ao sujeito pretensamente unívoco, como assinalamos na homofonia entre *maître* (mestre) e *m'être* (meu ser, ser-me).

O discurso do analista é diametralmente oposto às relações estabelecidas no caso do mestre. A relação do sujeito com o gozo, ao invés de estar interditada, localiza-se diretamente na linha superior. O gozo, radicalmente rechaçado pelo discurso do mestre, é colocado como agente do discurso: agente impossível uma vez que (a), como causa de desejo ou mais-de-gozar, é a marca da perda, da falta, da impotência no campo da linguagem. A verdade que tenta ser mascarada pelo discurso do mestre - a divisão, a castração -, portanto, é elevada à noção de relação impossível no discurso do analista. Ao invés de ser, portanto, o discurso do analista proporciona uma falta-a-ser justamente por colocar o sujeito em relação com a marca da perda na linguagem: perda de significado, ausência de referencial, impossibilidade do significante representar o sujeito. Este lugar é marcado pelo (a) que exaustivamente associamos à letra. Mais uma vez, o que está em jogo é a aparição da letra no percurso analítico. Ao fazer avançar a função da falta-a-ser, o discurso analítico coloca como seu agente justamente este objeto-borda, marca da impossibilidade real do sujeito de fato ser idêntico ao seu significante. A letra, como operação que decanta os sentidos e as significações do significante, opera novamente aqui como refratária à noção de substância ou ser. O sujeito que se localiza na borda circunscrita pela função da letra, portanto, estará completamente decantado de suas significações anteriores - ou do seu ser, caso pensemos na ilusão do discurso do mestre. Ainda que a letra seja idêntica a si mesma, ela não coloca nenhum tipo de ser em jogo. Esta identidade ($x=x$) é completamente sem sentido e sem referencial. É um lugar vazio, um lugar que emerge da impossibilidade do significante ser idêntico a si mesmo - impossibilidade marcada pela função de perda de gozo (perda do unário) inscrita no seio da linguagem. Como dissemos, é pela letra que passamos ao real - e é como efeito do real que surge um sujeito. Neste sentido, este sujeito está radicado na impossibilidade de ser unário, único, total. Inscrito no "entre" do par ordenado, o discurso do analista coloca em jogo, através do tratamento, todas as determinações com as quais o analisando se substantifica para daí emergir um sujeito em sua diferença. Mais uma vez a letra vem desempenhar uma função estrutural importantíssima no campo da psicanálise, pois é pela escrita de pequenas letras que essas consequências podem ser tiradas. É do escrito, portanto, que Lacan atesta a impossibilidade. A letra que, como vimos, possui relação íntima com o significante - resto estruturante -, é fundamental sempre que a formalização do campo analítico, ou melhor, a escrita do inconsciente entra em cena. Neste sentido,

vimos que é apenas pela escrita, fundamentalmente - e pela função da letra no escrito - que podemos retirar inúmeras consequências importantíssimas para o campo analítico. O interesse formal de Lacan, portanto, guarda sua relevância incontestável. A letra, como peça central da formalização, é fundamental para a sustentação do campo analítico. Como vimos, ela não exclui a dimensão do simbólico, sendo estritamente real, mas situa-se, ou melhor, **escreve a impossibilidade simbólica desde os limites do significante**. Este é o interesse da letra, como resto estruturante: **escrever a impossibilidade da emergência do sujeito, a impossibilidade que o campo da linguagem apresenta em seu âmago, o real que é escrito desde as frinchas do simbólico mas nunca independentemente dele**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, A. *O caput mortuum* do significante: uma introdução a "O seminário sobre 'A Carta Roubada'". In: *Revista do Departamento de Psicologia - UFF, Vol. 10, N.1.* UFF, 1998.

_____. Considerações sobre a causalidade inconsciente: a cadeia significante e o significante impossível. In: COSENTINO, Juan Carlos (Org.). *O estranho na clínica psicanalítica: vicissitudes da subjetividade.* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2001.

EIDELSZTEIN, A. (2006) *Formalizaciones matematizadas en psicoanálisis.* Classe 6. Sem publicação. Disponível em: <http://www.apertura-psi.org/?p=535>

FREUD, S. (1900) *A interpretação dos sonhos.* Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001.

_____. (1920) *Além do princípio de prazer.* Porto Alegre. RS: L&PM, 2016.

_____. (1933 [1932]) Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira (vol.XXII).* Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GOLDENBERG, R. *Desler Lacan.* São Paulo: Instituto Langage, 2018.

IANNINI, G. *Estilo e verdade em Jacques Lacan.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LACAN, J. (1954-55) *Seminário II. O eu na teoria de Freud.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985a.

_____. (1955) Seminário sobre "A carta roubada". In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998a, p. 13-69.

_____. (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 496-537.

_____. (1961-2) *Seminário IX*. A identificação. Sem publicação. Disponível em: www.staferla.free.fr

_____. (1955-6) *Seminário III*. As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985b.

_____. (1959-60) *Seminário VII*. A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

_____. (1965-6) *Seminário XIII*. O objeto da psicanálise. Sem publicação. Disponível em: www.staferla.free.fr

_____. (1966-7) *Seminário XIV*. A lógica do fantasma. Sem publicação. Disponível em: www.staferla.free.fr

_____. (1968-9) *Seminário XVI*. De um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. (1969-70) *Seminário XVII*. O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

_____. (1971) *Seminário XVIII*. De um discurso que não fosse do semblante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____. (1971-2) *Seminário XIX*. ...ou pior. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012.

_____. (1972-3) *Seminário XX*. Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985c.

_____. (1973) O aturdido. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003a.

_____. (1974) *A terceira*. Sem publicação. Disponível em: www.staferla.free.fr

_____. (1975) Talvez em Vincennes... . In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003b, p. 316-319.

_____. (1975-6) Lacan in North Armorica. [recurso eletrônico] / Frederico Denez; Gustavo Capobianco Volaco (Orgs.), Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

KOYRÉ, Alexandre. Galileu e Platão. In: *estudos de história do pensamento científico*. Rio de Janeiro: Forense, 2011.